

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

RICARDO CHIMINAZZO

ORAÇÃO EM MOVIMENTO:

A devoção e a religiosidade dos peregrinos no “Caminho da Fé” e na “Rota da Luz”

**CAMPINAS
2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

RICARDO CHIMINAZZO

ORAÇÃO EM MOVIMENTO:

A devoção e a religiosidade dos peregrinos no “Caminho da Fé” e na “Rota da Luz”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira

**CAMPINAS
2022**

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

248.49
C538o

Chiminazzo, Ricardo Augusto Fabiano

Oração em movimento: a devoção e a religiosidade dos peregrinos no "Caminho da Fé" e na "Rota da Luz" / Ricardo Augusto Fabiano Chiminazzo. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

141 f.: il.

Orientador: Paulo Augusto de Souza Nogueira.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Peregrinos e peregrinações. 2. Catolicismo. 3. Aparecida, Nossa Senhora. I. Nogueira, Paulo Augusto de Souza. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

CDD 22. ed. 248.49

RICARDO AUGUSTO FABIANO CHIMINAZZO

Oração em Movimento: a devoção e a religiosidade dos peregrinos no "Caminho da Fé" e na "Rota da Luz"

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 24 de fevereiro de 2022.



PROF. DR. DARIO PAULO BARRERA RIVERA (UFJF)



PROFA. DRA. ANA ROSA CLOLET DA SILVA (PUC-CAMPINAS)



PROF. DR. PAULO AUGUSTO DE SOUZA NOGUEIRA – Presidente (PUC-CAMPINAS)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa Gláucia,
minha companheira de peregrinação nessa vida.

AGRADECIMENTOS

Acho que precisaria de outra centena de páginas para ser justo com todos que, de uma forma ou outra, colaboraram com meu trabalho. Mas manifesto minha especial gratidão às pessoas que nomeio a seguir:

A Deus, pelo dom da vida e por me conceder mais talentos e alegrias nessa vida do que teria capacidade para agradecer.

À Nossa Senhora da Conceição Aparecida, A padroeira.

À minha esposa Gláucia e minhas filhas, as gêmeas Olga e Sofia, pela paciência, apoio, compreensão e pelos momentos cuja convivência familiar fora “roubada” pelos estudos.

Ao meu pai, Roberto (*in memoriam*), e minha mãe, Wânia, pelos exemplos de retidão, caráter e incentivo à educação.

À minha irmã Rosana, que sempre deu exemplos de que não se deve desistir nunca de seus projetos, e ao meu irmão Roberto, que provavelmente não se lembra, mas me ensinou a fazer minha primeira pesquisa científica.

Ao Prof. Dr. João Miguel Teixeira de Godoy, pelo primeiro empurrão em minha pesquisa.

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira, pela amizade, carinho fraterno, apoio e orientação. Começamos como orientador e orientando, mas ousei dizer que acabamos como amigos.

Ao grande amigo Claudionor Vieira Báus, que me apresentou às peregrinações e fez várias sugestões, provocando discussões que ajudaram a enriquecer este trabalho.

Ao amigo Carlos Eduardo Vageler, que estava lá na primeira peregrinação até Aparecida e cuja transformação de atleta em peregrino eu presenciei.

Ao Prof. Dr. Pe. Luiz Roberto Benedetti, pelo valioso incentivo e amizade.

Ao programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), nas pessoas do ex-Diretor, Prof. Dr. Renato Kirschner, e do atual, Diretor Prof. Dr. Douglas Barros, minha gratidão extensiva a todos os professores e, na pessoa da Marlei, secretária e salvadora, minha gratidão a todos os funcionários.

Meus sinceros votos de que Nossa Senhora Aparecida os proteja sob seu manto.

“Me disseram, porém,
Que eu viesse aqui,
Pra pedir em Romaria e prece
Paz nos desaventos...
Como não sei rezar, só queria mostrar,
Meu olhar, meu olhar, meu olhar...”

Romaria
(Renato Teixeira)

RESUMO

Essa dissertação é resultado do estudo das peregrinações em duas rotas que conduzem ao mesmo destino final: o Santuário Nacional de Aparecida (SP). O “Caminho da Fé” e a “Rota da Luz” são analisados sob as perspectivas da performance espacial, da simbologia e da memória cultural presentes na religiosidade popular. A “Rota da Luz” se inicia em Mogi das Cruzes (SP) e vai direto a Aparecida (SP); o “Caminho da Fé” tem diversos pontos de início, que acabam se unificando na cidade de Águas da Prata (SP), seguindo depois em rota única até Aparecida (SP). O estudo tem como objetivo principal analisar, por intermédio de fontes audiovisuais, a performance dos atores no espaço descrito, observando a emergência e manifestações de sensações e comportamentos típicos da religiosidade popular. Para tanto, recorrer-se-á à Teoria Fundamentada como método de pesquisa, pois se usa a análise de vídeos produzidos pelos peregrinos como forma de coleta de dados. Como fonte secundária ou complementar, será usada pesquisa bibliográfica para formular as premissas e os conceitos do objeto de estudo. O objetivo deste estudo é observar a performance especial simbólica e a memória cultural, com ênfase nas manifestações da religiosidade popular nessas peregrinações. Trata-se de uma abordagem acadêmica cujos resultados poderão ser úteis como base para outras pesquisas.

Palavras-chave: peregrinação, catolicismo popular, memória cultural, Nossa Senhora Aparecida, religiosidade popular.

ABSTRACT

This dissertation is a study on pilgrimages on two routes that lead to the same destination point: the National Shrine of Aparecida (SP): “Caminho da Fé” (the Path of the Faith) and “Rota da Luz” (The Route of Light) from the perspective of popular religiosity. The “Rota da Luz” starts in Mogi das Cruzes (SP) and go straight to Aparecida(SP) and the “Caminho da Fé” has several starting points (“branches”) that unify in the city of Águas da Prata (SP) in one route that leads to Aparecida (SP). This study aims primarily analyze the performance and spaces in videos made by the pilgrim to make experiences emerge to be theorized in terms of popular religiosity. That is why the Grounded Theory will be applied, since it is a method that uses the video analysis as a primary source of data collection. As a secondary/complementary source, bibliographic research will be used to formulate the premises and concepts of the object of study. The objective of this study is to analyze the presence of popular religiosity in these pilgrimages. The importance of this work is academic, aiming to know popular religiosity on such routes on the 21st century. The product of this work may serve as a basis for further research.

Keywords: Pilgrimage, Popular Catholicism, Cultural memories, Our Lady of Aparecida.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Interior da Basílica de Nossa Senhora Aparecida.....	65
Figura 2: Passagem dos Visitantes pela imagem de Nossa Senhora Aparecida.	66
Figura 3: Interior da Basílica de Aparecida.	67
Figura 4: Locais no “Caminho da Fé”	71
Figura 5: Trecho do “Caminho da Fé”	74
Figura 6: Trecho do “Caminho da Fé”	76
Figura 7: Ponte sobre o rio Paraíba, “Caminho da Fé”	77
Figura 8: Discípulos de Emaús – Interior da Basílica de Aparecida	82
Figura 9: Mapa do Caminho da Fé	84
Figura 10 – Banner com orientações aos peregrinos do Caminho da Fé.....	85
Figura 11: Informações sobre a altimetria do percurso no “Caminho da Fé”	88
Figura 12: Cartela de Identificação do Peregrino do Caminho da Fé	88
Figura 13: Mapa da Rota da Luz.....	89
Figura 14: Dona “Lu Alckmin” (à esq.) e peregrinas na Rota da Luz.	90
Figura 15: Dados altimétricos do percurso da “Rota da Luz”	91
Figura 16: Print de tela com informações sobre o fechamento da “Rota da Luz”.	93
Figura 17: Print de tela de exibição do documentário. Porta com símbolos marianos.	95
Figura 18: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Imagem do Imaculado Coração de Maria.	97
Figura 19: Print da tela de exibição do vídeo em pauta com motivo evocando religiosidade.	98
Figura 20: Print da tela de exibição de vídeo. Ciclistas percorrendo o “Caminho da Fé”	98
Figura 21: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Detalhes de trecho do “Caminho da Fé”.	101
Figura 22: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Fernando Godoy pega carimbo em credencial do “Caminho da Fé”.	103
Figura 23: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Paisagem natural de trecho do “Caminho da Fé”.	104
Figura 24: Print da tela de exibição do vídeo em pauta, com imagem evocando religiosidade. Trecho do “Caminho da Fé”	104
Figura 25: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Cristiano Bernacci exhibe sua credencial de peregrino do “Caminho da Fé” com alguns carimbos.	106
Figura 26: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. A imagem permite perceber o aclave que exige algum esforço dos peregrinos do “Caminho da Fé”.	106
Figura 27: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Porteira com os dizeres "Porteira do Céu" em trecho do “Caminho da Fé”.	108
Figura 28: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. A imagem pode evocar religiosidade. ...	109
Figura 29: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrina contempla a paisagem natural em trecho do “Caminho da Fé”.	110
Figura 30: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrinos no “Caminho da Fé” com roupas alusivas à Nossa Senhora e com logo da organização mantenedora do percurso.	111
Figura 31: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrino diante de uma imagem de Nossa Senhora no “Caminho da Fé”.	112
Figura 32: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrino se esforça para subir trecho do “Caminho da Fé”.	113
Figura 33: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrinos em devoção no percurso do “Caminho da Fé”.	114

Figura 34: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Imagem de igreja, evocando religiosidade ao deslocamento.	114
Figura 35: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Natureza e esforço dos peregrinos.	115
Figura 36: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Placas indicativas da “Rota da Luz”. ...	119
Figura 37: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Imagens das instalações de pousada para peregrino na “Rota da Luz”.	119
Figura 38: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrino de joelhos diante de imagem na Basílica de Aparecida.	120
Figura 39: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Imagem de igreja na “Rota da Luz”. ...	121
Figura 40: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. O peregrino Caue Colodro de joelhos em frente à Basílica de Aparecida.	122
Figura 41: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Grupo de peregrinos em frente a uma igreja na “Rota da Luz”.	123
Figura 42: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Os peregrinos diante de imagens que ficam no entorno da Basílica de Aparecida.	124
Figura 43: Print da tela de exibição do vídeo em pauta. Chegada dos peregrinos à Basílica de Aparecida pela “Rota da Luz”.	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. OS CONCEITOS DE PROCISSÃO, ROMARIA, PEREGRINAÇÃO E TURISMO RELIGIOSO	20
1.1 Procissão	22
1.2 Romaria, Peregrinação e Turismo Religioso	22
2. DESTINO: APARECIDA A SENHORA, A RAINHA, O SANTUÁRIO E A CIDADE	29
2.1 Maria, mãe de Jesus, na Bíblia	29
2.1.2 O início e evolução da devoção e culto Mariano	30
2.1.3 Os Dogmas Marianos e o título de Imaculada	34
2.1.4 Nossa Senhora da Conceição e sua devoção em Portugal.....	37
2.2 O encontro da imagem, os milagres e a memória religiosa	38
2.2.1 A imagem e a iconografia da imagem de Aparecida	41
2.3 A cidade de Aparecida (SP) e a evolução do santuário.....	44
2.4 O Santuário, os missionários redentoristas e a origem popular do culto a Aparecida.....	47
3. RELIGIOSIDADE POPULAR, PIEDADE POPULAR E PIEDADE MARIANA	52
3.1 Religiosidade Popular: o complexo universo não-oficial.....	52
3.2 A Piedade Popular Mariana	56
3.3 O Catolicismo Oficial, a Religiosidade e a Piedade Popular	58
3.4 SANTUÁRIOS, A PRÁTICA DA PEREGRINAÇÃO E SUAS ARTICULAÇÕES COM A PIEDADE POPULAR	59
3.4.1 Igrejas, catedrais e basílicas, a hierarquia entre os locais de culto da Igreja Católica.....	59
3.4.2 Santuários	61
3.5 A peregrinação na prática e suas articulações com a piedade popular	67
3.5.1 As dimensões espirituais das peregrinações segundo a Igreja Católica.....	68
3.5.2 A prática da Peregrinação.....	69
3.6 Peregrinações e memória cultural.....	81
4. “ORAR COM OS PÉS”: RELATOS E TESTEMUNHOS DOS PEREGRINOS DO “CAMINHO DA FÉ” E DA “ROTA DA LUZ”	84
4.1 História da criação dos percursos estudados.....	84
4.1.2 O “Caminho da Fé”	84
4.1.2 A “Rota da Luz”	89
4.2 Critérios de análise dos vídeos relacionados aos percursos estudados	92

4.3 Considerações analíticas sobre o conteúdo dos vídeos	94
4.3.1 Caminho da Fé.....	94
4.3.2 Rota da Luz	118
4.4 Considerações finais e resultados	127
CONCLUSÃO.....	132
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO

Trata-se de estudo sobre duas rotas que levam – tem como ponto de destino – à Basílica de Aparecida (SP)¹: O “Caminho da Fé” e a “Rota da Luz”, sob a perspectiva do simbolismo e da memória cultural que levam à religiosidade popular. A “Rota da Luz” tem início em Mogi das Cruzes (SP), e o “Caminho da Fé” tem vários pontos de início, chamados “ramais”, que se unificam na cidade de Águas da Prata (SP), seguindo de lá em rota única até a cidade de Aparecida (SP). Originalmente, esta pesquisa visava ao estudo de campo junto a peregrinos, prestadores de serviços e locais, através de entrevistas e, como material complementar, a análise bibliográfica. Ocorre que, por conta da pandemia de COVID-19 que assolou o mundo inteiro, optou-se por trocar o trabalho de campo pela análise de vídeos produzidos pelos peregrinos. Ainda sobre este aspecto, é importante ressaltar que, diferentemente de outras análises recentes que têm como cunho fundamental o olhar sobre o turismo religioso, a religião do *self*, a autoajuda, as motivações consumistas e/ou hedonistas, o objetivo deste estudo é analisar a performance religiosa no espaço descrito, que acaba se traduzindo em religiosidade popular.

A pesquisa comparou as duas rotas em dois níveis: i) em termos de perfis, motivações e adesão dos peregrinos; e ii) a partir da definição do destino, a Basílica de Aparecida, investigou-se como as rotas se criaram, seu delineamento e eventuais apropriações por motivações não-religiosas. O método de pesquisa utilizado foi a Teoria Fundamentada. Os resultados da pesquisa confirmam sua importância para o âmbito acadêmico, especialmente visando ao reconhecimento do simbolismo e da memória cultural que se traduzem em religiosidade popular em tais rotas, em pleno século 21. Espera-se, além disso, que os resultados aqui apresentados sirvam de base de dados e fomentem outras pesquisas, em diferentes perspectivas, sobre o objeto de estudo escolhido.

Definição do Problema

Como predito, a presente dissertação é resultado do estudo sobre as duas rotas que levam à Basílica de Aparecida: o “Caminho da Fé” e a “Rota da Luz”. O primeiro é confessoramente inspirado no “Caminho de Santiago de Compostela”, criado e gerido por uma associação formada por pessoas que queriam reproduzir, no Brasil, a experiência que tiveram na Espanha. A “Rota da

¹ A primeira vez que mencionar o nome da cidade colocarei entre parênteses a sigla do estado a que a cidade pertence. Em menções seguintes omitirei o estado. A “Rota da Luz” fica integralmente dentro do estado de São Paulo. O “Caminho da Fé” tem trechos que passam por dentro do estado de Minas Gerais.

Luz” se coloca como uma alternativa “mais segura”² ao primeiro e é apoiada pela Secretaria de Turismo do Governo do Estado de São Paulo. Ao contrário da “Rota da Luz”, cujo percurso tem início e fim, até o presente momento, lineares e hermeticamente definidos, o “Caminho da Fé” possui uma certa capilaridade, gerando diversas possibilidades de início: são vários “ramais” que acabam se concentrando na cidade de Águas da Prata (SP) e, de lá, seguindo em rota única e principal até Aparecida. Curiosamente, os organizadores do “Caminho da Fé” praticam o que se pode chamar de política expansionista, orgulhando-se de acrescentar novos “ramais” com certa regularidade.

Antes, porém, de analisar o trajeto, é importante distinguir os diversos tipos de deslocamento espacial com finalidade devocional, visto que algumas religiões não apenas aprovam como exigem tais deslocamentos. A Igreja Católica Apostólica Romana, em particular, usa diferentes nomenclaturas para os diversos deslocamentos espaciais que preconiza. Por isso, um dos capítulos desta dissertação apresenta sucintamente uma diferenciação didática dessas formas de deslocamento. A pesquisa usa um conceito do “Catecismo da Igreja Católica”, que afirma no tópico intitulado “Lugares favoráveis à oração”: “as peregrinações evocam nossa caminhada na terra em direção ao céu. São tradicionalmente tempos fortes de renovação da oração. Os santuários são para peregrinos, em busca de suas fontes vivas, lugares excepcionais para viver ‘como igreja’ as formas da oração cristã” (IGREJA CATÓLICA, 2011). E continua: “Na oração, a Igreja peregrina é associada à dos santos cuja intercessão solicita” (IGREJA CATÓLICA, 2011).

Pretende-se, aqui, analisar o que leva o peregrino a fazer tal caminho, dialogando com as teses de Rubem César Fernandes, para quem: “O Romeiro cumpre a devoção fazendo uma viagem, e, de romaria em romaria, os devotos desenham um círculo imaginário em torno de determinado centro sagrado” (FERNANDES, 1982). Na busca deste objetivo principal, a dissertação iniciar-se-á pelo final do trajeto: será explicado o destino, a devoção, a fonte, o santuário a ser buscado, conforme se pode verificar no capítulo dedicado a este tópico da pesquisa.

Para discutir a origem da Basílica de Aparecida, a pesquisa recorreu à obra de Rodrigo Alvarez (2017), intitulada “Aparecida”, na qual se realizou um estudo e levantamento documentais e de dados sobre o surgimento, os primórdios, a evolução e a construção do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, desde quando imagem foi encontrada até o aniversário de trezentos anos. O levantamento apresentado por Alvarez é bastante técnico, deixando transparecer sua natureza jornalística e revelando um cuidado quase jurídico em subsidiar o que é dito com bases documentais e/ou testemunhais, sempre fundamentando as afirmações com indícios materiais. Alvarez dedicou

² Provavelmente por seu percurso não coincidir com trechos da BR116, a Rodovia Presidente Dutra, ou simplesmente “via Dutra”, conhecida pelo alto índice de acidentes automobilísticos, muitas vezes envolvendo transeuntes pedestres.

enorme atenção ao fato de que suas análises estivessem escoradas em algum documento ou testemunho, selecionando desde documentos estatais, registros pessoais, registros de ordens religiosas até fotos.

Apesar de bastante detalhista sobre a trajetória da imagem, restauros aos quais fora submetida, as “casas” em que permaneceu – desde a primeira capelinha na casa de um dos pescadores que a encontraram até a atual Basílica, passando pela Basílica antiga –, a obra de Alvarez acaba por desviar-se deste foco, talvez por influência do momento político em que foi escrita (tempos da operação Lava-Jato), e tenta relacionar questões políticas, tais como supostas práticas de corrupção por parte da administração da cidade de Aparecida e o uso da imagem por governos e/ou governantes de diversas esferas.

No tocante à questão devocional, Alvarez é, mais uma vez, bastante jornalístico, apresentando dados, fatos e estatísticas, tais como o número de devotos que passam por Aparecida a cada ano, a arrecadação financeira da Basílica, o quanto as igrejas que abrigaram a imagem cresceram de tamanho ao longo dos anos e quantos milagres lhes são atribuídos. É exatamente nesse ponto que a presente dissertação se distancia da obra de Alvarez: muito além do retrato jornalístico e dos números frios de fiéis e peregrinos, ou da capacidade de receber pessoas dentro da Basílica e de outros dados estatísticos, o que se pretende aqui é analisar a perspectiva da fé do peregrino. Busca-se responder a questões do tipo: Como o peregrino se reveste, se aproxima do sagrado e vivencia sua experiência ao longo da caminhada? Como a sua devoção o guia ou como ele se deixa guiar por sua fé e devoção por este caminho. Quais são os seus referenciais religiosos e devocionais?

No livro “Os Cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares”, de 1982, o antropólogo Rubem César Fernandes afirma que, ao iniciar sua peregrinação, a pessoa deixa de ser o que ela é no dia a dia e passa a ser um “peregrino”, operando-se uma consagração (FERNANDES, 1982). Partindo desta premissa, quais são os temas que preocupam essa personagem “consagrada”? Trata-se de devoção popular, na medida em que produz uma performance não-litúrgica?

Por outro lado, esta pesquisa se aproxima da obra de Alvarez no que diz respeito à história relacionada à progressão da fé em Nossa Senhora Aparecida. Trata-se de uma imagem cuja história de seu encontro, que em muito se assemelha a uma passagem do Novo Testamento, e que poderia ter passado totalmente despercebido, transforma-se em motivo de enorme devoção. Juntamente com a referida obra de Alvarez, esta pesquisa recorreu ainda à dissertação de mestrado de Felipe Manoel Zangari Flor, de 2019, intitulada “A devoção Mariana pelas ondas do rádio: um estudo de

caso sobre o programa consagração à Nossa Senhora Aparecida”, cujo objeto de estudo também contempla a história de Aparecida.

Ainda no tocante ao levantamento bibliográfico, foram analisados alguns sentidos das peregrinações como simbolismo, memória cultural e performance no espaço: a relação do peregrino, sua devoção e a sensação religiosa que ele experimenta. Carlos Steil e Sandra de Sá Carneiro discorrem sobre o peregrino “turista” para quem o importante é o caminho, visto muitas vezes como ecoturismo ou turismo de caminhada, em contraposição ao peregrino “religioso” (STEIL e CARNEIRO, 2018). No decorrer desta dissertação, optou-se pela discussão da caracterização deste último tipo, preferindo, contudo, a designação de “peregrino puro”. De modo semelhante, não interessa a este trabalho o esportista, que realiza os percursos aqui descritos como um desafio atlético, desconsiderando a relevância do local de chegada, de partida ou ambos. Pode-se supor, ainda, que, talvez, o esportista nem seja um peregrino, visto que se concebe geralmente o peregrino como alguém que busca ser uma pessoa melhor, como aquele que busca, na reflexão, a confissão, a absolvição e/ou a redenção obtida ao final de toda penitência, seja ela física ou espiritual.

A “Rota da Luz” pugna ser uma rota mais “segura”. Mas por que isto seria assim? Qual a razão para o governo do Estado de São Paulo criar ou adotar uma rota específica, em detrimento da outra? Ambas as rotas se “vangloriam” da qualidade de seu “ecoturismo”, por possuírem locais de paz e contato com o ambiente rural e com a natureza, proporcionarem ambiente propício ao afastamento das preocupações diárias, ao relaxamento e à introspecção. Contudo, nas peças de comunicação dos sites destes caminhos, a despeito do destino, não há menção específica à religiosidade. Por exemplo, usam-se termos como “relaxamento”, “introspecção”, mas em nenhum momento se emprega a palavra “oração”. Há insinuação de que o local é propício à religiosidade, mas os organizadores evitam usar essa palavra, mesmo que um dos percursos se denomine “Caminho da Fé”.

Fontes complementares

As fontes complementares às quais a pesquisa recorreu são de natureza bibliográfica, a fim de definir as premissas a serem assumidas e contextualizar o tema do objeto de estudo escolhido. É importante registrar que, comparativamente falando, há muito mais material sobre o “Caminho da Fé” do que a respeito da “Rota da Luz”, que é muito mais recente.

Sendo a peregrinação um objeto de estudo que permite múltiplas abordagens: turística, de autoajuda, nova era, religião do *self*, mercantil e de consumo, e considerando que o mercantilismo/consumismo e o turismo já vêm atraindo muitas pesquisas recentes, a pesquisa aqui

apresentada se afastou dessas vertentes, focando na religiosidade popular tradicional, conforme vivenciada pelos diversos “atores” dos citados caminhos que chegam a Aparecida e nas alegadas transformações que relatam ter experimentado naqueles circuitos.

O conceito central são as experiências. A busca de um olhar de perto e de dentro, como indicam as abordagens antropológicas. Portanto, não interessa à pesquisa obras como a de Paulo Coelho (2017) e outras que tratam as peregrinações como algo destinado exclusivamente à autoajuda, ao “autoconhecimento” ou ainda motivadas pelo desejo de abandonar o tabagismo, o alcoolismo ou alcançar metas estritamente particulares, tais como realizar o percurso pedalando mais rápido que os outros indivíduos. Dito de outro modo, não interessou a esta pesquisa a peregrinação que não aproxima do sagrado. Embora exista o risco de se chegar à conclusão de que a maioria dos peregrinos não busque algo sagrado (e, nesse caso, será que poderiam ser designados por este termo?), essa dissertação visa a analisar o simbolismo, a memória cultural e a performance religiosa espacial como religiosidade popular.

Por fim, há de se esclarecer que a metodologia de pesquisa será a Teoria Fundamentada, um método relativamente novo e que permite construir novos conceitos, visto que é um modelo de prática acadêmica que não usa dados para testar teorias, mas as constrói junto com conceitos, com base na interação dinâmica entre a coleta e análise de dados. Sendo análise de vídeos a forma primária de coleta de dados da teoria fundamentada, o pesquisador está constantemente comparando os dados provenientes dos participantes com ideias sobre a teoria emergente. Assim sendo, partiu-se do pressuposto de que das entrevistas emergirão experiências e vivências a serem teorizadas.

O objetivo da dissertação é expor os resultados da pesquisa ao mundo acadêmico, na esperança de que sirvam de base para outros trabalhos da área das Ciências da Religião, particularmente no que tange à religiosidade popular.

Metodologia

Como se acabou de descrever, a metodologia de pesquisa será a Teoria Fundamentada, visto que é um método que usa a entrevista como fonte primária de coleta de dados. Seus princípios já foram sucintamente mencionados no tópico anterior, mas a ideia é que o pesquisador esteja sempre comparando os dados provenientes dos participantes com ideias sobre a teoria emergente. Trata-se de estabelecer uma circularidade entre os momentos constitutivos da pesquisa, reunindo novas entrevistas e, então, retomando a teoria em desenvolvimento para preencher novas lacunas e estudar como ela funciona. Das análises dos vídeos feitos pelos peregrinos – haja vista a impossibilidade de realizar entrevistas pessoais no contexto da pandemia de COVID-19 –

emergirão experiências e vivências a serem teorizadas. Além dessas fontes, a pesquisa também recorreu à bibliografia dedicada ao tema, em busca de problematização dos novos dados ou base de confrontação aos dados que foram encontrados durante a análise do material audiovisual.

Resultados Esperados

Da análise dos vídeos públicos lançados no repositório da internet, espera-se emergir experiências e vivência a serem teorizadas como religiosidade popular.

1. OS CONCEITOS DE PROCISSÃO, ROMARIA, PEREGRINAÇÃO E TURISMO RELIGIOSO

O deslocamento das pessoas como parte de um ritual ou como performance religiosa é uma das fascinantes facetas da devoção. Muitas religiões incentivam, aceitam e até mesmo exigem tais deslocamentos. A Igreja Católica Apostólica Romana, particularmente, usa diversas nomenclaturas para designar tais deslocamentos.

O objetivo deste capítulo é distinguir entre as práticas da “procissão”, da “romaria”, da “peregrinação” e do “turismo religioso”, no intuito de esclarecer a escolha de uma nomenclatura em detrimento de outra para os propósitos desta dissertação. Esclarecida a escolha, passarei a analisar o fenômeno no caso concreto, sendo certo que, em vários momentos, retomarei o tema para fins comparativos.

Não é incomum encontrarmos nas religiões deslocamentos de seus fiéis em busca de um centro sagrado. A jornada realizada por um devoto de determinada religião até um lugar considerado sagrado é chamada “peregrinação”. Não obstante esta definição prévia, a Igreja Católica reconhece diversas modalidades de deslocamento, que podem variar na forma, no ritual e na distância percorrida, apresentando definições nem sempre tão claras. Muito pelo contrário, é possível encontrar diversas “zonas cinzentas” que impedem definições absolutas. Em seu capítulo IV – “As outras Celebrações Litúrgicas”, o catecismo da Igreja Católica divide o “artigo 1”, intitulado “os sacramentais”, em três itens: “os traços característicos dos sacramentais”, “as diversas formas sacramentais” e “religiosidade popular” (IGREJA CATÓLICA, 1999).

É justamente sob título de “religiosidade popular” que se encontra a seguinte definição:

Além da liturgia sacramental e dos sacramentais, a catequese tem de levar em conta as formas de piedade dos fiéis e da religiosidade popular. O senso religioso do povo cristão encontrou, em todas as épocas, sua expressão em formas diversas de piedade que circundam a vida sacramental da Igreja, como veneração de relíquias, visitas a santuários, peregrinações, procissões, via sacra, danças religiosas, o rosário etc. (IGREJA CATÓLICA, 1999)

O fato de a Igreja já colocar os deslocamentos como manifestação popular será oportunamente analisado. Porém, é preciso registrar que, por ocasião da elaboração do projeto que resultou nesta dissertação, foi possível notar, em um primeiro momento, que a literatura nacional sobre o tema usava termos diferentes para nomear o deslocamento de uma pessoa até um espaço sagrado, alternando entre os termos “peregrinos” e “romeiros”. Na maioria esmagadora das vezes, os termos são usados como sinônimos e, não raro, é possível achar os mesmos pesquisadores

empregando os dois termos de forma sinônima em artigos diferentes, ou ainda casos mais radicais, nos quais em um mesmo artigo ora se faz referência à “peregrinação”, ora à “romaria”.

O recurso aos dicionários de língua portuguesa não ajuda: o dicionário “Houaiss” oferece, em um primeiro momento, a seguinte definição ao verbete “Romaria”: “viagem ou peregrinação religiosa a um santuário, especialmente a que se faz por devoção”. Ou seja, para falar de “romaria”, recorre-se à definição de peregrinação que, por sua vez, não faz referência a “romaria” e define “peregrinar” como: “Jornada especialmente por terra, para ermidas, centros, cidades, etc. considerados santos”.

O “Catecismo da Igreja Católica” apresenta uma definição um pouco mais precisa para o termo “peregrinação”, ao afirmar, no tópico “lugares favoráveis à oração”:

As peregrinações evocam nossa caminhada na terra em direção ao céu. São tradicionalmente tempos fortes de renovação da oração. Os santuários são para peregrinos, em busca de suas fontes vivas, lugares excepcionais para viver “como igreja” as formas da oração cristã (IGREJA CATÓLICA, 1999).

E continua, dizendo: “Na oração, a Igreja peregrina é associada à dos santos cuja intercessão solicita” (IGREJA CATÓLICA, 1999).

É interessante observar que o “Catecismo da Igreja Católica”, segundo a própria Igreja, consiste na exposição de verdades de fé por escrito e tem um caráter didático e introdutório. Todavia, a Igreja possui um outro documento que se refere às peregrinações, o “Diretório de Religiosidade Popular e Liturgia”, que será analisado com mais profundidade ao longo deste trabalho e que também emprega a terminologia “peregrinação”.

Ainda no que tange às definições terminológicas, se, de um lado, Rubem César Fernandes (1982, p.09) afirma que “o romeiro cumpre a devoção fazendo uma viagem, e, de romaria em romaria, os devotos desenham um círculo imaginário em torno de determinado centro sagrado”; e Pierre Sanchis acrescenta:

O que era Romaria? Um caminhar, muitas vezes penoso, doloroso até, em condições voluntariamente precárias, por isso demorado, mas cheio de encantos – imersão na natureza selvagem e encontros lúdicos no caminho – até a concretização da apresentação e presença do peregrino a um “Santo”; santuário próximo ou longínquo, Sagrado feito de gente, com que se conversa, se troca bens, energia e saúde (promessas)... (SANCHIS, 2006, p. 86).

Por outro, a despeito da própria explicação acima, Sanchis afirma no mesmo artigo:

O convite que recebi para participar desta Mesa dava-lhe como título um nome simples e corriqueiro: “Peregrinações”. Ele me transportou de repente a Portugal, onde já estudei

– mas com outro nome – as peregrinações. Que se chamavam: “Romarias”(SANCHIS, 2006, p. 86).

A observação do antropólogo francês parece bastante oportuna, pois o problema da distinção entre o termo correto a se usar – “romeiro” ou “peregrino” – é particular da língua portuguesa e do espanhol, visto que em outras línguas – por exemplo, o inglês – a atividade é exclusivamente chamada de “peregrinação”. É suficiente citar duas obras em língua inglesa que empregam a terminologia “peregrinação”. Uma delas, de autoria de Victor e Edith Turner, intitulada “*Image and Pilgrimage in Christian Culture*” [Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã], de 1978, emprega apenas a terminologia “peregrinação” [*pilgrimage*]. A outra, intitulada “*Pilgrimage: a very short introduction*”, publicada em 2015 por Ian Reader, é obrigada, sempre que se refere ao que nesta dissertação é designado pelo termo “romarias”, explicar que se trata de um tipo particular de peregrinação “festiva”.

Além dos termos mencionados, é importante definir mais duas expressões. O “turismo religioso”, visto que sua definição ajuda na delimitação do sentido de “peregrinação” e de “romaria”; e a “procissão”, uma forma de deslocamento com propósito devocional que, em sua forma, dificilmente seria confundida com qualquer das anteriores, mas que, talvez pela similaridade fonética com a palavra “peregrinação”, pode gerar alguma confusão entre os leigos. Porém, seu propósito é tão distinto que sua definição precisa ser destacada das demais.

1.1 Procissão

A procissão é um deslocamento normalmente bem curto, de forma cerimonial ou formal, semelhante a um cortejo ou uma marcha. No tocante às práticas presentes na Igreja Católica, a procissão pode ocorrer internamente, dentro da Igreja³ ou em seus jardins, ou externamente, coordenada pelos ministros religiosos e com a presença de imagens. Geralmente se dá em torno de um templo ou cidade, ou ainda tendo templos e cidades como destino final. Tem o objetivo de expressar pública e coletivamente o culto à divindade à qual se destina (OLIVEIRA, 2012).

1.2 Romaria, Peregrinação e Turismo Religioso

A palavra “peregrino” deriva do latim, *peregrinus*, cuja raiz etimológica é formada pelo prefixo *per* mais o substantivo *agrum*, e significa, literalmente, “pelo campo”. O termo “peregrinação” pode designar um grande número de experiências históricas e espaciais motivadas

³ Por exemplo, existem entradas e saídas, respectivamente no início e fim do culto, cerimoniais com a presença de acólitos, ministros leigos e ministros do clero.

pela devoção e é usado por muitas religiões. O termo “romaria”, por sua vez, é empregado para designar deslocamentos exclusivamente ligados à Igreja Católica. As antigas peregrinações sempre se deslocavam para um lugar sagrado. Em sua tese doutoral, cujo objeto de pesquisa é a rota do “Caminho da Fé”, Haudrey Germiniani Calvelli tece as seguintes considerações sobre os termos em pauta:

O termo peregrinação tem sido utilizado para designar um grande número de experiências históricas de deslocamentos espaciais motivados pela devoção. Coleman e Elsner(1995), entre outros pesquisadores, fizeram referência a peregrinações nas diversas sociedades, sendo possível afirmar que a prática da peregrinação é realizada por quase todas as religiões, desde a antiguidade até os dias atuais.

As antigas peregrinações sempre se dirigiam a um local considerado sagrado. A Panatênia era a peregrinação mais celebrada entre os gregos, era uma antiga procissão que homenageava ao mesmo tempo o sagado e o secular – partiam da Acrópolis até o Partenon – onde ofereciam um novo traje à estátua de marfim de Atenas.

Os jogos olímpicos (criados em homenagem a Zeus e realizados, a cada quatro anos em Atenas), os jogos de pítia, os jogos do Istmo, atraíam multidões: Milhares de pessoas que viviam em torno do Mediterrâneo, tendo acesso seguro à Grécia devido à suspensão das guerras nesses períodos. As pessoas vinham para as cidades gregas por causa da fama das curas sobrenaturais e pelas respostas dos oráculos que indicavam sempre uma solução para os infortúnios da vida (CALVELLI, 2006, p.24).

Durante o apogeu da cultura grega, os helênicos caminhavam para a região de Delfos, onde se encontravam no altar principal e no oráculo de Apolo. Não obstante este exemplo mais localizado, várias religiões mundiais também praticam a peregrinação, tais como o islamismo, o hinduísmo, o budismo e o judaísmo. Essas religiões realizam as peregrinações rituais que expressam suas crenças e valores, contidos, na maioria das vezes, em seus livros sagrados, na história da vida de seus santos e heróis e, ainda, nos locais considerados sagrados.

No Budismo, é dito que o próprio Buda, em um primeiro momento, resistiu a autorizar peregrinações. Porém, acabou cedendo, pois entendeu que se tratava de uma forma de atender aos anseios das almas de seus seguidores. A inspiração para peregrinação entre os budistas tem suas peculiaridades. De acordo com Ricardo Sousa, responsável pelo portal de divulgação de doutrinas e tradições budistas denominado “Olhar Budista”,

os budistas não adoram imagens esperando favores espirituais ou terrenos, mas prestam reverência ao que elas representam. Um Budista consciente, oferecendo incenso e flores a uma imagem, se faz sentir expressamente a si mesma na presença de Buddha em vida, assim ganha inspiração da sua personalidade e respira profundamente da sua compaixão ilimitada. Tenta seguir o nobre exemplo de Buddha. Como é sabido, imagens e símbolos tem uma influência psicológica em nós, dessa forma, numa peregrinação se estabelece uma conexão emocional com o Buddha e seus ensinamentos, e a peregrinação motiva e inspira o praticante. É um momento para ampliar certas qualidades mentais e progredir no Caminho.⁴

⁴ O trecho citado faz parte de uma matéria contendo locais e significados considerados de importância sagrada para os budistas. O conteúdo pode ser acessado pelo endereço eletrônico <https://olharbudista.com/2018/01/22/lugares->

No Judaísmo, a peregrinação era um rito organizado três vezes ao ano. Todos os judeus deveriam ir a Jerusalém em datas especiais como: Páscoa, Pentecostes e Festa dos Tabernáculos, isto é, em memória da passagem libertadora do cativo no Egito, da lei constitutiva e da submissão sempre renovada ao Senhor.

A peregrinação a Meca, no islamismo, é um dos “Cinco Pilares” do Islã e deve ser realizada pela menos uma vez na vida. Chamada de *Hajj* – ou Haje – esta peregrinação acontece uma vez por ano no início do mês lunar muçulmano *Dhu al-Hijab*, último mês do ano, também denominado “Dulrija”. O fiel inicia proclamando sua intenção de realizar a peregrinação e o ritual se encerra com o peregrino dando voltas em torno da *Caaba*, uma construção cúbica em torno da qual se construiu a Grande Mesquita.

Durante a idade média, as peregrinações ganharam grande notoriedade e aumentaram as viagens por motivações religiosas, a exemplo das peregrinações a lugares considerados sagrados como Roma e Jerusalém, os lugares de maior preferência dos peregrinos. Peregrinar na idade média tinha como objetivos a obtenção de um milagre, o pagamento de uma promessa, a purificação ou a salvação da alma. No último caso, o peregrino deveria escolher um percurso longo e percorrê-lo com o mínimo necessário para sua sobrevivência: quanto mais sacrifícios, mais proximidade da iluminação divina. Apesar disso, as peregrinações eram extremamente populares e começaram a surgir mecanismos de apoio aos peregrinos, tais como a elaboração de rotas de caminhos, a construção de hospedarias e hospitais etc. Algumas ordens religiosas militares, com a dos “Cavaleiros Templários” e dos “Cavaleiros de São João”, os “Cavaleiros Teutônicos”, entre outras, tinham como finalidade proteger os peregrinos durante a longa viagem a Jerusalém. Registros históricos afirmam que os Templários foram mais além e chegavam até oferecer serviços bancários.

Alguns direitos também foram concedidos. No caminho, o peregrino munido de faixa e bastão era isento de impostos de passagem (pedágios) e protegido de prisão arbitrária, ao passo que medidas permitiam que os negócios do peregrino fossem confiados a terceiros e o pagamento de dívidas postergado até a sua volta.

Ainda na idade média, a peregrinação a Santiago de Compostela também era rota popular durante os séculos XI e XII. Essa rota de peregrinação começou a declinar no final do século XIV e durante o século XV, em grande parte por conta da peste negra e das lutas religiosas que assolaram a Europa nesse período. Somente com o reconhecimento dos restos mortais do Apóstolo Thiago pelo Papa Leão XII, o “Caminho de Santiago de Compostela” – tido, então, como “verdadeiro” –

passou a atrair novamente um grande número de peregrinos, sendo ainda hoje uma das rotas mais populares do mundo.

A fama do “Caminho de Santiago de Compostela” foi amplamente impactada com a publicação do livro “O Diário de um Mago”, de Paulo Coelho. Sucesso mundial de vendas, o livro aumentou o número de peregrinos em geral e, ainda “apresentou” o “Caminho” aos brasileiros, visto que em 1987, ano de publicação da obra, o percurso era praticamente desconhecido por aqui (MORTARA, 2015). Escrito de maneira “simplória”, conforme a expressão do escritor Adriano Villa (2020), o livro de Paulo Coelho contém muitos elementos religiosos, rituais secretos e componentes mágicos que somente obtêm alguma (pouca) credibilidade porque o escritor sempre esteve ligado a religiões alternativas e seitas ocultas e “deve ser visto como uma parábola da busca do autoconhecimento através da religião” (BONACORCI, 2016).

Excetuando-se os tais elementos mágicos, os rituais secretos, as receitas de autoajuda e uma boa dose de autopromoção, dos quais este trabalho se afastará, é inegável que se encontre ali uma narrativa de peregrinação que aborda a questão da performance espacial como forma de evocar religiosidade apelando para uma memória geográfica e cultural: um caminho medieval, percorrido por pessoas que se tornam humildes peregrinos, em busca de favores espirituais, expiação de pecados... No caso específico apresentado no livro: elevar o espírito, expiar um erro cometido pelo então candidato a mago e encontrar humildade.

O “Caminho da Fé” é confessadamente inspirado no “Caminho de Santiago de Compostela”. Seus criadores, após percorrer a rota europeia, decidiram, ao retornar para o Brasil, reproduzi-la de alguma forma e, como se mostrará posteriormente, tendo um destino que muito se assemelha a Santiago de Compostela (CALVELLI, 2006).

Já no que diz respeito ao termo “romaria”, empregado como sinônimo de peregrinação, Rubem César Fernandes afirma: “A romaria é mística do espaço, transformação da paisagem. Leva do profano ao sagrado por caminhos rotineiros que mudam de feição conforme se avança. Nas romarias, é com os pés que se ora” (FERNANDES, 1982, p.10).

A expressão “romaria” teve origem na península ibérica, em Portugal e Espanha, porém com uma sutil variação, denominada “romería”. Parte da confusão etimológica entre “romaria” e “peregrinação” pode ser explicada pela definição encontrada no dicionário “Houaiss” ao analisar a etimologia da palavra “romaria”: “*Roma* (Itália) + *aria*, por ser esta cidade centro das peregrinações cristãs, sentido que se estendeu a qualquer outra peregrinação”. Para aquele dicionário, “romaria” teria sido, originalmente, uma peregrinação a Roma. Porém, dada a importância da cidade, a espécie de peregrinação realizada ali teria se transformado em sinônimo da categoria a que pertence. Aí já se verifica a primeira distinção entre os termos: “peregrinação” refere-se ao deslocamento feito

pelo devoto de qualquer religião, ao passo que “romaria” é movimento exclusivamente católico: “romaria” é uma espécie de peregrinação.

Carlos Alberto Steil (2003, p.252), por sua vez, distingue “romaria” de “peregrinação” de uma forma diferente: “Peregrinação é uma viagem pra santuários importantes, enquanto a romaria é um deslocamento curto, que envolve participação comunitária, com aspectos festivos devocionais”. São colocados dois fatores como diferenciadores: distância e participação comunitária. O fator de participação comunitária explicaria a opção de Rubem César Fernandes em nomear os deslocamentos espaciais em seus livros “Romarias da Paixão” e “Os Cavaleiros do Bom Jesus”, já que ambos os casos relatam deslocamentos de grupos com características de *communitas*. Porém, há de se registrar que os trajetos relatados em suas obras não são exatamente curtos.

De seu lado, Pierre Sanchis, em seu artigo “Peregrinação e Romaria: Um lugar para o Turismo Religioso” (2006) surge com outra distinção para as duas categorias. Para ele, a “romaria” seria “a manifestação religiosa complicada e atavicamente popular, orientada para uma ‘sacralização’ da existência humana na sua própria dimensão profana”, ao passo que a “peregrinação” seria uma transfiguração “sacramental” desta existência, sublimada através de ritos eclesiais oficiais (SANCHIS, 2006, p.85). Ou seja, a “romaria” seria uma manifestação claramente popular, ao passo que “peregrinação” seria uma versão “oficial” da igreja no tocante ao percurso realizado. É preciso problematizar esta definição e indicar seus limites.

A definição de Sanchis se origina em um caso limitado histórica e geograficamente, em que a estratégia pastoral e política da Igreja Católica de Portugal tencionava avocar para si o controle dos deslocamentos espaciais religiosos, que deixariam de ser planejados e conduzidos por leigos, passando a sê-lo por clérigos. Essa posição pode ser até verdadeira para uma situação pontual e específica de Portugal, mas não parece ser o caso do Brasil, onde é o peregrino que – via de regra – planeja e executa seus deslocamentos.

O próprio “Diretório de Piedade Popular e Liturgia” emitido pela Santa Sé, mesmo indicando uma série de atos que entende ser convenientes ao peregrino católico, em nenhum momento sinaliza para que as peregrinações devam ser conduzidas por um clérigo, muito pelo contrário (CONGREGAÇÃO PRA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2021).⁵

Um dos resultados evidentes da presente pesquisa, conforme será descrito no tópico correspondente, é que, no Brasil, é o peregrino que planeja seu deslocamento. Ele pode se fazer

⁵ O documento pode ser lido na íntegra no endereço eletrônico: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_en.html#INTRODUCTION. Acesso em 14 fev 2022.

acompanhar por um grupo, mas, salvo em paradas de descanso, dificilmente incorporará aspectos festivos: é introspectivo. Sacrifício é exigido: uma das prováveis razões pelas quais os que realizam o percurso a pé ou de bicicleta veem com certo desdém quem faz a peregrinação a cavalo. Em contraposição aos peregrinos, no Brasil as romarias podem ser organizadas pelas paróquias, comunidades e movimentos religiosos, sendo a presença de clérigos absolutamente facultativa. Os deslocamentos são sempre em grupos, festivos, e a introspecção é substituída pela oração coletiva. O sacrifício não é exigido e o deslocamento pode ser feito por meio de ônibus ou veículos de transporte coletivo em geral.

Por fim, resta discorrer sobre o último tipo de “caminhante”: o “turista religioso”. Sanchis (2006) pondera que, entre as peregrinações e romarias, haveria uma outra dialética, em certa medida remodelada, constituindo-se uma transição entre a jornada devota e a excursão turística.

As categorias de “peregrinação”, “romaria” e “turismo religioso” são utilizadas em muitos estudos como termos sinônimos. Somente em trabalhos mais recentes é que alguns pesquisadores têm defendido a necessidade de atribuir significados analíticos e teóricos diferentes a essas categorias. Como desdobramento dessa tendência, pode-se observar a articulação entre “peregrinação” e “turismo” que começa surgir mais recentemente. Aliás, o turismo religioso tem gerado muito interesse e diversos trabalhos vêm sendo dedicados ao seu estudo. A partir do enfoque sobre o novo comportamento turístico, estes estudos revelam que o turismo moderno pode ser visto como um prolongamento das peregrinações, trazendo sentidos e valores que outrora estiveram condensados na experiência religiosa.

Na tentativa de diferenciar o turismo da peregrinação ou da romaria, Steil recorreu ao pensamento do sociólogo Rachid Amirou, que enfatizou que o turismo, mesmo quando adjetivado de “religioso” caracterizava-se por uma externalidade no olhar (CALVELLI, 2006). Essa nova categoria, que poderia ser denominada “peregrino turista” ou “turista religioso”, possuiria motivações diferentes dos peregrinos tradicionais ao se deslocarem ao local sagrado, marcadas por elementos mercadológicos e de consumo associados ao próprio evento turístico. Assim, enquanto os peregrinos e romeiros tendem a vivenciar o ato religioso, o turista está mais interessado no espetáculo. A experiência vivenciada pelo turista religioso é efêmera e apenas de preenchimento de curiosidade. O turismo, portanto, produz um “duplo distanciamento” capaz de estabelecer diferenças e reforçar contrastes. O primeiro distanciamento ocorre em relação aos que não pertencem ao seu grupo ou cultura, permitindo estabelecer uma melhor definição de si e reforçando o pertencimento ao seu próprio grupo. O segundo seria o distanciamento temporal, capaz de evocar tempos nostálgicos e revisitar memórias nas quais o passado passa a ser um lugar de sonhos.

O que se pode extrair, em conclusão, é que existem três categorias de pessoas que se deslocam em busca de um lugar sagrado: os peregrinos, os romeiros e os turistas religiosos. No que concerne à subjetividade, é possível dizer que essas categorias mostram, entre si, um diferente nível de relação com o sagrado: enquanto peregrinos buscam mais proximidade, os turistas religiosos se mostram mais distantes e insensíveis. Os romeiros figurariam como uma categoria intermediária, porém mais próxima dos peregrinos que dos turistas.

Para a finalidade desta dissertação, respeitando as teses de Pierre Sanchis, que, não obstante, parecem estar muito “presas” a um evento pontual, qual seja, um evento político-pastoral ocorrido em Portugal no início do século 20, a definição de peregrino parece ser a mais adequada. Primeiro porque é mais abrangente: o peregrino, que é o principal dos “atores” deste estudo, viaja de uma forma mais contrita e, eventualmente, desloca-se de forma solitária, movido apenas pela busca ao sagrado. O romeiro, como assinalado por Steil (2003), está limitado no que diz respeito à distância e forma de deslocamento, e também a se fazer acompanhar de uma *communitas*, de um grupo que compartilhe sua atividade devocional e com ela interaja. Turista religioso, definitivamente, não se relaciona diretamente com o objeto desta dissertação: se o objetivo é encontrar sinais que evoquem religiosidade e identidade popular, isso não será encontrado em alguém cujo relacionamento é distante e não está ligado ao sagrado, pelo menos no sentido encontrado nos referenciais descritos neste capítulo.

Assim, na busca da melhor terminologia que se adeque ao presente trabalho, será adotado o termo “peregrino”. Se de um lado, a opção por esta terminologia no presente trabalho se fundamenta em subsídios teóricos, na história da criação do “Caminho da Fé” apresentada por Calvelli (2006) resta claro que a escolha pelo termo “peregrinos” como denominação de quem faz o “Caminho da Fé” foi absolutamente discricionária:

O segundo item da pauta discutido em seguida foi sobre a cor da sinalização do Caminho. Almiro Grings sugeriu a cor amarela, inspirada pelas setas amarelas de Santiago, e todos concordaram com a sugestão. Também ficou decidido que cada prefeitura sinalizaria a rota de seu município. O modelo das credenciais ficaria a critério da comissão idealizadora de Águas da Prata, e a sua confecção caberia aos municípios. Houve muitas dúvidas, sendo o filme sobre o Caminho de Santiago de Compostela exibido novamente para elucidações. Nessa reunião foi colocado em votação o nome oficial do caminho, sendo “Caminho da Fé” o escolhido. Também ficou decidido que as pessoas que fizessem o “Caminho da Fé” seriam denominadas “peregrinos” (CALVELLI, 2006, p.56).

Por fim, a divisão aqui apresentada visa ser didática para os objetivos do estudo proposto e, por vezes, pode parecer mais cartesiana ou objetiva do que se observa na “vida real”, onde as “zonas cinzentas” que separam as categorias podem ser enormes e a categorização depende de uma profunda análise subjetiva daquele que se desloca. Contudo, é inegável que, quando se trata do

turista religioso, o viés do olhar é da Igreja Católica. É preciso deixar claro que o crente não-católico, o crente de um culto que não contempla os deslocamentos especiais como performance religiosa e até o não crente podem fazer turismo religioso, ir a locais “sagrados” e se emocionar, indicando, assim, as potências subjetivas mais complexas dos fenômenos desta natureza.

2. DESTINO: APARECIDA A Senhora, a Rainha, o Santuário e a Cidade

2.1 Maria, mãe de Jesus, na Bíblia

A palavra evangelho tem sua origem no grego *euaggeliôn*, que tem como significado “boa notícia”, “boa nova”, “boa mensagem”. É peça do gênero literário do cristianismo que trata de contar a história da vida de Jesus Cristo e seus ensinamentos (KÜMMEL, 1982). No chamado Novo Testamento existem quatro evangelhos, ditos canônicos por integrar o cânon aceito pela Igreja, e que foram escritos por quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João. É certo que cada um dos evangelistas escreveu dando enfoque diferente à história de Jesus e seus ensinamentos, mas os três primeiros (Mateus, Marcos e Lucas) são chamados de sinóticos (KÜMMEL, 1982) e essa nomenclatura se deve à grande quantidade de informações comuns aos três: compartilham o mesmo ponto de vista e são claramente ligados entre si; possuem, contudo, narrativa e linguagem extremamente semelhantes.

O evangelho de João relata a história de Jesus de forma substancialmente diferente, não se enquadrando nos chamados sinóticos. João procura mostrar Jesus, em seu evangelho, como Messias, com atributos de Deus. Parece um evangelho escrito como se já tivesse conhecimento dos sinóticos e imaginando que esses já tinham informações suficientes sobre Jesus.

O evangelho de Lucas é o que mais cita o nome de Maria, sempre em narrativas ligadas à infância de Jesus. Lucas cita-a em seu outro livro, os “Atos dos Apóstolos”, no cenáculo com os onze apóstolos (At 1,14). Os demais evangelistas citam-na com menos frequência, às vezes pelo nome e em outras vezes apenas como “a mãe de Jesus”.

A tradição apócrifa, adotada pelo catolicismo, dá conta de que Maria é filha de um casal de idosos: São Joaquim, que seria um descendente de Davi, e Santa Ana ou Sant’Ana, que seria descendente do sacerdote Aarão.⁶

Da perspectiva das narrativas literárias, sua menção mais antiga se refere ao evento chamado de “Anunciação” ou “Anunciação da Virgem Maria”, que é a celebração cristã do anúncio do arcanjo Gabriel a Maria de que ela seria a mãe de Jesus. O relato da “Anunciação” tem duas

⁶ Na tradição Judaico-Cristã, este Aarão seria o irmão mais velho de Moisés (Êx. 6,20) e o primeiro Sumo Sacerdote dos Judeus.

versões: uma mais curta, que se encontra no evangelho de Mateus (Mt 1,18-21); e outra mais longa, no de Lucas (1,26-38). De acordo com estas tradições, Maria, ainda grávida, vai visitar Isabel, sua parenta. Durante esta visita ocorre o registro bíblico da fala mais longa de Maria, constituindo um discurso que ao longo dos anos instigou estudos e inspirou inúmeras formas de arte: o “*Magnífica*”, ou simplesmente “Cântico de Maria”. Posteriormente, ela é mencionada na chamada “profecia de Simeão”, no episódio em que Jesus é apresentado no Templo e Simeão o reconhece como o “messias”, advertindo Maria de que seu filho seria sinal de queda e soerguimento para muitos, mas que “uma espada transpassaria sua alma”, provavelmente antecipando o seu sofrimento por ocasião da morte de seu filho (Lc 2,22-35).

Outra das raras vezes nas quais o Novo Testamento transcreve uma de suas falas é no episódio em que Jesus discute com os “doutores” no Templo. Naquela passagem, é dito que os pais de Jesus iam todos anos para Jerusalém, por causa da celebração da Páscoa judaica. No retorno para casa, seus pais percebem que Jesus está ausente de sua comitiva. Ao ser encontrado em uma deliberação com os “doutores da lei”, Maria diz a Jesus: “Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos” (Lc 2,48).

Os sinóticos mostram Maria envolvida com a infância de Jesus ou quando ele já se encaminha para morte. Porém, é exclusivamente no evangelho de João que aparece a descrição de um episódio conhecido por “Bodas de Caná” (Jo 2,1-12), no qual ela assume um protagonismo que determinará a recepção de sua pessoa em muitas tradições posteriores. Essa passagem “inaugura” a participação da mãe de Jesus como “medianeira” ou “mediadora”, alguém que intervém junto ao Filho de Deus a pedido dos “comuns” ou “os pecadores”.

A mediação acabou sendo apreciada e recebida pela tradição de tal forma que foi incorporada nas orações oficiais da Igreja: “...rogai por nós, pecadores”⁷ ou “...eia, pois, advogada nossa...” e “...rogai por nós, santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.”⁸ Mesmo assim, apesar dessas passagens do Novo Testamento, não há evidências de que os primeiros cristãos cultuassem Maria. A devoção começou a se desenvolver com o tempo, como veremos a seguir.

2.1.2 O início e evolução da devoção e culto Mariano

O início do culto Mariano é lento, mas tem seu início na comunidade de Éfeso onde, coincidentemente, ficava o templo de Ártemis ou templo de Diana⁹, a deusa caçadora da mitologia

⁷ Conforme trecho da conhecida oração da “Ave, Maria”.

⁸ Conforme trecho da conhecida oração intitulada “Salve, Rainha”.

⁹ Diana é a denominação romana para a deusa grega Ártemis ou Artemisa.

grega (KARNAL, 2020; TURNER, V.; TURNER, E., 1978). Éfeso, atual Turquia, cuja divindade cultuada sob o nome de Ártemis era uma combinação sincrética com a deusa-mãe Anatólia, Cibele. Ou seja, à Diana, uma deusa jovem e virgem, são acrescentados – e prevalecem – aspectos maternos.

Os colonos jônicos substituíram sua Ártemis pela deusa-mãe Anatólia, existente na área, Cibele, apesar do *status* virginal de Ártemis. Embora pouco se saiba sobre seu culto, e o que sabemos se baseia em um milênio de adoração, durante o qual as coisas mudaram, diz-se que sua adoração incluiu sacerdotes castrados como os de Cibele. Ela se tornou Ártemis de Éfeso, uma mistura de deusas asiáticas e helênicas.¹⁰

Discorrendo sobre a deusa Cibele, Amanda Araújo Tosi (2020) explica:

Na mitologia grega, Cibele seria uma encarnação de Reia, filha de Urano (deus do céu) e Gaia (a Terra). O famoso poeta Hesíodo (século 8 AEC) narrou em sua obra clássica, chamada “Teogonia”, o surgimento dos Titãs, onde Gaia teria gerado sozinho Urano, que por sua vez casou-se com sua mãe e, desta união, gerou 12 titãs (ancestrais dos futuros deuses olímpicos), incluindo Reia e Cronos (deus do tempo). Seis filhos foram gerados da união dos irmãos Reia e Cronos, entre eles os mais famosos Hades, Poseidon e Zeus, o mais novo e nascido no Monte Ida da ilha de Creta. Após Reia salvar Zeus de ser devorado por seu pai quando bebê, como Cronos fez com seus outros filhos, ao crescer, Zeus salvou seus irmãos, baniu os titãs para o submundo e destronou o deus do tempo, tornando-se o senhor do céu e divindade da terceira geração de deuses da mitologia grega. Por esta razão, Reia, agora Cibele, era considerada pelos gregos a Grande Mãe, ou seja, mãe de todos os deuses.

No tocante a Ártemis, o teólogo Daniel Conegero (2020) afirma:

Na Grécia, ela era reverenciada como a deusa da lua, dos animais, da natureza e da caça. Ela era considerada a divindade protetora dos caçadores. Já na Ásia Menor, os romanos reconheciam Diana principalmente como a deusa da fertilidade e da maternidade. Acredita-se que as mulheres a invocavam no parto. Ártemis também era lembrada como uma deusa virgem.

Seja como for, são inegáveis as semelhanças entre essa entidade sincrética (de Diana e Cibele) e Maria, no início do culto Mariano: uma virgem jovem e imaculada e, ao mesmo tempo, com características maternas. Cibele é mãe de vários deuses, assim como Maria se consagra, na tradição católica, como mãe adotiva de todos os apóstolos e, posteriormente, mãe adotiva dos cristãos. Maria é mãe de Jesus, que, nos ensinamentos cristãos, venceu a morte e tem o poder de ressuscitar os mortos. Cibele, mãe de Hades, que governa o mundo dos mortos e tem o poder de ressuscitar os mortos. As semelhanças não devem ter escapado da vista da comunidade cristã de Éfeso que passa a celebrar seu culto dedicado à mãe de Jesus.

¹⁰ Trecho de artigo publicado no site eletrônico “Greelane.com”, sob o título “Qual era o significado da estátua de Ártemis de Éfeso?”, sem autoria especificada, disponível em <https://www.greelane.com/pt/humanidades/artes-visuais/artemis-of-ephesus-116920/>. Acesso em 14 fev 2022.

Das imagens de Ártemis de Éfeso saem elementos para a composição da imagem de Nossa Senhora da Conceição e/ou da mulher citada no livro do Apocalipse: a coroa ou tiara simbolizando a lua crescente, elementos que simbolizam a maternidade/fertilidade e as estrelas. Paradoxalmente, segundo o filósofo Armino Trevisan, durante algum tempo os cristãos não privilegiaram o culto à Virgem Maria, que foi mãe de Jesus, justamente por medo de que ela fosse confundida com uma das deusas antigas, “induzindo os gentios a erros sobre a encarnação de Cristo” (TREVISAN, 2017, p.86).¹¹ Esse mesmo autor cita que a primeira referência ao nome de Maria após os evangelhos se encontra em Santo Inácio de Antioquia, que, preocupado em combater a heresia do Gnosticismo¹², escreveu que Jesus nasceu verdadeiramente de uma mulher, Maria, e de Deus:

Após Inácio, novos textos exaltaram a maternidade divina de Maria, entre eles os de Justino (falecido cerca de 165 d.C.), o qual, em seu livro: “Diálogo com o Judeu Trifão”, estabeleceu, pioneiramente, um paralelo entre Eva e Maria. Enquanto Eva, desobedecendo a Deus, trouxera a morte ao gênero humano, Maria, obedecendo-lhe, trouxe-lhe a vida (TREVISAN, 2017, p. 87).

Santo Irineu de Lyon retoma o paralelo de Justino em sua obra “Contra os Hereges” e, por volta do século 4, Santo Ambrósio¹³, São Jerônimo e Santo Agostinho também passam a celebrar Maria em suas obras.

O Concílio de Éfeso foi um divisor de águas no tocante ao culto Mariano. Por volta do ano 431, concluiu-se que “Maria era verdadeiramente, não só geradora de um corpo, mas Mãe concreta de uma Pessoa, a do Verbo Eterno feito Homem, consubstancial ao Pai e ao Espírito Santo”, o que gerou não só um enorme entusiasmo na comunidade de Éfeso, que já a cultuava, como expandiu a devoção à Virgem por toda a Igreja oriental e ocidental (TREVISAN, 2017, p. 88).

A veneração a Maria humaniza o culto a Cristo (KARNAL, 2020) e, a partir do século 9, começam a surgir imagens valorizando a ternura da Virgem Maria. Os proeminentes Bernardo de Claraval e Anselmo de Canterbury são considerados os propulsores da Mariologia medieval (TREVISAN, 2017) e os séculos seguintes apenas continuam a inércia do culto Mariano, impulsionado pelo período medieval.

A devoção mariana é intrínseca ao culto cristão, de forma especial sendo certo que a Igreja distingue três tipos de culto, conforme as expressões “*Latria*”, “*Dulia*” e “*Hiperdulia*”. O culto designado por “*Latria*”, termo que deriva do grego *latreuo* e quer dizer “adorar”, é o culto único a Deus. Só Deus e só Cristo, Deus feito homem, podem ser adorados, nos dizeres da Bíblia. Já no

¹¹ Além de Ártemis de Éfeso e da Cibele romana/grega, Trevisan ainda cita Ísis (Egito) e Astarté (região da palestina).

¹² Sistema de crenças considerado herético, de origem e conteúdos complexos, mas que, em alguma medida, convergiam para a crença de que o corpo de Cristo era simples aparência.

¹³ Que recebeu o título de “Pai da Mariologia Ocidental”, diga-se de passagem.

caso do culto entendido como “*Dulia*”, oriundo do grego *douleuo*, “honrar”, “venerar”, é o culto aos santos, que são pessoas cujas virtudes cristãs são exemplos a serem seguidos. Por fim, no tocante à “*Hiperdulia*”, do grego *hyper*, “acima da honra”, tem-se a designação do culto devido a Maria, Nossa Senhora, como Mãe de Deus.

É importante observar que se trata de um culto cujo significado é superior, mais privilegiado que o culto aos Santos, mas que, ainda assim, não deve se configurar como “*Latria*”:

A partir do Concílio de Éfeso, houve uma linha divisória entre o antes e o depois da devoção mariana, pois foi reconhecida a maternidade divina de Maria. Mais tarde, o Concílio Vaticano II vem afirmar na Constituição *Lumen Gentium*: “A Virgem Maria, que na Anunciação do anjo, recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo e trouxe ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor” (n.53). Acrescenta ainda: “Unida a Cristo por um vínculo estreito e indissolúvel; é dotada da missão sublime e da dignidade de ser Mãe do Filho de Deus, e, por isso, filha predileta do Pai e sacrário do Espírito Santo. Por este dom de graça exímia, supera em muito todas as outras criaturas, celestes e terrestres” (LG 53). Foi o Papa Paulo VI quem, na *Marialis Cultus*, remodelou as celebrações dedicadas à Virgem, passando a considerar como partes, tanto na Anunciação como na Apresentação do Senhor (Candelária), mudando em vez da festa da maternidade divina de Maria e da circuncisão do Senhor e suprimindo memórias menores ou devocionais. Esta reforma de Paulo IV (que foi acusada de “antimariana” pelos conservadores) e o enriquecimento que veio da nova coleção de Missas da Santa Virgem Maria (Decreto de 15 de Agosto de 1986) com o seu correspondente lecionário de 1987 (contém até 46 formulários de missas), que podemos considerar como contribuição de um Papa Mariano por excelência, como foi João Paulo II, deixou o culto da Virgem agora bem estabelecido e em seu justo lugar (CASSIANO, 2021).

Segundo a encíclica *Marialis Cultus*, promulgada pelo Papa Paulo VI:

O culto da bem-aventurada Virgem Maria tem a sua suprema razão de ser na insondável e livre vontade de Deus, que, sendo a eterna e divina Caridade (cf. 1Jo 4,7-8.16), realiza todas as coisas segundo um plano de amor: amou-a e fez-lhe grandes coisas (cf. Lc 1,49), amou-a por causa de si mesmo e por causa de nós e deu-a a si mesmo e no-la deu a nós (PAULO VI, 1974, n. 57).

Acrescenta-se ao processo evolutivo descrito o fato de a América colonial mostrar uma devoção Mariana, algumas vezes acompanhada de uma certa identificação: no México, a Nossa Senhora de Guadalupe se identifica com os indígenas; no Brasil, Nossa Senhora Aparecida, como de detalhará mais adiante, com origens negras; Nossa Senhora do Carmo, para os chilenos, Nossa Senhora de Luján, padroeira da Argentina e Uruguai; Nossa Senhora de Copacabana tem sua devoção na Bolívia e a capital do Paraguai é “Assunção”, um dogma mariano. Boa parte dessa devoção chega junto com Colombo (América Espanhola) e Cabral (Brasil), visto que o culto Mariano já era muito forte na Europa (GARCIA, 2013).

A devoção mariana em terras americanas, no entanto, passará por profundas ressignificações. De venerada “Conquistadora”, a quem os primeiros colonizadores europeus

atribuíram a responsabilidade pelos seus feitos triunfantes e que, portanto, provavelmente fora identificada pelos ameríndios como a divindade causadora de seu massacre, Maria gradativamente se transformará na “mãe e protetora dos pobres”, invocada principalmente pela esperança dos conquistados:

Em Guadalupe e Copacabana, por exemplo, essa “Conquistadora” se desvela ao lado dos pobres e conquistados. A Mãe de Deus e dos pobres não aparece mais nos estandartes pomposos; ela deixa de ser estrangeira e estranha a eles. Ela aparece perfeitamente identificada com a cultura e com o idioma do povo massacrado, e o que deseja é construir a vida de seus filhos, destacando as notas de compaixão, auxílio e defesa, dando origem à devoção popular, tão marcante da mariologia latino-americana. Por essa perspectiva, Maria deixa de ser a conquistadora, passa a auxiliadora e aprofunda seu relacionamento maternal com o povo do continente até os nossos dias (OLIVEIRA, 2020).

Um certo sincretismo teria favorecido a introdução do culto mariano pelos missionários que vieram à América do Sul. Victor e Edith Turner (1978, p. 4003) inclusive evidenciam o assentimento dos próprios missionários às práticas culturais sincréticas:

O culto popular de Maria, quando introduzido pela primeira vez pelos missionários, quase sempre tendia a enfatizar seu aspecto de mãe de Jesus. E os missionários encorajavam a transferência para ela de atitudes e conceitos sobre deusas-mães que exerciam função semelhante na antiga religião ou que eram estruturalmente homólogas no panteão pré-cristão. O famoso frade franciscano Bernardino de Sahagún, cuja *Historia de las Cosas de Nueva España* (1529) é a base dos estudos históricos e etnográficos mexicanos, aplaudiram a fervorosa devoção dos convertidos astecas à Nossa Senhora de Guadalupe na colina de Tepeyac, onde anteriormente eram oferecidos sacrifícios à deusa asteca Tonantzin. A deusa asteca deveria ter dado à luz Teohuitznáhuac sem violência à sua virgindade, e foi invocada como fazedora de chuva (Nossa Senhora de Guadalupe, também, tradicionalmente, tinha uma relação especial com a água; por exemplo, ela é considerada como tendo salvado a Cidade do México das inundações em 1629).¹⁴

No caso de Aparecida se observa principalmente a identificação popular de Maria como auxiliadora, desde seu primeiro milagre da pesca abundante. Aliás, o aspecto mariano de interventora dos pedidos dos homens a ponto de obter milagres é algo que se sobressai significativamente.

2.1.3 Os Dogmas Marianos e o título de Imaculada

¹⁴ *The popular cultus of Mary, when first introduced by missionaries, almost always tended to emphasize her aspect as the mother of Jesus. And missionaries encouraged the transfer to her of attitudes and concepts about mother-goddesses who had a similar function in the old religion or who were structurally homologous in the pre-Christian pantheon. The famous Franciscan friar Bernardino de Sahagún, whose Historia de las Cosas de Nueva España (1529) is the foundation of Mexican historical and ethnographic studies, applauded the fervent devotion of Aztec converts to Our Lady of Guadalupe on the hill of Tepeyac, where sacrifices had formerly been offered to the Aztec goddess Tonantzin. The Aztec goddess was supposed to have given birth to Teohuitznáhuac without violence to her virginity, and was invoked as a rainmaker (Our Lady of Guadalupe, too, traditionally had a special relationship to water; for example, she is held to have saved Mexico City from floods in 1629).*

Além da enorme importância que o caráter de mediadora que Maria, mãe de Jesus, recebe na Igreja e sua relevância para esta pesquisa, uma vez que as peregrinações têm como característica obter “favores” dos santos, não se pode ignorar os quatro dogmas marianos e seu impacto na vida dos cristãos católicos, até porque de um dos dogmas surge a inspiração para a criação da imagem venerada em Aparecida. É preciso insistir que o estudo desses dogmas é afeto, exclusivamente, à melhor compreensão da devoção Mariana e também ao processo de composição da imagem de Nossa Senhora da Conceição, pois a devoção à Aparecida parece não ter origem no dogma, mas na devoção popular (oral e imagética) que é exatamente a linha de pesquisa deste trabalho.

A palavra “dogma” deriva do grego e significa “decisão”, “opinião”. Na Bíblia, mais especificamente no Novo Testamento, tem o sentido de uma “decisão comum” (CASSIANO, 2021). No Catecismo da Igreja Católica encontra-se a seguinte definição:

O Magistério da Igreja se empenha plenamente na autoridade que recebeu do Cristo quando define dogmas, isto é, quando, utilizando uma forma que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, propõe verdades contidas na Revelação divina ou verdades que com estas têm conexão necessária (IGREJA CATOLICA, 2011, 88).

Resumidamente, é possível entender que os dogmas “são verdades de fé contidas na Bíblia e na tradição”, devidamente chanceladas pela Igreja e difundidas pelo seu Magistério. A respeito dos quatro dogmas marianos, as instâncias eclesiais reconhecem em Maria: a) a “Mãe de Deus”; b) a “Virgindade Perpétua”; c) a “Imaculada Conceição” e; d) sua “Assunção aos céus”. O primeiro, reconhecido pelo Concílio de Éfeso, afirma que a Virgem Maria é verdadeiramente Mãe de Deus, pois deu à luz segundo a carne àquele que é o Verbo de Deus; o segundo diz que Nossa Senhora sempre foi Virgem: no parto, antes e depois dele: Maria concebeu Jesus sem pecado, sem concurso carnal. O terceiro, da Imaculada Conceição, foi definido pelo Papa Pio IX, em sua bula “*Ineffabilis Deus*”, na seção em que menciona a doutrina católica e o culto tradicional de Maria, nos seguintes termos:

A beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada de todo o pecado original (...) o Catecismo da Igreja católica diz: “Essa santidade resplandecente, absolutamente única, da qual Maria é ‘enriquecida desde o primeiro instante de sua concepção’ lhe vem inteiramente de Cristo...” (PIO IX, 1854).

O dogma da Imaculada Conceição ensina que Maria começa um processo de renovação e purificação de todo o povo. Finalmente, há o dogma da “Assunção de Maria”, que foi proclamado por obra do Papa Pio XII, na Constituição Apostólica “*Munificentissimus Deus*” onde se lê que, após terminar o curso terreno de sua vida, Maria foi assunta aos céus, de corpo e alma, à glória celeste

(PIO XII, 1950). Cabe aqui uma distinção: Jesus ascendeu aos céus porque ele é Deus. Então, sobe aos céus por sua própria vontade e força. Maria é assunta ao céu, ou seja, ela não tem capacidade de fazê-lo por conta própria; Deus é quem a “eleva” ao céu.

Considerando que os deslocamentos que são objeto de estudo desta dissertação têm como destino final o Santuário onde se encontra a imagem de Nossa Senhora Conceição Aparecida, é importante também fazer uma distinção teológica entre algumas terminologias usadas pela Igreja, quais sejam, entre os títulos de “Nossa Senhora da Conceição” e “Imaculada Conceição”:

O título de Nossa Senhora da Conceição, atribuído a Maria, mãe de Jesus, é fruto da compreensão da Igreja de que Maria, pelos merecimentos de Cristo, é uma referência de figura maternal. Essa devoção muito presente no meio popular da Igreja, remete indiretamente a um antigo dogma da fé católica, relacionado à concepção virginal – ou seja, ao fato de que Jesus foi gerado virginalmente no ventre de Maria. Esse fato, relatado no primeiro capítulo do evangelho de Lucas, foi confirmado como o dogma da virgindade perpétua de Maria ainda no Concílio de Latrão, celebrado no ano de 649. Já o título da Imaculada Conceição apresenta uma verdade de fé que desde os primeiros tempos era venerada na Igreja, mas que ganhou *status* de dogma apenas em 8 de dezembro de 1854, pelo Papa Pio IX, por meio da bula “*Ineffabilis Deus*”. Esse documento confirmou como verdade de fé a doutrina de que Maria, Mãe de Jesus, havia sido concebida (ou seja, gerada no ventre de sua mãe) sem mancha por um especial privilégio divino. O dogma da Imaculada Conceição apresenta a seguinte realidade, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica: “Na descendência de Eva, Deus escolheu a Virgem Maria para ser a Mãe do seu Filho”. “Cheia de graça”, ela é “o mais excelso fruto da Redenção”. Desde o primeiro instante da sua concepção, ela foi totalmente preservada imune da mancha do pecado original, e permaneceu pura de todo o pecado pessoal ao longo da vida” [conforme o ensino do Catecismo da Igreja Católica]. Todavia, o culto a Maria Imaculada já vinha sendo difundido no catolicismo desde muito antes. Em 1476, a festa da Imaculada foi incluída no Calendário Romano. Em 1570, o papa Pio V publicou um Ofício (conjunto de orações para a celebração) próprio para a festividade e, em 1708, o Papa Clemente XI estendeu a festa a toda a Cristandade, tornando-a obrigatória. Entende-se, deste modo, a razão pela qual, já em 1717 (portanto, 127 anos antes da proclamação do dogma), era possível encontrar imagens de Maria Imaculada e observar sua veneração tanto no meio popular quanto com o aval da hierarquia eclesial (FLOR, 2019, p. 13).

A distinção entre as duas designações se faz duplamente necessária, pois, se os fiéis de devoção mais popular se confundem com os títulos, o que se dirá das pessoas não afeitas à religião católica e que eventualmente se interessem pelo assunto? Em grande medida, a confusão se dá porque a Imaculada Conceição de Maria é a geração de Maria sem pecado no ventre de sua mãe, mantida assim pelos merecimentos de Cristo, e que se tornou mãe de Deus feito homem, preservando-se do pecado original. Não se deve confundir este dogma com a concepção de Jesus de forma virginal, por um ato de Deus. Mesmo assim, os dois títulos são complementares.

O dogma de Nossa Senhora da Conceição, a virgem sem pecado e miraculosamente grávida, passa a ser representado por artistas através de imagens. Uma delas, a de Nossa Senhora da Conceição, passará a ser conhecida por Nossa Senhora da Conceição Aparecida ou simplesmente “Nossa Senhora Aparecida”.

2.1.4 Nossa Senhora da Conceição e sua devoção em Portugal

Em Portugal, a história de Nossa Senhora da Conceição, além de antiga, confunde-se com a do próprio país: eventos decisivos do país e a própria identidade nacional portuguesa entrelaçam-se com Nossa Senhora da Conceição. Há referência a uma consagração de Portugal à Imaculada Conceição em 1147 (WEBER, 2018), data que coincide com a conquista de Lisboa do domínio dos Mouros pelo Rei de Portugal, com a ajuda de Cruzados ingleses.¹⁵ Essa informação parece estar ligeiramente equivocada, pois, se houve realmente uma missa nessa data, provavelmente fora motivada por Ações de Graças, agradecendo a Nossa Senhora da Conceição pela vitória dos cristãos, e não em consagração de Portugal à Nossa Senhora.

A consagração de Portugal e seus territórios, incluído aí o Brasil, se deu por conta de eventos que se desenrolaram em dezembro de 1640, conhecidos como “Restauração da Independência” ou “Restauração de Portugal”.¹⁶ Os portugueses passaram a entender que a vitória sobre os espanhóis – que demorou tanto, teve tão pouco derramamento de sangue e por sua vida ter voltado ao normal tão rapidamente – se tratava da vontade de Deus:

Depois de livrar Portugal do domínio da Espanha, e depois de se livrar das tentativas de traição e assassinato, dom João VI celebrava a vitória sobre os inimigos. “Sendo Eu ora restituído por muy particular mercê de Deus à Coroa destes reinos”, ditou o rei, “em reconhecimento dos muy avantajados benefícios recebidos por intervenção de Nossa Senhora da Conceição [...] lhes propus e, com parecer de todos, assentamos tomar por padroeira de nossos reinos e senhorios a mesma Senhora (Alvarez, 2017, p. 107).

É interessante notar que, em sua convicção de fé, Dom João IV creditava como verdadeiro um dogma que somente seria reconhecido duzentos anos depois pela Igreja: a Imaculada Conceição de Maria.¹⁷ A punição para os que contrariassem a convicção religiosa do rei era a expulsão de Portugal, de forma que, aos vassallos do rei, incluídos os brasileiros, chegariam muitas imagens de Nossa Senhora da Conceição.

¹⁵ Durante o reinado de Dom Afonso Henriques, os muçulmanos conquistaram Lisboa, o que deflagrou uma série de eventos de reconquista da cidade. Isso só foi conseguido com a ajuda de cruzados ingleses que, a partir do mar e através dos rios, usando embarcações, apoiaram as tropas portuguesas em terra. Com a retomada da cidade pelos cristãos, uma missa comemorativa em ação de graças a Nossa Senhora da Conceição foi realizada.

¹⁶ A “Restauração da Independência” ou “Restauração de Portugal” foi um processo histórico que buscou a autonomia portuguesa após sessenta anos da União Ibérica (1580-1640).

¹⁷ Observe-se o juramento de Dom João IV na corte: “Prometemos e juramos, com o príncipe e os estados, defender sempre e até dar a vida, se necessário for, que a Virgem Mãe de Deus foi concebida sem pecado original. Salvando, porém, este nosso juramento para o caso da mesma Santa Igreja resolver o contrário” (Alvarez, 2017, p. 108).

2.2 O encontro da imagem, os milagres e a memória religiosa

Com tanta devoção em Portugal e seguindo a ordem do rei, era de se esperar que imagens de Nossa Senhora da Conceição se tornassem muito comuns no Brasil. Resta claro que era preciso espalhar pelas terras portuguesas a devoção pela imagem de uma santa da mãe de Jesus com as mãos unidas em sinal de oração, com feições “rechonchudas” de uma mulher grávida. Além da fé disseminada em Nossa Senhora da Conceição, havia o costume que imagens quebradas fossem descartadas nos rios: primeiro porque se considerava mais respeitosa essa forma de descarte e também porque manter a imagem quebrada em casa era sinal de má sorte.

Há duas fontes sobre o achado da imagem, que se encontram no Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida (anterior a 1743) e no Arquivo da Companhia de Jesus, em Roma: a história registrada pelos padres José Alves Vilela, em 1743, e João de Morais e Aguiar, em 1757, cujos documentos se encontram no Primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá. Segundo os relatos, a aparição da imagem ocorreu na segunda quinzena de outubro de 1717, quando Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos, governante da capitania de São Paulo e Minas de Ouro, estava de passagem pela cidade de Guaratinguetá, no Vale do Paraíba, durante uma viagem até Vila Rica.

O povo de Guaratinguetá decidiu fazer uma festa em homenagem à presença de Dom Pedro de Almeida – o Conde de Assumar – e apesar de não ser temporada de pesca, os pescadores lançaram seus barcos ao Rio Paraíba do Sul com a intenção de oferecerem peixes em um almoço para o conde. Os pescadores Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso teriam rezado para a Virgem Maria e pedido a ajuda de Deus. Após várias tentativas infrutíferas, desceram o curso do rio até chegarem ao Porto Itaguaçu. Já estavam prestes a desistir da pescaria quando João Alves jogou sua rede novamente e, em vez de peixes, apanhou o corpo de uma imagem da Virgem Maria, sem a cabeça. Ao lançar a rede novamente, alguns metros mais adiante, apanhou a cabeça da imagem, que foi envolvida em um lenço. Após terem recuperado as duas partes da imagem, a figura da Virgem Aparecida teria ficado tão pesada que eles não conseguiam mais movê-la. A partir daquele momento, os três pescadores apanharam tantos peixes que se viram forçados a retornar ao porto, uma vez que o volume da pesca ameaçava afundar a embarcação. Esta foi a primeira intercessão atribuída à santa.

Nesse ponto, há de se mencionar as teses de Daniele Hervieu-Léger, em sua obra “O Peregrino e o Convertido” (2015), em diálogo com “A sociologia de memória” (1990), de Maurice Halbwachs. Para a autora:

Toda religião implica, com efeito, uma mobilização específica da memória coletiva [...] a memória religiosa coletiva se torna questão de uma reelaboração permanente, de forma que o passado inaugurado pelo acontecimento histórico da fundação possa ser identificado a todo momento com a memória coletiva (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 61).

A questão da memória coletiva, registre-se, será analisada nesta dissertação em dois momentos: ao indicarmos que o culto a Nossa Senhora Aparecida tem elementos profundamente arraigados na memória religiosa católica, que fazem evocar uma série de passagens fundamentais do catolicismo. Em um segundo momento, será necessário considerar como a peregrinação também é um ato que traz consigo e faz emergir memória religiosa, geográfica e cultural em seus praticantes.

A descoberta da imagem por três pescadores já trazia, em si, o simbólico número três, juntamente com a coincidência da profissão de vários dos apóstolos. Mais que isso, a pesca milagrosa no rio Paraíba joga intertextualmente com a narrativa do evangelho de Lucas, quando Jesus se encontra com Simão às margens do mar da Galileia, tomando conhecimento de que Simão e os outros pescadores tinham passado a noite sem tirar um único peixe daquele lago gigante, também conhecido como lago Tiberíades ou lago de Genesaré. Diante dos insistentes pedidos de Jesus para que lançassem novamente suas redes, Simão e seus companheiros tentaram mais uma vez. Segundo o evangelho de Lucas, nesta ocasião eles “apanharam tamanha quantidade de peixes que suas redes se rompiam e encheram os dois barcos, a ponto de quase afundarem” (Lc 5,1-11).

No Evangelho de João, o mesmo fato aconteceu depois da ressurreição de Jesus, quando Cristo reapareceu para Pedro e seus discípulos, que não o reconheceram. Jesus pergunta se eles tinham peixes e, ante sua resposta negativa, manda que eles atirem as redes à direita do barco, o que resulta em uma pesca surpreendente (Jo 21,1-14).

Não irei ingressar ou tecer considerações sobre a divergência estabelecida pelos exegetas a respeito da “mulher” a que se refere o livro do Apocalipse, se seria Maria ou a Igreja, mas apenas indicar que, na história do descobrimento da imagem de Nossa Senhora Aparecida e na história contada no Apocalipse, existem muitas semelhanças. Por este motivo, a citação do texto bíblico se justifica:

Um sinal grandioso apareceu no céu: uma Mulher vestida de sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas; estava grávida e gritava, entre dores do parto, atormentada para dar à luz. Apareceu então outro sinal no céu: um grande Dragão, cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres sobre as cabeças sete diademas, sua cauda arrastava um terço das estrelas do céu lançando-as para a terra. O dragão postou-se diante da Mulher que estava para dar à luz a fim de devorar o filho, tão logo nascesse. Ela deu à luz um filho, um varão que regerá todas as nações com cetro de ferro. Seu filho, porém, foi arrebatado para junto de Deus e seu trono, e a Mulher fugiu para o deserto, onde Deus lhe havia preparado um lugar em que fosse alimentada por mil duzentos e sessenta dias (...) Ao ver que fora expulso para terra, o Dragão pôs-se a perseguir a Mulher que dera à luz o filho varão. Ela, porém, recebeu duas asas da grande águia para voar ao deserto, para o lugar em que, longe da Serpente, é alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo. A serpente, então, vomitou água como um rio atrás da Mulher, a fim de submergi-la. A terra, porém, veio em socorro da Mulher: a terra abriu a boca e engoliu o rio que o Dragão vomitara. Enfurecido por causa da Mulher, o Dragão foi então guerrear contra o resto dos seus descendentes, o que observam os mandamentos de Deus e mantem o Testemunho de Jesus (Ap 12).

Não apenas o Apocalipse fornece vários elementos do modelo imagético de Nossa Senhora da Conceição, como também existem muitos elementos estruturais e de narrativa que são compartilhados com o texto bíblico: a mulher grávida, o filho que ela espera e o rio – a serpente tenta afogar a mulher, ao passo que Aparecida é retirada das águas – mas as convergências vão além: após regressar com os pescadores, a imagem é colocada em uma pequena capela cercada de velas. Regulamente, a população dedicava rezas de rosários à imagem achada no rio. Em certa oportunidade, as velas teriam se apagado por conta de um vento forte, mas miraculosamente se reacenderam sozinhas e voltaram a brilhar com enorme e ofuscante força. A narrativa de Maria em tais condições pode remeter à coroa de estrelas e à vestimenta de sol.

Outro entre os primeiros milagres que guardam semelhança com passagens do Novo Testamento é o episódio do “cavaleiro sem fé”. Um cavaleiro de Cuiabá, que estava indo a Minas Gerais, passou por Aparecida e, vendo a fé dos romeiros, começou a zombar deles. Para provar que sua fé era bobagem, ele afirmou que entraria a cavalo na igreja que guardava a imagem (a chamada Basílica velha). O cavaleiro não conseguiu entrar na igreja, pois a pata de seu cavalo ficou firmemente presa no primeiro degrau da escadaria. Arrepentido, desceu do cavalo e ingressou na igreja de joelhos, curado por Nossa Senhora de sua falta de fé. A história guarda uma sensível semelhança com a narrativa sobre “os vendilhões do templo”, episódio em que Jesus, revoltado com a presença de vendedores e cambistas – pessoas sem fé – no interior do Templo de Jerusalém, e munido de um chicote, os expulsa daquele lugar.

E é assim, realizando milagres, ou melhor, intervindo junto ao seu filho para que ele os realize, como nas “Bodas de Caná”, e com muitas histórias que guardam semelhança com narrativas

calçadas na memória espiritual dos fiéis, que a fama de Nossa Senhora Aparecida se propaga. Em tempo, é preciso mencionar que o título de “Aparecida”, como será mais bem explicado adiante, surgiu em decorrência de a imagem ter “aparecido” nas águas do rio Paraíba.

2.2.1 A imagem e a iconografia da imagem de Aparecida

A melhor descrição de Nossa Senhora da Conceição Aparecida provavelmente é a que consta do site “*A12.com*”, portal de notícias oficial do Santuário Nacional:

A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida é esculpida em terracota – barro da região de São Paulo –, em torno de 1600. Ela representa Nossa Senhora da Conceição. Está de pé, com as mãos postas, sorridente, cabelo comprido e solto, adornado por três flores, com a meia lua e anjo aos pés e, o mais importante, está grávida do Menino Jesus, indicado pela faixa em sua cintura. Mede 36 centímetros sem o pedestal de prata, que foi acrescentado em 1875. Originalmente, era policromada; tinha o rosto e as mãos brancas, um manto de cor azul escuro e forro vermelho granada; com o passar dos anos, devido à devoção popular, acrescentou-se um manto em formato triangular e uma coroa à cabeça. Sua cor enegrecida se deu por causa da fuligem das velas, por conta do culto público e por ter ficado muito tempo sob as águas do Rio Paraíba do Sul (CAVALHEIRO, 2020).

As cores da imagem original eram de determinação de Dom João IV, o manto e a coroa foram colocados quando o culto se tornou público não apenas para disfarçar a quebra do pescoço, mas também por conta de devoção popular. O pedestal foi colocado por ordem do pároco de Guaratinguetá, Cônego Benedito Teixeira da Silva, em 1875. A coroa e o manto já estavam no inventário da capela no ano de 1750. Conforme a citação acima, a imagem data de 1600 e perícias confirmam que o barro usado em sua constituição é paulista, a terracota. Especula-se que tenha sido feita por um discípulo do famoso santeiro, o monge beneditino português Frei Agostinho da Piedade, no mosteiro de Santana do Parnaíba (SP). Segundo Brustoloni (1998, p. 22):

Conforme costume da época, não havia família que não possuísse em seu oratório doméstico uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. As que migravam da região de São Paulo e de Santana do Parnaíba, em fins do século dezesseis e início do dezessete, para o Vale do Paraíba, disputavam as imagens moldadas por Frei Agostinho de Jesus, levando-as consigo. É o caso do Sr. José Correa Leite, fundador da Capela de Nossa Senhora do Rosário, em 1712, no Tetequera, e dos capitães Fernando Bicudo de Brito e Gaspar Correa Leite, que vieram residir na região do Itaguaçu.

No que tange à sua função no culto e, portanto, carregada de significado teológico, a imagem de Aparecida só pode comunicar a presença de Deus àquele que vive em sintonia com a sua presença, ou seja, a imagem estabelece uma relação diretamente proporcional entre seu

conteúdo imagético e a subjetividade de fé de quem a contempla ou, nas palavras do teólogo Osmar Cavaca: “Uma imagem, ao mesmo tempo que acolhe, resplandece. Como ícone do mistério, Maria acolhe o filho de Deus em seu seio e o entrega à humanidade – acolhimento e entrega que sua imagem também comunica” (CAVACA, 2016, p. 14). Além disso, a contemplação reforça o dogma: “Diante dessa forma que aqui temos à nossa frente, quando dizemos: “é a imagem de Nossa Senhora Imaculada Conceição Aparecida”, estamos professando nossa fé de que Maria foi preservada, pela graça, da mancha do pecado original”. E o autor continua:

A imagem de Aparecida é o testemunho de uma mulher grávida sobre a descida de Deus na encarnação de seu Verbo. Na *imago Dei* que a imagem deixa transparecer, Maria proclama que, a partir de seu ventre, Deus assume a condição de servo, esvaziando-se de toda glória e poder divinos (cf. Fl 2,6-7), e se torna solidário às condições de sujeira, fragilidade e de pecado humano, embora ele mesmo nunca tenha cometido pecado (cf. 2Co 5,21; esta aí a síntese da antropologia de Deus) (CAVACA, 2016, p. 16).

Mas há, também, um “duplo movimento” iconográfico, porque é através do movimento da vinda do filho de Deus ao mundo dos homens que surgirá a esperança da elevação da condição humana por conta do sacrifício de Jesus: o ser humano pode vencer a morte e atingir a vida eterna através de Cristo. Nesse sentido, afirma Cavaca (2016, p. 15):

Assim, por exemplo, a cor enegrecida da imagem foi interpretada, num tempo de escravatura, como a força que testemunha o amor de Deus para com os pobres e humildes; de uma imagem enegrecida, Ele se serve para comunicar aos homens e mulheres negros. Pobres ou pecadores de todos os tempos que sua descida os eleva à dignidade de plena e realizada *imago Dei*.

Partindo deste raciocínio, a cor enegrecida criou rapidamente um vínculo com o povo, pois, extrapolando significativamente a questão racial, representava todos aqueles que se sentiam pecadores e oprimidos:

A nossa imagem moldada por um monge patricio no interior do Estado de São Paulo, na cidade de Santana de Parnaíba, com feições próprias, parece-me de expressão legítima da raça branca, não indígena e nem negra. É original; não parece cópia de nenhuma outra. Enegrecida pelo tempo, tornou-se símbolo de nosso povo (BRUSTOLONI, 1998, p. 23).

A superação da barreira racial, no entanto, não foi unanimidade. Rodrigo Alvarez narra a tentativa de um Redentorista, de forma clandestina, “clarear” a santa (ALVAREZ, 2017, p.85). Mas ainda que os traços não acompanhem a identidade racial de cor é digno de nota que:

Se olharmos atentamente para a Imagem, iremos perceber no seu rosto machucado e nos lábios entreabertos, um sorriso compassivo e cheio de misericórdia para com todos os que a invocam. Suas mãos postas em prece para interceder pelos pecadores despertaram no povo grande confiança (BRUSTOLONI, 1998, p.57).

A guia do Santuário que me atendeu durante algumas pesquisas fez questão de deixar claro que a imagem tinha sua cor negra por conta da fuligem das velas dos primeiros cultos a Aparecida, mas que essa cor a deixava mais parecida com os brasileiros, registrando que os filhos têm que se identificar com sua mãe e vice e versa, exemplificando que Nossa Senhora de Lourdes tem feições europeias, dada sua aparição em solo europeu. Ainda segundo ela, à Nossa Senhora Aparecida teria sido dado o poder de ser vista e/ou reconhecida pelos devotos como mãe: quem a vê, imediatamente se identifica, projetando em Nossa Senhora a forma como se enxerga. Leandro Karnal (2020) dá o tom do conceito:

Assim como Maria teria aparecido a um indígena chamado Juan Diego no início da colonização espanhola do México, dizendo que era aquela que protegeria o indígena, primeiro da doença do tio e depois pedindo uma capela naquele lugar, Tepeyac, também no Brasil, Maria acaba recebendo esse culto, que vai se tornando um culto anterior ao estado-nação brasileiro, mas um culto muito importante porque ela vai se identificando com o estado-nação, vai se identificando com os brasileiros, e seu tipo moreno a torna tanto preta como negra, ou seja tanto de material escuro como de identidade com etnias africanas, ela é preta e negra ao mesmo tempo, a imagem é escura, mas seu tipo físico também remete a uma mãe morena da América Latina, como também é Guadalupe, que tem feições indígenas. É muito comum nas imagens religiosas que nós tenhamos uma Nossa Senhora com tipos africanos na África ou uma Nossa Senhora com tipos japoneses no arquipélago do Japão. No Brasil, Maria tem uma cara colonial muito próxima da nossa projeção do que seria a etnia clássica do Brasil...

Por fim, em uma história repleta de coincidências, como não comentar sobre a semelhança de Nossa Senhora Aparecida com a Nossa Senhora das Graças, de Altötting, Alemanha? Os primeiros redentoristas que chegaram a Aparecida vindos da Alemanha, puderam reconhecer semelhanças com a Virgem que eles veneravam em sua província, Baviera, na Alemanha. Elisângela Cavalheiro explica que:

A imagem de Nossa Senhora das Graças em Altötting é uma imagem com 66 centímetros (quase o dobro da imagem de Aparecida). É entalhada em madeira de tília e traz o Menino Jesus em seu braço direito. A mãe tem os olhos fixos no Menino Jesus e em sua mão esquerda carrega um cetro dourado em forma de flor que, pela disposição, parece oferecer ao Filho. A cor da imagem tem relação com sua longa história. Devido ao culto ser prestado desde o século IX, a imagem tornou-se negra em decorrência da fuligem das velas (CAVALHEIRO, 2020).

Há uma longa lista de fatores que favoreceram o culto a Nossa Senhora da Conceição Aparecida: sua origem em uma santa que já era objeto de uma longa veneração, vários eventos e circunstâncias que a cercam evocam a memória religiosa católica e uma forte identificação cultural e popular. Tudo isso leva milhares de peregrinos a se dirigirem para Aparecida para louvar, pedir, agradecer e cultuar Nossa Senhora da Conceição Aparecida representada na pequena imagem em um altar dourado, no interior de uma enorme Basílica, nomeada de Santuário, no interior de São Paulo.

2.3 A cidade de Aparecida (SP) e a evolução do santuário

O conceito de cidade-santuário ou hierópolis é bastante relevante, quando se trata de Aparecida (SP): “Por hierópolis, entendem-se aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população local, regional ou nacional. As hierópolis constituem-se como lugares de peregrinação de diferentes religiões” (OLIVERA, 2016, p. 43). Jefferson Rodrigues Oliveira explica, ainda, que as cidades também podem ter como origem uma função religiosa e esse parece ser o caso de Aparecida (SP):

As cidades possuem determinadas características que a qualificam como função religiosa predominante, pelo simbolismo religioso que elas possuem e pelo caráter sagrado que o espaço atribui; temos nesses casos o exemplo de cidade que são hierópolis ou cidades santuário. Ou seja, suas funções em grande parte obedecem à lógica do sagrado, são exemplos deste tipo, cidades como Jerusalém, Meca, Lourdes, entre outras. Essas cidades são centros de convergência de peregrinos ou romeiros (este último caso cristãos católicos) que, com suas práticas, vivências do sagrado, materializam no espaço uma peculiar organização funcional (OLIVEIRA, 2016, p. 43).

A história de Aparecida (SP) começa com a visita do Conde de Assumar¹⁸, governante da Capitania de São Paulo e Minas, que estava de passagem pela cidade de Guaratinguetá, no vale do Paraíba, durante uma viagem até Vila Rica. O povo de Guaratinguetá decidiu fazer uma festa em homenagem à presença do Conde e, apesar de não ser temporada de pesca, os pescadores lançaram seus barcos ao Rio Paraíba do Sul, com a intenção de oferecerem peixes em um almoço para o conde.¹⁹

¹⁸ Trata-se de Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos.

¹⁹ É interessante observar que, no idioma tupi, *Para* significa “rio” e *Iba*, “imprestável”, de onde se pode concluir que, considerando a sabedoria proveniente da cultura indígena, o banquete de peixes talvez não fosse uma boa ideia.

Nesse ponto existem variações na história: algumas tradições dizem que os três pescadores haviam sido contratados pelo governo local, dando a impressão de que eram os únicos que se dedicavam à atividade da pesca. Em outras versões, a impressão que se tem é que havia vários pescadores e barcos envolvidos na atividade, porém todos foram desistindo, ante a falta de sucesso da empreitada, restando apenas os três que acharam a imagem.

De qualquer maneira, a rede é lançada e os pescadores capturam uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, feita de terracota. Conta-se que eles divergiram sobre devolver a imagem quebrada às águas ou não, mas optaram por não fazê-lo. Em um lançamento subsequente, alguns metros mais adiante, acabam por içar a cabeça da imagem.

Os guias turísticos de Aparecida, ao repetir essa história, fazem questão de assinalar a improbabilidade do acontecimento, visto que os espaços na rede de pesca são muito maiores do que a cabeça da imagem, sendo que o mais provável era que esse pedaço da imagem passasse entre os vãos da rede. Mas esse fato ainda não é o mais improvável, haja vista que em um rio do tamanho do Paraíba, o lançamento da rede fosse perfeito a ponto de achar a cabeça da imagem. Lançamentos subsequentes acabariam por achar uma quantidade imensa de peixes.

Curiosamente, apesar do objetivo ter sido atingido, não existem registros históricos do banquete que deveria ter se seguido à pesca, com a presença do Conde (ALVAREZ, 2017). De qualquer maneira, o aparecimento da imagem repercutiu e começou a atrair muitas pessoas, o que gerou muitos devotos de Nossa Senhora Aparecida.

Em um primeiro momento, a imagem ficou nas mãos dos pescadores. Porém, existem divergências sobre o início do culto a Aparecida. De um lado, Júlio J. Brustoloni (1998), apoiado no Livro do Tombo da Cúria de Aparecida, afirma que o culto se iniciou na casa de Filipe Pedroso, em um sítio chamado “Ribeirão do Sá” por seis anos e, depois, por mais nove anos na “Ponte Alta” e no oratório de Itaguaçu. A imagem recebia visita da comunidade local, que celebrava cultos e louvores. Essa versão diverge da versão de Alvarez (2017), a partir da edição ampliada e ilustrada de seu livro “Aparecida – A biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil”, que em sua rebuscada narrativa afirma que segundo uma “pasta azul” guardada na Cúria Metropolitana de Aparecida, existem documentos históricos da tradição oral que embasam que quem teria ficado com a guarda da imagem e organizado os cultos seria Silvana da Rocha, mãe do pescador João Alves.

Tal versão seria suportada pela informação de que foi Silvana quem presenciou o milagre do acender das velas, o segundo milagre de Aparecida. Ao afirmar que Silvana acabou por devolver a imagem a Felipe Pedroso, as versões voltam a coincidir. Isso porque o filho de Filipe Pedroso,

Atanásio, constrói um pequeno oratório aberto ao público. A imagem, então, teria passado um tempo no oratório ou “capelinha” de Porto Itaguaçu, localizado no Rio Paraíba, próximo ao local onde a imagem foi tirada das águas e que ficava junto à estrada para onde passavam as caravanas que iam a Minas Gerais, São Paulo e ao Sul, facilitando sua devoção. Aliás, vale registrar que a localização atual de Aparecida (SP) às margens da BR-116, Rodovia Presidente Dutra, próxima às divisas do Rio de Janeiro e Minas Gerais, é absolutamente estratégica, conforme explica Rubem César Fernandes:

A localização de Aparecida é bem ajustada aos papéis a que foi chamada a desempenhar. Situa-se no cruzamento entre São Paulo e Rio de Janeiro, em um eixo, e o litoral e Minas Gerais em um segundo eixo. Tem assistido, portanto, a um tráfego expressivo ao longo de toda sua história – pelo ouro no século XVIII, pela cana de açúcar mais tarde, pelo café nos séculos XIX e XX, pela política desde a independência (FERNANDES, 1994, p. 106).

Essa região do Vale do Paraíba acabou se tornando, por diversas razões, um polo de atração de católicos: a cerca de dez quilômetros de Aparecida fica a cidade de Guaratinguetá (SP), onde viveu Antônio de Sant’Anna Galvão, o Frei Galvão, um taumaturgo que promoveu diversas curas e onde está localizado o Santuário consagrado em sua homenagem; a aproximadamente trinta quilômetros de Aparecida, situa-se a cidade de Cachoeira Paulista (SP), onde está sediada a comunidade católica “Canção Nova”, que segue as linhas da Renovação Carismática Católica, celebrando missas, orações e retiros.

Entre 1782 e 1827, diversas capelas passaram a ser erigidas em todo o Brasil com o título de “Aparecida”, tais como: Sorocaba, Campinas e algumas cidades do Rio Grande do Sul (BRUSTOLONI, 1998). Não obstante, retomando a saga da peregrinação da própria imagem de “Aparecida”, ela seguiu do Porto Itaguaçu para o Morro dos Coqueiros, uma vez que o Vigário de Guaratinguetá havia construído uma nova capela, com a autorização do Bispo do Rio de Janeiro. No dia 26 de julho de 1745 foi celebrada a primeira missa com a imagem de Nossa Senhora Aparecida no altar e, desde então, o culto a Nossa Senhora Aparecida passou a ser oficialmente reconhecido pela igreja. Em 04 de março de 1842, o Barão de Monte Alegre promulgou a Lei Provincial nº 19, que criava a Freguesia de Aparecida, subordinada a Guaratinguetá.²⁰

A capela do Morro dos Coqueiros passou por ampliações para receber o afluxo de devotos, que não parava de crescer até se tornar o que hoje é conhecido por Basílica Velha, sendo certo que o final de suas obras de ampliação ocorreu em 1888. O Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato

²⁰ O Barão de Monte Alegre, ou José da Costa Carvalho, nesse período, era o presidente de São Paulo.

Rodrigues, achou por bem, em 28 de novembro de 1893, criar a paróquia de Aparecida, que sai do território de Guaratinguetá, tendo também concedido à Igreja Matriz o título de “Santuário Episcopal”. Já em 1894 os cuidados da Paróquia foram entregues para os missionários da Congregação do Santíssimo Redentor ou simplesmente “Missionários Redentoristas”, vindos da Alemanha, e que permanecem como responsáveis pelo Santuário Nacional até os dias de hoje.²¹ O município de Aparecida, por sua vez, foi emancipado e desmembrado de Guaratinguetá apenas em 1928, através da Lei Estadual 2.312 de 1928, sendo instalado em 30 de março de 1929.

No ano de 1930, o Papa Pio XI declara Nossa Senhora da Conceição Aparecida “Padroeira do Brasil”. Dezesesseis anos depois, foi lançada a pedra fundamental para a Basílica Nova e rezada a primeira missa no local, sendo que a construção se iniciou em 1955. A Arquidiocese de Aparecida foi criada pela Bula Papal do Papa Pio XII, *Sacrorum Antistitum*, em 19 de abril de 1958. Curiosamente, as cidades que hoje compõem a Arquidiocese de Aparecida (Aparecida, Guaratinguetá, Potim, Roseira e Lagoinha) já pertenceram, sucessivamente, a várias outras dioceses: São Salvador da Bahia, São Sebastião do Rio de Janeiro, São Paulo e Taubaté. Por abrigar um santuário mariano, a cidade de Aparecida estava ligada à Arquidiocese de São Paulo e as demais à Diocese de Taubaté, até 1958.

O território da Arquidiocese de Aparecida, além do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição, abriga também o Santuário Arquidiocesano de Frei Galvão e o Santuário da Esperança, ambos em Guaratinguetá. A arquidiocese de Aparecida é proprietária da área onde se encontra o Santuário. Porém, a administração pastoral e do santuário cabe aos redentoristas. O santuário conta com números superlativos, com uma área de terreno que passa de um milhão e trezentos metros quadrados e uma área construída superior a cento e quarenta e dois mil metros quadrados (RODRIGUES, 2015). Até o início da pandemia de COVID-19, sabia-se que o santuário empregava diretamente dois mil funcionários, além dos milhares de empregos indiretos que giram ao seu redor (FLOR, 2019).

2.4 O Santuário, os missionários redentoristas e a origem popular do culto a Aparecida

A origem do culto a Nossa Senhora da Conceição, que “apareceu” nas águas do rio Paraíba, é absolutamente popular em suas origens: depois de ser retirada das águas, mesmo com as

²¹ Com informações obtidas pelo site “A12.com”, em matéria intitulada “Quais foram as moradas de Nossa Senhora Aparecida?”, publicada em 10 de setembro de 2021. Disponível em <https://www.a12.com/redacaoa12/quais-foram-as-moradas-de-nossa-senhora-aparecida>. Acesso em 15 fev 2022.

divergências já mencionadas entre as versões, é fato que permaneceu nas mãos dos pescadores que a localizaram. A transição do culto popular para o oficial não ficou imune a uma série de problemas.

As obras de Alvarez (2017) e Brustoloni (1998) concordam com o fato de que a chegada do Conde de Assumar no Brasil data de 1717 e que houve uma rápida disseminação da devoção. Ambos são unânimes ao afirmarem que o início da devoção se deu pela mão dos pescadores, seus familiares e a comunidade local, que organizaram rezas, terços e louvores sem nenhum apoio ou incentivo oficial da Igreja. As palavras de Alvarez sobre estes primórdios são dignas de citação:

Até quando fazer vista grossa? Como seria possível que o padre José Alves Vilella jamais se desse conta de que o fenômeno Aparecida crescia na barba dele, a menos de uma légua da paróquia? Pois ficou cada vez mais evidente que o oratório de Atanásio Pedroso era muito mais falado que a Igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá, que ele comandava, e o vigário ainda que meio sonolento finalmente abriu os olhos para a santinha quebrada (ALVAREZ, 2017, p. 159).

O autor continua sua descrição, informando que, mesmo com certa demora, o padre José Alves Vilella finalmente tomara algumas iniciativas:

Seu primeiro ato, sem comunicar nada aos chefes, havia sido se juntar aos devotos e ao capitão-mor que mandava na vila para construir uma capelinha simples, em homenagem à santa que tanto barulho fazia na casa de Silvana Rocha. Um pouco depois disso, depois que dois vigários chegaram e foram embora sem fazer nada, depois de duas décadas e meia de silêncio, foi em 1743 que o padre Vilella resolveu levar aquele *zum-zum-zum* ao conhecimento do Bispo do Rio de Janeiro, que na época mandava nas igrejas da região (ALVAREZ, 2017, p. 159).

A capela que o trecho menciona é a do Morro dos Coqueiros, que viria se tornar a Basílica Velha, de forma que demorou praticamente trinta anos desde a data da pescaria para que a Igreja fizesse a primeira missa oficial com a “participação” da santa. Ou seja, foram três décadas de devoção absolutamente popular, com conhecimento, porém sem a “chancela” da igreja. Nesse período, a devoção era manifestada através de louvores e orações (especialmente a reza do terço) organizadas e regularmente agendadas e conduzidas pela população local ou pela oração individual ou coletiva dos tropeiros e passantes pela região.

A proximidade da estrada facilitava enormemente o acesso público e os passantes pela região puderam ingressar nos diferentes oratórios por onde esteve a santa e fazer suas orações e pedidos. Como já mencionado neste capítulo, a localização estratégica em meio a três Estados, a proximidade com o litoral, em uma região que foi – em momentos diferentes de sua história –

entroncamento e via de circulação de algumas riquezas, fez com que tropeiros viessem, fizessem suas orações e levassem sua devoção a suas cidades de origem nos mais diversos cantos do país. Talvez, este fenômeno explique o fato de que, em um período durante o qual não havia comunicação tão rápida e eficiente como nos dias de hoje, nos anos que se seguiram à construção da igreja que ficaria conhecida como Basílica Velha, várias cidades passaram a ter capelas, igrejas e comunidades nomeadas “Nossa Senhora Aparecida”.

Outro fato decisivo no que tange à relação da igreja com a devoção popular a Aparecida refere-se à escolha dos Missionários Redentoristas como gestores do Santuário. Para entender a dimensão deste ato, é preciso recordar que no Brasil havia o regime da Lei ou Sistema do Padroado, que na prática era o controle do Estado sobre a Igreja, tanto nas colônias de Espanha como nas de Portugal. Tratava-se de um momento em que o ato de colonizar se confundia com a evangelização. A respeito deste tema, o padre Inácio de Medeiros afirma:

Isto de se deu com a permissão de Roma e aconteceu através do sistema do Padroado. Considerava-se o Estado “oficialmente católico”, com o dever de proteger a Igreja, dizendo estar a seu serviço, cuidando da sua missão primeira que era conquistar os infiéis para Cristo e “salvar almas” (MEDEIROS, 2014).

Através do Padroado, a Igreja concedia aos reis de Espanha e Portugal a posse de todas as terras descobertas ou por descobrir, posse dos dízimos das igrejas fundadas e por fundar, e direito de apresentar os candidatos ao episcopado ao papa. Também faziam parte desse arranjo a formação de sacerdotes, a manutenção das igrejas e das obras de evangelização. Com a proclamação da república e a Constituição de 1891, esse arranjo acabou, restando um saldo terrível que décadas de padroado deixaram para as questões pastorais no Brasil:

Muitas paróquias Brasil afora nem sequer tinham padres para rezar as missas. Desde que o rei de Portugal mandara expulsar os padres jesuítas, em 1759, os seminários onde deveriam ser formados novos padres foram sendo fechados um depois do outro. Havia sobrado poucos seminários, poucos padres e pouca esperança de organizar a Igreja Católica no Brasil. Para piorar, em 1842, o imperador decidira que não gastaria mais um único centavo para formar padres em terras brasileiras. A situação era tão assustadora que não se viu alternativa senão importar padres para povoar as igrejas desertas do Brasil. Entre elas, seu maior santuário. E o momento era mais do que adequado. Agora que o Estado abrira mão da igreja e a administração das paróquias voltara à mão dos religiosos, o bispo de São Paulo resolvera pedir ajuda diretamente ao Papa Leão XIII (ALVAREZ, 2017, p. 210).

Com o Estado participando dos bens eclesiásticos, os últimos não ficaram isentos de casos de corrupção. A construção da Basílica Velha, conforme denúncias do Cônego Joaquim de Monte

Carmelo, foi um dos alvos de corrupção de autoridades civis. Três capítulos da obra de Alvarez (2017) se dedicam analisar o caos eclesiástico instalado no Brasil e a chegada dos redentoristas. O bispo de São Paulo envia seu auxiliar, Dom Joaquim Arcoverde, que ficaria conhecido como Cardeal Arcoverde, ao Vaticano para tratar diretamente com os Redentoristas sobre a chegada de padres estrangeiros a Aparecida.

A Congregação do Santíssimo Redentor foi idealizada por santo Afonso Maria de Ligório e tem um carisma missionário. Sua confissão de base é que, em Cristo, a Redenção é para todas as pessoas e deve ser anunciada aos mais pobres e abandonados (BRUSTOLONI, 1998). Diante dos apelos dos sacerdotes brasileiros, a congregação envia dois padres e três irmãos ao Vale do Paraíba para gerir o Santuário.

O papel de Aparecida nesse cenário pós-Padroado também haveria ter outro viés de destaque. Rubem César Fernandes assinala que:

Em seguida à decadência eclesiástica sob a monarquia, e reagindo à ideologia positivista da República, o episcopado decidiu investir nas peregrinações populares existentes, e Aparecida foi destacada para receber atenção especial dentre os demais santuários do país (FERNANDES, 1994, p. 106).

Muito da relevância do Santuário Nacional de Aparecida se deve ao espírito missionário dos redentoristas, que sempre souberam articular a religiosidade popular, as vicissitudes da Igreja e as flutuações políticas. Essa articulação da religiosidade popular não deixa de ter um aspecto paradoxal: a Igreja não conseguiu apropriar-se totalmente das peregrinações e romarias que chegam ao Santuário e, como bem observou Fernandes (1994, p. 113):

(...) [ocorreram] confrontos devocionais entre missionários com uma mentalidade tridentina e romeiros portadores de costumes nativos. Os religiosos europeus defrontaram com tradições que os desconcertavam – “profano”, “pagão”, “supersticioso”, “abuso” tornaram-se palavras comuns em seu discurso. Contudo, aquelas eram as crenças e prática que haviam mantido os santuários vivos durante quase um século de distanciamento clerical; e aqueles eram os romeiros que formavam as massas tão apreciadas pelo clero. Introduzir a disciplina litúrgica e educar os romeiros na verdadeira doutrina católica tornaram-se os principais deveres dos missionários.

Porém, o maior patrimônio de Aparecida seguramente é a devoção popular profundamente arraigada em todas camadas sociais: sua fama prescinde de qualquer tipo de trabalho da Igreja. Sempre que o fiel se sente desamparado, ele recorre à intervenção de Nossa Senhora junto ao seu filho, como as orações da “Ave, Maria” e “Salve, Rainha”, bem como a passagem do evangelho de

João comentada acima os ensina. Para vincular o pedido, o devoto faz uma promessa e sua memória afetiva seguramente vai apontar, principalmente, a visita ao Santuário onde “reside” sua defensora.

Via de regra, não é uma “simples” visita ao Santuário de Aparecida: assistir a uma missa é praticamente obrigatório, assim como a passagem diante da imagem. Essa passagem pode se dar várias maneiras e não é incomum – como este autor presenciou diversas vezes – que o visitante pare diante da imagem para fazer uma oração e/ou exhiba para a Santa algo que seja representativo da graça alcançada, em uma clara demonstração de que o visitante realmente acredita que os olhos da imagem são realmente os olhos da Santa, que ela está lá, vendo-lhe naquele momento. Os objetos exibidos são bastante variados: chaves (de carros e casas), escrituras de casas e terrenos, fotos de pessoas e objetos que representam a graça alcançada. Dentro do santuário, podem ser encontradas salas repletas de objetos representativos de graças alcançadas. A quem faz a promessa, recebe a graça e dirige-se ao Santuário de Aparecida, é dado ver “Nossa Senhora” e agradecê-la. O ato de dirigir-se, em peregrinação, pela graça ou agradecimento a Nossa Senhora será analisado posteriormente neste trabalho.

3. RELIGIOSIDADE POPULAR, PIEDADE POPULAR E PIEDADE MARIANA

3.1 Religiosidade Popular: o complexo universo não-oficial

Como se viu no capítulo anterior, a devoção mariana, em especial aquela dedicada à Nossa Senhora Aparecida, tem profundas raízes populares, entendidas como sendo de origem não institucional da parte da Igreja. Quando a igreja resolve apoiar o culto de Nossa Senhora Aparecida, ele já está estabelecido. Da mesma forma, a constituição de um santuário e a peregrinação não têm origens oficiais, mas estão calcadas em memórias e na observância da fé e das tradições. Existe algo de complicado em definir com precisão a religiosidade popular, dado seu caráter multifacetado, que permite sua análise sob diversas perspectivas: “A religiosidade popular vem sendo ‘redescoberta’ nos últimos anos, está sendo estudada por várias ciências: a história, a etnologia, a antropologia cultural, a psicologia, a economia, etc.” (VON ZUBEN; LANDGRAF, 2018, p. 210).

A literatura sobre o assunto é abundante, mas ainda existem dúvidas sobre o conceito exato de “religião popular” (FERNANDES, 1984). Os limites das definições podem mudar ou mostrarem-se tênues, de acordo com a abordagem que se utiliza. E, por não ser um termo “nativo”, ao se perguntar a uma pessoa, dificilmente essa dirá que segue uma religião popular, provavelmente respondendo que é católica, evangélica ou judia, por exemplo. Discorrendo sobre o assunto da perspectiva da diversidade devocional popular brasileira, Rubem César Fernandes assinala:

A expressão [religião popular] é utilizada em sentidos diversos e nem sempre coincidentes. O termo “popular” designa “...o que pertence à maioria dos homens”, porém também é muito utilizado no sentido daquilo que “pertence aos estratos inferiores da população” (...) Ademais, um outro atributo costuma ser invocado para caracterizar as religiões populares: seriam “extraoficiais”, fora do controle e da regulamentação das autoridades instituídas, cultivadas pelos “leigos” em oposição à religiosidade clerical (...) Ora, dizem os críticos, os três sentidos não se recobrem. Há festas, como de Iemanjá, no Rio de Janeiro, que gozam de “grande popularidade”, a despeito das autoridades eclesásticas do Estado, e que, no entanto, atraem pessoas de todas as classes sociais. Há rituais como o de louvor ao Divino Espírito Santo, que podem ser promovidos pelo clero de uma paróquia e desconsiderados por representantes do mesmo clero em outras regiões, ou ainda, a festa “do povo da roça” em um local (...) e devoção típica, por exemplo, de um seguimento da classe média (...) Messias e taumaturgos, como Pe. Cícero e Pe. Donizetti, têm alcançado “popularidade, com o apoio maior nos ‘extratos inferiores’, são perseguidos pela hierarquia e, no entanto, recebem a simpatia de setores significativos do clero, preservando elementos rituais aprendidos no seminário e consagrados pela ortodoxia (...) A colocar num quadro, efeito de clareza visual vê-se bem as contradições de uma “religião popular” (FERNANDES, 1984, p. 4).

Assim, assumindo as considerações de Rubem César Fernandes, segundo as quais a expressão “popular” pode adquirir sentidos muito diversos e abrir perspectivas completamente diferentes sobre o objeto estudado, torna-se conveniente apresentar uma definição do termo que servirá de base para esse trabalho, mesmo que evitando adentrar demasiadamente nas discussões que a polissemia da terminologia pode gerar.

Ao empregar o termo “popular” como sinônimo de “conhecido”, “notório”, poder-se-ia afirmar que determinada doutrina religiosa pode ser popular porque se difundiu com grande facilidade para um grande número de pessoas e/ou é adotada por um grande número de pessoas ou ainda é conhecida/reconhecida por um grande número de pessoas. Nesse sentido, é possível dizer que o culto a Nossa Senhora Aparecida é popular, assim como são as peregrinações aos santuários: sua existência é bem difundida.

Em outra perspectiva sobre o que seria “popular”, pode-se empregar o termo como sinônimo daquilo que é adotado por classes subalternas, classes pobres, relativas ao povo iletrado ou ainda, recorrendo-se mais uma vez às considerações de Rubem César Fernandes (1984, p. 5), desta feita apoiadas sobre teses de Carlos Rodrigues Brandão: “Em seus termos [ou seja, nos termos de Brandão], ‘religião popular’ define-se por oposição à ‘religião erudita’, numa polaridade que ordena o conjunto do ‘campo religioso’, dividindo-os entre ‘dominantes e dominados’ em toda sua extensão”. Elaborando um quadro esquemático a partir das teses de Brandão, Fernandes situa no conjunto da “religião erudita”, pertencente às “classes dominantes”, o catolicismo oficial, o protestantismo histórico e o espiritismo kardecista. Em contraposição, no universo da “religião popular” das “classes dominadas” figuram o catolicismo popular, o pentecostalismo e a macumba. No caso aqui, a erudição não está relacionada à questão cultural, mas é determinada do ponto de vista econômico e de luta de classes: trata-se de um ponto de vista mais marxista de análise da religiosidade. Tal perspectiva não abrange as complexidades de meu objeto de estudo, na medida em que não se trata de um fenômeno exclusivo de classes baixas ou menos favorecidas. Como se verá pelas análises dos vídeos coletados, há todo tipo de peregrino, de todas as classes sociais. A devoção a Nossa Senhora Aparecida e suas peregrinações também não são um *pièce de résistance* civil ou cultural das classes mais baixas contra as classes altas.

Há ainda uma terceira forma de abordagem do termo “popular” que não está apoiada nem na definição de notoriedade, nem na condição econômica, mas no aspecto da formalidade. O popular, neste caso, é sinônimo de informal, não oficial, não litúrgico ou ainda, extraoficial. Mesmo respeitando as diferentes perspectivas sucintamente descritas e reconhecendo seu valor para as análises socioculturais, esta pesquisa adotou como referência esta última definição do que seja “popular”, isto é, seus elementos informais, não oficiais, não litúrgicos e extraoficiais. Registre-se,

porém, que isso se dá porque o objeto de estudo aqui escolhido são as peregrinações católicas de cunho mariano, sendo absolutamente possível que, em outras religiões, existam peregrinações de caráter litúrgico e forma oficial.

Por exemplo, a peregrinação a Meca, praticada pelos muçulmanos, tem sua forma rigorosamente determinada pela liturgia daquela religião, possuindo tantas minúcias que, às vezes, é realizada em grupos guiados. Apenas para que se tenha uma ideia da liturgia que envolve uma peregrinação a Meca, esta pode ou não se iniciar com uma curta peregrinação para se chegar a uma certa distância de Meca, onde os peregrinos se preparam, entrando em estado de pureza por meio de orações e banhos. Também se vestem de branco para simbolizar igualdade. Ao chegar a Meca, entram no pátio da Grande Mesquita, onde praticam o rito de dar sete voltas ao redor da Pedra Negra sagrada do Islã, a *Caaba*, que se encerra com o peregrino beijando ou apontando para a Pedra. De lá, ele percorre sete vezes o trecho entre os montes *Safa* e *Marwah* e daí segue para uma localidade chamada *Mina*, onde passa o dia e a noite rezando no deserto.

Então, prossegue até outra localidade de nome *Arafat*, faz orações, lê o Corão e pede perdão a Deus. Em seguida, dirigem-se para outra localidade, onde fazem um ritual que consiste em atirar, simbolicamente, pedras pequenas usando como alvo outras três grandes pedras, com o objetivo simbólico de renúncia ao mal e de adoração a um Deus único. Após isso, um animal é sacrificado, seguindo-se um festival de três dias, oportunidade na qual podem tirar as roupas que usaram durante a peregrinação. Antes de retornar para suas cidades de origem, os peregrinos repetem o ritual das sete voltas em torno da Pedra Negra e o trajeto entre *Safa* e *Marwah*.

Ainda que não seja presidida por um sacerdote, trata-se de uma peregrinação guiada e bem delineada pela liturgia, e cuja observância dos preceitos é fiscalizada por delegados dos clérigos e pelos outros peregrinos, sendo que a inobservância acarreta expulsão do ritual. Além da característica de ser obrigatória a todos os devotos que tem saúde e condição financeira de fazê-la, ao contrário da peregrinação católica, cuja adesão é voluntária.

Retornando às práticas católicas, além da voluntariedade, a peregrinação prescinde da presidência de um clérigo, não possui ritual obrigatório, fiscalizado e cuja inobservância seja passível de punição. O chamado “Diretório de Piedade Popular e Liturgia”, promulgado pelo Vaticano através da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos²², que é um Dicastério²³ da Cúria Romana, é muito mais um roteiro de subsídios e orientação prioritariamente dirigidos ao clero para orientação dos devotos do que uma legislação impositiva.

²² O documento na íntegra pode ser consultado no endereço eletrônico <http://www.cultodivino.va/>.

²³ Dicastério é um Departamento do governo da Igreja Católica que compõe a Cúria Romana.

Ainda assim, não se deve desprezar a relevância de tal documento, dada a importância do órgão da cúria romana de onde ele emana: “No exercício do poder supremo, pleno e imediato sobre a Igreja universal, o Romano Pontífice serve-se dos Dicastérios da Cúria Romana, que, por isso, trabalham em seu nome e com a sua autoridade, para bem das Igrejas e em serviço dos sagrados pastores” (IGREJA CATÓLICA, 1988). O citado diretório traz uma interessante definição de religiosidade popular, cujo conteúdo pode se agregar às definições já apresentadas neste trabalho:

A “religiosidade popular” refere-se a uma experiência universal: há sempre uma dimensão religiosa no coração das pessoas, nações e suas expressões coletivas. Todos os povos tendem a dar expressão à sua visão totalizante do transcendente, seu conceito de natureza, sociedade e história por meio de cultos. Tais sínteses características são de grande importância espiritual e humana. A religiosidade popular nem sempre se refere necessariamente à revelação cristã (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001, n.10).²⁴

Porém, se a Igreja Católica considera a religiosidade popular algo que nem sempre se refere necessariamente à revelação cristã, achou por bem cunhar a expressão “piedade popular”:

O termo “piedade popular” designa as diversas expressões culturais de natureza privada ou comunitária que, no contexto da fé cristã, se inspiram predominantemente não na Sagrada Liturgia, mas em formas derivadas de uma determinada nação ou povo ou de sua cultura. A piedade popular foi justamente considerada “um tesouro do povo de Deus” e manifesta uma sede de Deus que só os pobres e os humildes conhecem, tornando-os capazes de generosidade e de sacrifício até ao heroísmo na prova da fé, ao mesmo tempo que mostra um sentido agudo dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a sua presença constante e amorosa. Ela também promove atitudes interiores raramente encontradas na mesma medida por outros meios: paciência, consciência da Cruz na vida cotidiana, desapego, abertura aos outros e devoção (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001, n.09).²⁵

²⁴ Como não encontrei versão traduzida para o português disponível, fiz tradução livre do original onde se lê: “*Popular religiosity*’ refers to a universal experience: there is always a religious dimension in the hearts of people, nations, and their collective expressions. All peoples tend to give expression to their totalizing view of the transcendent, their concept of nature, society, and history through cultic means. Such characteristic syntheses are of major spiritual and human importance. Popular religiosity does not always necessarily refer to Christian revelation”. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_en.html#INTRODUCTION. Acesso em 15 fev 2022.

²⁵ The term “popular piety” designates those diverse cultic expressions of a private or community nature which, in the context of the Christian faith, are inspired predominantly not by the Sacred Liturgy but by forms deriving from a particular nation or people or from their culture. Popular piety has rightly been regarded as “a treasure of the people of God” and “manifests a thirst for God known only to the poor and to the humble, rendering them capable of a generosity and of sacrifice to the point of heroism in testifying to the faith while displaying an acute sense of the profound attributes of God: paternity, providence, His constant and loving presence. It also generates interior attitudes otherwise rarely seen to the same degree: patience, an awareness of the Cross in every-day life, detachment, openness to others and devotion. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_en.html#INTRODUCTION. Acesso em 15 fev 2022.

Newton A. Von Zuben e Robert D. Landgraf (2018, p.212) explicam que tal definição acompanha os documentos do Concílio Vaticano II e acrescentam:

A piedade é “popular”, em primeiro lugar, por constituir a piedade do povo, das multidões católicas, das massas de fiéis, sejam eles ricos ou pobres, pessoas da cidade ou do campo, praticantes ou não praticantes. Depois, a piedade é “popular” por ser a forma de religião das bases populares as quais vivenciaram a fé de maneira distinta da hierarquia da Igreja. Trata-se de um catolicismo praticado de modo mais espontâneo e informal, que difere do catolicismo oficial e racionalizado dos pastores, teólogos e leigos cultos. Concebe-se o catolicismo popular não como algo contrário ao catolicismo oficial, nem como um catolicismo inferior. O catolicismo popular traz em si os hábitos da cultura dos simples, que é uma cultura elementar. A Igreja reconhece a relação de piedade popular com a cultura de um povo, que, na maioria das vezes, se verifica nas manifestações da piedade popular; e acrescenta que, diversas vezes, se trata de uma fusão tão profunda que os elementos próprios da fé cristã se tornam elementos integrantes da identidade cultural de um povo.

É nessa linha de devoção/piedade popular, qual seja, aquela que surge espontaneamente do devoto, com base na Sagrada Escritura, porém de forma não litúrgica e informal, que se acredita que a fé dos peregrinos que buscam o santuário mariano de Aparecida se encaixa. Os peregrinos refletem uma piedade popular livre ou informal da vida da Igreja e, como tal, conduzem seu deslocamento guiados pela fé, pela tradição, sem se pautarem por ritos institucionais, oficiais e hierárquicos. Porém, na sua informalidade, evocam a memória cultural e religiosa, visto que imitam os passos daqueles que peregrinaram antes deles, sem perder o respeito à fé e às Escrituras.

3.2 A Piedade Popular Mariana

Mesmo que não fosse possível inferir, por meio de categorias oriundas da sociologia, da antropologia e de outras ciências sociais, que a devoção mariana, em especial aquela dedicada à Nossa Senhora Aparecida, é de natureza evidentemente popular, seria possível, através das perspectivas do “Diretório de Piedade Popular e Liturgia” compreender que a Veneração da Santa Mãe de Deus, definida como “um fenômeno importante e universal da Igreja”, é uma forma de piedade popular:

As suas expressões são múltiplas e a sua motivação muito profunda, que deriva da fé e do amor do Povo de Deus por Cristo, Redentor do homem, e da consciência da missão salvífica que Deus confiou a Maria de Nazaré, porque do qual ela é mãe não só de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, mas também da humanidade na ordem da graça. Com efeito, “os fiéis compreendem facilmente o vínculo vital que une o Filho e a Mãe. Compreendem que o Filho é Deus e que ela, a Mãe, é também sua mãe. Intuem a santidade imaculada da Bem-Aventurada Virgem Maria, e venerando-a como gloriosa rainha do céu, eles estão absolutamente certos de que ela, cheia de misericórdia, intercede por eles. Por isso, eles recorrem com confiança à sua proteção. Os mais pobres dos pobres sentem-se especialmente próximos dela. Eles sabem que ela, como eles, era pobre e sofreu muito com mansidão e paciência. Podem identificar-se com o seu sofrimento na crucificação e morte do seu Filho, bem como regozijar-se com ela na sua ressurreição.

Os fiéis celebram com alegria as suas festas, fazem peregrinação ao seu santuário, entoam hinos em sua homenagem e fazem oferendas votivas a ela. Instintivamente desconfiam de quem não a honra e não toleram quem a desonra (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001).²⁶

As características da piedade popular mariana são apontadas por Von Zuben e Landgraf (2018, p. 214-218), que destacam os seguintes elementos: 1) Sentimento *Via Cordis*: a cultura popular, em especial a devoção mariana, se dá pelo coração, contrapondo-se a uma visão racionalista. O devoto de Maria demonstra um enorme caráter afetivo, desde a forma de se referir a ela até mesmo nos gestos visíveis da sua devoção; 2) Exuberância: As festas em louvor a Maria sempre têm um “transbordamento devocional”, com a presença de hinos, flores, ladainhas e fogos. Há uma enorme generosidade para com Maria, seja nos louvores seja em penitência; 3) Expressividade: Se na devoção popular em geral o devoto não deixa de externar seus sentimentos religiosos, não seria diferente nas festas marianas, onde se notam gestos como beijar imagens, andar de joelhos, oferecer flores, oferecer ou mostrar objetos que constituem expressão visual da graça alcançada ou da gratidão por voto pedido e alcançado. A expressividade pode se manifestar, ainda, no uso de escapulários ou adereços que representem a devoção mariana ou reproduzem imagens; 4) A vitalidade, no sentido de atrelamento às situações concretas da vida cotidiana. Neste tópico, os autores observam que a devoção popular é marcada por motivos de “necessidades vitais ou primárias”, isto é, recorrem a Maria em busca de proteção das mais diversas mazelas que o povo encontra no cotidiano. Deste modo, afirmam os autores, a devoção mariana “segue uma integralidade da fé, no sentido de que não se separa a vida da religião, o corpo da alma, o profano do sagrado, não se torna uma religião puramente espiritual e abstrata, mas ocorre uma sobrenaturalização das coisas da vida, ou seja, tudo pode ser matéria da relação com o Divino” (VON ZUBEN; LANDGRAF, 2018, p. 218); 5) O caráter maravilhoso. Para os autores, “o povo tem um forte sentido sacro natural e cósmico, portanto, da transcendência de Deus e seu poder” (VON ZUBEN; LANDGRAF, 2018, p. 218). Assim a relação entre Deus e o devoto se dá com temor reverencial que se manifesta diante de tudo que é misterioso ou simplesmente maravilhoso. Esse caráter é formado por um mundo de graças recebidas, milagres e aparições onde o devoto acredita que sua graça será alcançada, não importa o quão improvável seja seu pedido.

²⁶ “*Its expressions are multifarious and its motivation very profound, deriving as it does from the People of God’s faith in, and love for, Christ, the Redeemer of mankind, and from an awareness of the salvific mission that God entrusted to Mary of Nazareth, because of which she is mother not only of Our Lord and Saviour Jesus Christ, but also of mankind in the order of grace. Indeed, ‘the faithful easily understand the vital link uniting Son and Mother. They realise that the Son is God and that she, the Mother, is also their mother. They intuit the immaculate holiness of the Blessed Virgin Mary, and in venerating her as the glorious queen of Heaven, they are absolutely certain that she who is full of mercy intercedes for them. Hence, they confidently have recourse to her patronage. The poorest of the poor feel especially close to her. They know that she, like them, was poor, and greatly suffered in meekness and patience. They can identify with her suffering at the crucifixion and death of her Son, as well as rejoice with her in his resurrection. The faithful joyfully celebrate her feasts, make pilgrimage to her sanctuary, sing hymns in her honour, and make votive offerings to her. They instinctively distrust whoever does not honour her and will not tolerate those who dishonour her’.*”

No tocante a este último traço característico da devoção mariana, há uma consideração dos autores que precisa ser criticada, visto que parece ser reducionista. Isto é, o caráter maravilhoso não se exaure apenas na crença que sua graça será atendida e, por isso somente, o devoto trata Nossa Senhora como figura de maior dignidade, mas no fato de que Maria é apresentada nas Escrituras e na tradição popular como medidora e intercessora, de forma que muito além da forma como o fiel a trata, existe uma crença sincera e profunda de que sua intercessão junto a Deus fará com que a graça seja alcançada, de forma que o “caráter maravilhoso” destacado pelos autores se manifestaria por sua intercessão como um reforço do pedido do devoto junto a Deus.

3.3 O Catolicismo Oficial, a Religiosidade e a Piedade Popular

Não dá para deixar de notar uma certa preocupação na postura da Igreja em geral e, em particular, do Diretório de Piedade Popular e Liturgia, de que a religiosidade popular que se admite e até incentiva, em sua espontaneidade, derive elementos que contrariem as prescrições da igreja, criando heresias, de forma que deixa claro que o clero e os cristãos cultos devem observar os limites: “A Igreja exorta todos os fiéis – ministros consagrados, religiosos e leigos – a desenvolverem uma devoção pessoal e comunitária à Bem-Aventurada Virgem Maria”, porém, com a ressalva de que tal devoção se realize através de “exercícios piedosos aprovados e recomendados” (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001).²⁷ A precaução com o culto popular mariano aparece no mesmo documento em diversas oportunidades tais como, por exemplo, ao mencionar a oração do “Rosário”:

Ao recomendar aos fiéis o valor e a beleza do Rosário, tenha-se o cuidado de não desacreditar outras formas de oração ou ignorar a existência de uma diversidade de outros terços marianos que também foram aprovados pela Igreja. Também é importante evitar inculcar um sentimento de culpa naqueles que habitualmente não rezam o Rosário... (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001).²⁸

Não apenas no Diretório de Piedade Popular e Liturgia deixa transparecer o temor e os riscos de desvios da piedade popular, mas também o Papa Paulo VI, na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, parece ser do mesmo entendimento, ao vaticinar:

²⁷ *The Church exhorts all the faithful - sacred minister, religious and laity - to develop a personal and community devotion to the Blessed Virgin Mary through the use of approved and recommended pious exercises.*

²⁸ *In recommending the value and beauty of the Rosary to the faithful, care should be taken to avoid discrediting other forms of prayer, or of overlooking the existence of a diversity of other Marian chaplets which have also been approved by the Church. It is also important to avoid inculcating a sense of guilt in those who do not habitually recite the Rosary...*

A religiosidade popular, pode-se dizer, tem sem dúvida as suas limitações. Ela achava-se frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião, como sejam, por exemplo as superstições. Depois ela permanece com frequência apenas a um nível de manifestações culturais sem expressar ou determinar uma verdadeira adesão de fé. Ela pode ainda, levar à formação de seitas e pôr em perigo a verdadeira fé eclesial (PAULO VI, 1975, n. 48).

Diante do que fora exposto até aqui, fica claro que a intenção do presente capítulo não foi exaurir o tema da religiosidade ou piedade popular, até porque, como já se referiu acima, mesmo para pesquisadores do calibre de Rubem César Fernandes, esta tarefa não seria possível. O que se buscou foi delinear, de forma didática, o conceito de piedade popular, conforme será aplicado no restante desta dissertação. Trata-se de uma conceituação que atende aos fins didáticos deste trabalho e, ao mesmo tempo, indica que as fronteiras da religiosidade ou piedade popular, na vida real, podem ser mais “cinzentas” do que parecem.

3.4 SANTUÁRIOS, A PRÁTICA DA PEREGRINAÇÃO E SUAS ARTICULAÇÕES COM A PIEDADE POPULAR

Tendo estabelecido que a terminologia adotada neste trabalho define “peregrinação” como forma de deslocamento geográfico para o Santuário Nacional de Aparecida, torna-se importante mencionar a prática e contextualizá-la no culto popular mariano, que é objeto deste estudo.

3.4.1 Igrejas, catedrais e basílicas, a hierarquia entre os locais de culto da Igreja Católica

Logo de início, é importante esclarecer alguns significados próprios da nomenclatura das estruturas arquitetônicas nas quais a Igreja Católica celebra seus cultos, assinalando as peculiaridades tipológicas de uma “igreja”, uma “catedral”, uma “basílica” ou um “santuário”.

Quando a palavra igreja designa o prédio, o local, a estrutura arquitetônica que abriga as missas e celebrações religiosas tem-se a ocorrência de uma metonímia, visto que o significado original da expressão grega “*ekklesia*” sugere a convocação e descreve as assembleias do povo, geralmente de caráter religioso e, depois, em particular, o ajuntamento de cristãos para o culto. “Igreja” também é como se autodenominam os cristãos católicos, quando se referem ao todo de sua comunidade de fé. O termo *Kyriaká* do qual deriva as palavras “*Church*”, em inglês, e “*Kirche*”, em alemão, significa “a que pertence ao Senhor” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2011, 750). O imóvel Igreja geralmente é um local de culto consagrado.

No tocante às catedrais, a expressão indica o título canônico que a principal igreja de uma diocese²⁹ recebe. “Catedral” deriva do latim *cathedra*, que significa, literalmente, em português, “cadeira”. Essa denominação se dá porque ela abriga o trono episcopal, ou seja, a cátedra do bispo, de onde ele, simbolicamente, exerce o governo eclesiástico da diocese. A rigor, em cada diocese há apenas uma catedral.

Já a palavra “basílica” deriva do latim *basílica*, que significa “casa real”. Esse título é conferido pelo Papa às igrejas que têm importância espiritual e histórica. As basílicas se dividem em Basílicas Maiores e Menores. Apenas quatro templos recebem o primeiro título e todas elas se localizam em Roma, a saber: as Basílicas de São Pedro, Santa Maria Maior, São Paulo Extramuros e de São João Latrão. O que as difere das chamadas “menores” é o fato de possuírem um altar maior, no qual apenas o Papa e seus delegados podem celebrar missa, e possuírem uma Porta Santa, pela qual os fiéis que cruzarem durante um Ano Santo ou de Jubileu recebem a indulgência plenária para seus pecados. As basílicas menores geralmente recebem grande número de peregrinos, seja por sua importância histórica, seja pelos tesouros ou relíquias sagradas que podem guardar.

A cidade de Aparecida tem duas basílicas: a chamada Basílica Antiga ou Basílica Velha, ou ainda, Basílica Histórica; e a Basílica Nova ou Catedral Basílica de Nossa Senhora Aparecida, ou simplesmente Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Por ser sede da diocese de Aparecida, a Basílica “Nova” também é uma Catedral. Comparativamente falando e para que se tenha uma ideia mais clara da estrutura hierárquica, a Basílica de São Pedro, no Vaticano, não é Catedral, porque não é sede de uma diocese. A Catedral de Roma é a Basílica de São João de Latrão.

Curiosamente, apesar de receber o título canônico de Basílica “menor”, a Basílica nova de Aparecida (SP) – em tamanho físico – está entre as cinco maiores basílicas do mundo. Por fim, é preciso mencionar que todas catedrais e basílicas são igrejas, mas nem todas as igrejas são catedrais ou basílicas.

Os santuários serão analisados mais pormenorizadamente a seguir, porém, antecipadamente, é possível dizer que a Basílica de Aparecida foi declarada oficialmente um Santuário Nacional em 1983. Isso se deu porque o reconhecimento canônico de um local como sendo “santuário” pode ser feito pelo bispo local (santuário local, diocesano), pela conferência dos Bispos (santuário nacional) ou pela Santa Sé (santuário internacional). No caso de Aparecida, o reconhecimento se deu pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

²⁹ Diocese é um grupo de paróquias que, por sua vez, é a menor circunscrição territorial administrativa da Igreja Católica. As paróquias podem, eventualmente, pertencer a municípios distintos.

3.4.2 Santuários

As peregrinações, obviamente, têm um destino, um “centro”, para onde se encaminham os peregrinos. Igreja inter-relaciona as peregrinações à existência de Santuários: se existem peregrinações, é porque existem Santuários. A doutrina da Igreja associa a suprema definição de “santuário” a Cristo Ressuscitado, por conta da seguinte passagem bíblica:

Os judeus interpelaram-no, então, dizendo: “Que sinal nos mostras para agires assim? Respondeu-lhes Jesus: “Destruí este santuário, e em três dias eu o levantarei. Disseram-lhe então os judeus: “Quarenta e seis anos foram precisos para se levantar esse santuário e tu o levantarás em três dias? Ele, porém, falara do santuário do seu corpo. Assim, quando ele ressuscitou dos mortos, seus discípulos lembraram-se de que dissera isso e creram na Escritura e na Palavra dita por Deus (Jo 2, 18-21).

A Teologia, por sua vez, nos indica que os santuários – assim como as próprias peregrinações – muitas vezes derivam da piedade popular. São sinais da presença ativa e salvífica de Deus e sua morada entre os homens, e são lugares de descanso para o povo de Deus na sua caminhada para a peregrinação celeste, local de renovação de suas forças para a peregrinação. A própria Igreja recorre à metáfora da vida como uma peregrinação terrestre. Ian Reader (2015, p. 30), discorrendo sobre o assunto na obra já citada nesta dissertação, destaca a relação entre os locais de peregrinação e as personagens consideradas milagrosas ou fundantes da fé de quem peregrina:

Os lugares associados às origens de uma fé e às figuras em seu núcleo geralmente se tornam locais de peregrinação. Os peregrinos à Terra Santa cristã estão indo às raízes de sua fé, para estar por onde Jesus caminhou e seguir seus passos. Muçulmanos em peregrinação a Meca e Medina estão voltando para onde sua fé teve suas origens.

No entanto, essa não é a lógica exclusiva da constituição dos lugares de peregrinação. Ainda de acordo com Reader (2015, p. 31),

Muitas vezes, o sentido do extraordinário associado aos locais de peregrinação não vem da geografia ou da presença de santos fundadores, mas de aparições de outro reino. As origens do santuário de Lourdes se concentram nas crenças de que a Virgem Maria apareceu lá para uma adolescente.

No caso específico de Maria, esta lógica parece ser bastante frequente, conforme explica o autor:

Muitos locais de peregrinação estão igualmente associados a aparições e contos de milagres. Maria é especialmente onipresente em contextos católicos, com numerosos

santuários em todo o mundo, como Knock³⁰, Medjugorje e Guadalupe, tendo suas próprias histórias de aparições e milagres (READER, 2015, p. 32).

A relação entre a piedade popular e os santuários, segundo a Igreja, é clara:

A relação entre a liturgia e a piedade popular é provavelmente mais evidente nos santuários. Estes são frequentemente dedicados à Santíssima Trindade, a Cristo nosso Salvador, à Santíssima Virgem Maria, aos Santos ou Beatos. “Nos santuários sejam providenciados meios de salvação mais abundantes para os fiéis; a palavra de Deus seja cuidadosamente proclamada; a vida litúrgica seja convenientemente promovida, especialmente através da celebração da Eucaristia e da penitência; e formas aprovadas de piedade popular devem ser fomentadas” (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001).³¹

É conveniente observar, porém, que as recomendações do Diretório para a Piedade Popular e Liturgia concernentes aos santuários também revelam certa ambiguidade na avaliação da piedade popular, pois, ao mesmo tempo em que se apresentam como locais de resistência ao secularismo, os santuários simultaneamente podem abrigar desvios doutrinários. De onde se justifica a orientação oriundo daquele Diretório:

A peregrinação está intimamente ligada aos santuários, sendo ela própria uma expressão da piedade popular. Mesmo enfraquecido pelos efeitos do secularismo, o interesse pelos santuários e pela peregrinação continua elevado entre os fiéis. Em vista do objeto deste Diretório, parece oportuno oferecer algumas diretrizes para a pastoral dos santuários e para as peregrinações, para que sejam conduzidas de acordo com uma correta compreensão da relação entre liturgia e piedade popular (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001).³²

Tendo em vista o objeto de estudo desta dissertação, é oportuno considerar o que a Igreja ainda estabelece como princípios dos Santuários e como ela entende que devem se representar aos fiéis. Os seguintes aspectos são contemplados na orientação do Diretório de Piedade Popular e Liturgia, conforme consta no documento da “Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos” (2001):

- memória de um acontecimento original e extraordinário que deu origem a uma devoção persistente, ou testemunho da piedade e gratidão de um povo que recebeu muitos benefícios;

³⁰ Trata-se de Nossa Senhora de Knock, também conhecida como Nossa Senhora do Silêncio: <https://www.a12.com/academia/titulos-de-nossa-senhora?s=nossa-senhora-do-silencio-knock-irlanda>

³¹ *The relationship between the Liturgy and popular piety is probably most evident at shrines. These are often dedicated to the Holy Trinity, to Christ our Saviour, to the Blessed Virgin Mary, to the Saints or Beati. “At shrines more abundant means of salvation are to be provided for the faithful; the word of God is to be carefully proclaimed; liturgical life is to be appropriately fostered especially through the celebration of the Eucharist and penance; and approved forms of popular piety are to be fostered”.*

³² *Pilgrimage is closely connected with shrines, and itself an expression of popular piety. Even though weakened by the effects of secularism, interest in shrines and pilgrimage remains high among the faithful. In view of the object of this Directory, it would seem appropriate to offer some guidelines for the pastoral activities of shrines, and for pilgrimages so that they may be conducted in accordance with a correct understanding of the relationship between Liturgy and popular piety.*

- lugares privilegiados de assistência divina e de intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, dos Santos ou dos Beatos, em virtude dos frequentes sinais de misericórdia que neles se manifestaram;
- signos de harmonia cósmica e reflexos da beleza divina pelo seu posicionamento físico muitas vezes elevado, solitário e austero;
- um apelo à conversão pelo que neles é pregado, um convite a redobrar a vida de caridade e as obras de misericórdia e uma exortação ao seguimento de Cristo;
- lugares dedicados à consolidação da fé, ao crescimento na graça, refúgio e consolação na aflição, em virtude da vida sacramental neles praticada;
- interpretações e prolongamentos particulares da Palavra de Deus em virtude da mensagem evangélica nelas proclamada;
- um encorajamento a cultivar uma visão escatológica, um sentido de transcendência e aprender a dirigir as suas pegadas terrenas para o santuário do Céu.

O Santuário Nacional de Aparecida, por óbvio, enquadra-se em praticamente todos os princípios ditados pela Igreja em seu Diretório.

Victor e Edith Turner (1978) seguem nesse sentido, reputando os santuários, aos quais chamam simplesmente de “locais de peregrinação”, e confirmando que o peregrino ou o devoto ocorre a eles por considerá-los locais de assistência e intercessão de Nossa Senhora ou como local de onde se espera que milagres sejam operados:

Todos os locais de peregrinação têm isso em comum: eles são considerados lugares onde os milagres uma vez aconteceram, ainda acontecem e podem acontecer novamente. Mesmo onde o tempo das curas milagrosas relutantemente seja dado como passado, o crente mantém firmemente que a fé é fortalecida e a salvação mais segura pela exposição pessoal à presença benéfica e invisível da Santíssima Virgem ou do santo local, mediada por uma imagem ou pintura querida. Milagres ou revivificação da fé são vistos em toda parte como recompensas por empreender longas e muitas vezes perigosas jornadas e por ter abandonado temporariamente não apenas os cuidados, mas também as recompensas da vida comum (TURNER, V.; TURNER, E., 1978, p. 1228).³³

Deve-se ter em mente que, quando se afirma que no santuário ou local de peregrinação se operam milagres, isso não deve ser tomado de forma literal: muitas vezes, essa sensação é criada

³³ *All sites of pilgrimage have this in common: they are believed to be places where miracles once happened, still happen, and may happen again. Even where the time of miraculous healings is reluctantly conceded to be past, believers firmly hold that faith is strengthened and salvation better secured by personal exposure to the beneficent unseen presence of the Blessed Virgin or the local saint, mediated through a cherished image or painting. Miracles or revivification of faith are everywhere regarded as rewards for undertaking long, not infrequently perilous, journeys and for having temporarily given up not only the cares but also the rewards of ordinary life.*

porque o peregrino que fez um voto em outro lugar acaba “transportando” a noção que o milagre se deu no Santuário. Como afirma Fernandes (1982, p. 10), o fiel distingue o local de sua morada da morada do santo e é sempre na morada do santo onde se operam os milagres.

Ao considerar a peregrinação uma experiência religiosa universal, uma típica manifestação de piedade popular e uma experiência vinculada a um Santuário, o Diretório de Piedade Popular e Liturgia reconhece também que “os peregrinos precisam de santuários, assim como os santuários precisam de peregrinos” (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001). Essa afirmação corrobora a noção de que as peregrinações transmitem uma ideia de “centro”, pois todas convergem para um lugar determinado. A peregrinação católica dirige-se a um local sagrado no sentido pleno, de forma que o “centro” não é uma metáfora, mas um lugar concreto: o santuário está no centro de um círculo imaginário traçado pelos peregrinos:

A romaria católica, em consequência, ofende nossa sensibilidade filosófica, pois os romeiros dirigem-se a um local sagrado pleno e forte da expressão. O “centro” não é uma metáfora ou um sinal. O sagrado está ali, concreto, material, sensível, passível de ser visto e tocado. É também, ou melhor, é por isto mesmo um lugar de milagres, onde as determinações profanas são rompidas e superadas (FERNANDES, 1994, p. 24).³⁴

Por fim, ainda que os registros da Igreja católica não o façam, vale assinalar que os locais de peregrinação podem ser de grande tamanho e opulência, seja para impressionar o peregrino ou visitante com sua grandiosidade, seja para acomodar um grande número de devotos:

(...) lugares de peregrinação não se baseiam apenas em um local físico marcante, história ou narrativa ligando-os a santos, aparições ou similares. Quase invariavelmente também desenvolvem um ambiente construído que consagra a faceta central do seu fascínio espiritual (como uma relíquia ou uma estátua que representa ou encarna a figura cuja aparição está associada a eles), fornece foco para devoções e inspira um sentimento de admiração nos participantes. Isso é verdade para basílicas como as construídas em Lourdes e Knock para acomodar seus muitos milhares de fiéis, assim como para grandes catedrais em lugares como Santiago, Guadalupe e Canterbury (READER, 2015, p. 34).³⁵

O tamanho e a opulência da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, por exemplo, ainda que não seja mencionada por Reader, são certamente dignos de nota, assim como também são conhecidas as suas permanentes expansões, seja no aumento do tamanho de suas instalações, seja

³⁴ Como já se disse no capítulo anterior, Rubem César Fernandes usa com frequência a palavra “romaria” para designar uma peregrinação. Esse é um desses casos.

³⁵ (...) *places of pilgrimage do not rely on just a striking physical location, story or narrative linking them to saints, apparitions, or the like. Almost invariably they also develop a built environment that enshrines the central facet of their spiritual allure (such as a relic or a statue representing or embodying the figure whose apparition is associated to them), provides focus for devotions and inspires a sense of awe in participants. This is true for basilicas such as those built at Lourdes and Knock to accommodate their many thousands of worshippers as it is for great cathedrals at places such as Santiago, Guadalupe and Canterbury.*

no desenvolvimento de sua decoração interna, sempre repleta de simbolismo, como se poderá observar abaixo (figura 1). Simbolismo esse que, por vezes mais explícito, em outras menos evidente – subliminar –, toca e faz surgir a memória cultural e religiosa do peregrino, emocionando-o e elevando seu estado de espírito.

Figura 1: Interior da Basílica de Nossa Senhora Aparecida

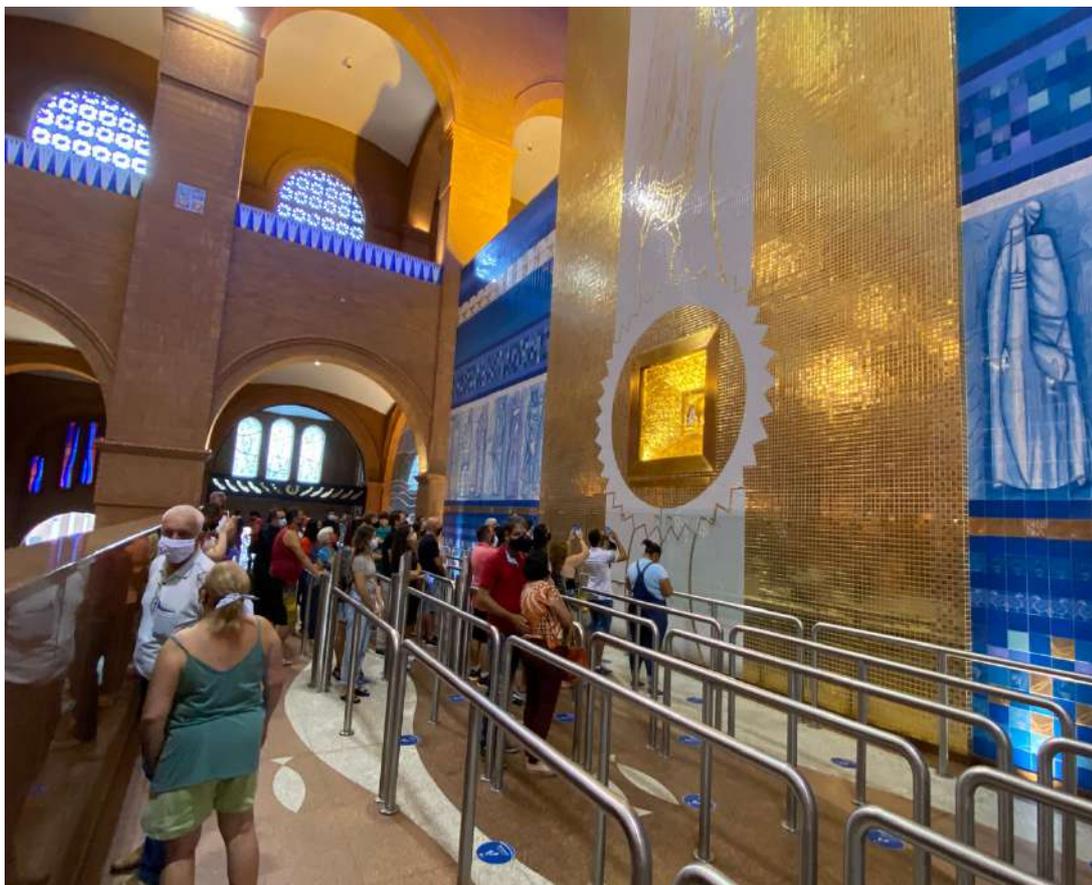


Fonte: acervo do autor

O visitante que chega na exuberante basílica e se dirige à parte dedicada à visita à imagem de Nossa Senhora Aparecida, é recebido em uma área adornada com todos os tipos de representações simbólicas: na entrada, passa por um “portão de metal” que lembra uma rede de pesca; o piso forma um mosaico com representações de peixes e “ondas” de um rio; assim como painéis na parede que antecedem e sucedem a imagem são feitos em azul, tudo para lembrar o

momento do encontro da imagem em um rio e o primeiro milagre da pesca abundante. O local onde a imagem fica exposta, por sua vez, é adornado em branco e dourado, mostrando a pureza e o esplendor da mãe de Jesus (figura 2).

Figura 2: Passagem dos Visitantes pela imagem de Nossa Senhora Aparecida.

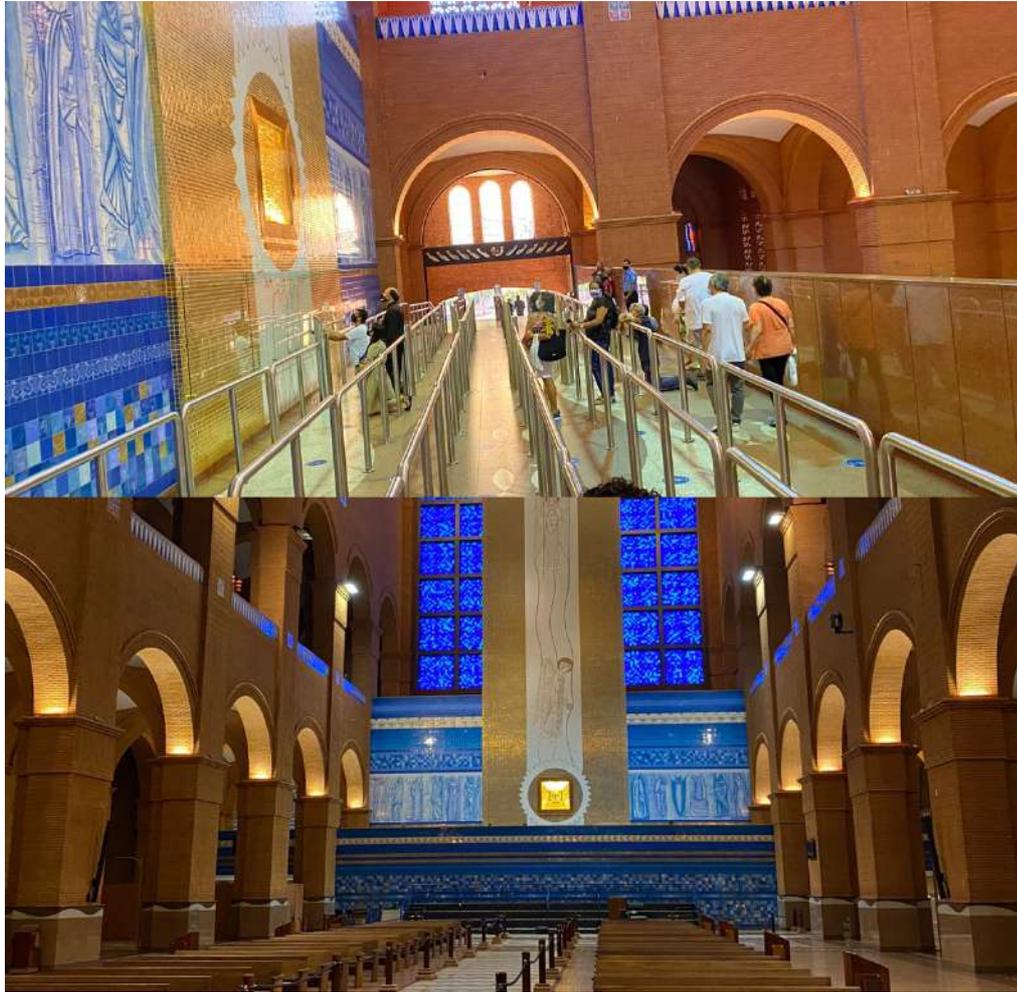


Fonte: Acervo do autor

O corredor que leva à imagem tem algumas soluções arquitetônicas que merecem menção: uma delas é evitar alguns excessos nas demonstrações de devoção dos peregrinos, o que será analisado mais adiante. Outra solução parece militar contra o que recomenda a Igreja, mas tem caráter inegavelmente prático, que é permitir que a imagem seja visitada de forma ininterrupta, sem atrapalhar as missas e cerimônias conduzidas no interior da basílica. Por fim, o corredor é em auge, levando o peregrino até ficar próximo, mas ainda assim, mais baixo que a imagem que fica no ápice da subida. Após adorar a imagem, o peregrino prossegue pelo declive que leva “de volta” à basílica. De forma que o peregrino ascende, visita Nossa Senhora, e retorna ao seu plano do “dia a dia”.

Deste modo, através de sua arquitetura, estrutura física, adornos e imagens, o santuário provoca no peregrino uma experiência de proximidade do sagrado, ativando o que ele mesmo carrega em suas memórias e seu conhecimento.

Figura 3: Interior da Basílica de Aparecida.



Fonte: acervo do autor

3.5 A peregrinação na prática e suas articulações com a piedade popular

No capítulo anterior, me ocupei em delimitar e conceituar o termo “peregrinação”, bem como descrever sucintamente o sentido de termos correlatos. O presente capítulo aborda a prática das peregrinações e investiga como elas se articulam com a piedade popular. Este percurso será importante para a posterior análise dos casos concretos selecionados para esta dissertação.

As peregrinações são fenômenos religiosos universais, praticados por várias religiões e, em essência, incorporam três elementos principais: viagem e movimento, veneração de alguma forma e lugar ou lugares especiais que se considera com significado profundo (READER, 2015) e, mesmo sendo um rito antigo, estão preches de atualidade (FERNANDES, 1994).

São invariavelmente conectadas a um santuário, afinal “as romarias qualificam os espaços atribuindo-lhes um centro onde fica um santo e uma periferia onde ficam as pessoas que lhe

rendem o louvor” (FERNANDES, 1982, p. 9)³⁶, e podem fazer parte ou não da liturgia de uma religião. No caso da Igreja Católica, são consideradas tipicamente manifestações de religiosidade popular (não litúrgica) e de adesão absolutamente voluntária. Nenhum fiel é obrigado a peregrinar. Porém, de forma análoga ao que ocorria na idade média e guardadas as devidas proporções, o fiel que peregrinou obtém um certo destaque em sua comunidade: antes da viagem, passa a ser uma espécie de portador de pedidos de seus pares, podendo levar votos, agradecimentos e rezas; no seu retorno, será lembrado por aqueles que pedem orações, pois, uma vez tendo feito uma peregrinação, teria desenvolvido uma “proximidade” (ou intimidade) com Nossa Senhora ou com o santo do santuário que visitou.

3.5.1 As dimensões espirituais das peregrinações segundo a Igreja Católica

A Igreja separa a espiritualidade das peregrinações em algumas dimensões. Vale a pena enumerá-las, mais uma vez tomando como referência as orientações do Diretório de Piedade Popular e Liturgia:

- Dimensão escatológica: a peregrinação a um santuário pode ser uma parábola para nosso caminho para o Reino e oferece ao devoto a oportunidade de, ao caminhar, fazer uma análise de sua vida como se a peregrinação fosse a sua passagem pela terra e a chegada no santuário o alcançar a vida eterna. Ela convida o peregrino a trabalhar o dualismo de cansaço da jornada e espera pelo descanso, o exílio e o retorno à pátria, a atividade do dia a dia e a contemplação.
- Dimensão Penitencial: diferentemente do que seria de se supor e do que muitos cientistas da religião podem perceber, isto é, que o esforço da peregrinação teria um efeito penitencial sobre o peregrino, a igreja preferiu destacar o efeito da conversão sobre o coração do peregrino. Nesse caso, trata-se da descoberta do próprio pecado e de seu apego às coisas efêmeras e desnecessárias da vida e à liberdade interior. Ao retornar de uma verdadeira peregrinação, ele retorna com o objetivo de alterar sua vida e viver de maneira mais transcendente.
- Dimensão Festiva: A igreja vê tal dimensão como um complemento da anterior. Trata-se da alegria de romper com a rotina diária e ir para a casa de Deus. De certo modo, lembra a passagem do Filho Pródigo, na qual o pai se alegra pelo retorno de seu filho que “estava perdido e foi encontrado”. Outro interessante aspecto que a igreja enfatiza é a alegria fraterna e a amizade de se encontrar com os outros

³⁶ Aqui, mais uma vez, Rubem Cesar Fernandes emprega “romaria” como sinônimo de “peregrinação”.

peregrinos, com aqueles que se dispõem a ajudar pelo caminho com hospedagem, alimentação e água, por exemplo.

- Dimensão de Adoração: A peregrinação realmente é um ato de adoração. O peregrino vai ao santuário para buscar o sagrado, buscar a Deus, ainda que seja pela intercessão de Nossa Senhora. O peregrino realiza atos de culto, louvor e oração: agradecimentos pelo voto recebido, pedindo graças e perdão aos pecados.
- Dimensão da Comunhão: Aqui a Igreja afirma que o peregrino está em comunhão de fé e caridade. As palavras que a igreja lança em seu Diretório sobre a Piedade Popular e Liturgia merecem reprodução, não apenas por sua sensibilidade analítica a respeito, mas, mais uma vez, pela evocação da memória cultural e religiosa do peregrino. Ao afirmar que o peregrino, ao viajar, leva consigo todos os fiéis que já rezaram naquele santuário, torna-se evidente que se acionou a memória e evocou-se a repetição de um ritual antigo, delineado na tradição da Igreja e não um regramento específico particular:

O peregrino que vai a um santuário está em comunhão de fé e caridade não só com quem o acompanha no “caminho sagrado” (Sl 84,6), mas com o próprio Senhor, que o acompanha do mesmo modo como o fez com os discípulos no caminho para Emaús (Lc 24,13-35). Ele viaja com sua própria comunidade e através dessa comunidade, ele viaja com a Igreja no céu e na terra. Ele viaja com todos os fiéis que rezaram naquele santuário ao longo dos séculos. Aprecia a beleza natural que circunda o santuário e que é movido a respeitá-la. O peregrino viaja com a humanidade cujos sofrimentos e esperanças são tão claramente evidentes no santuário, especialmente quando representados pela arte (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001).³⁷

3.5.2 A prática da Peregrinação

A peregrinação a Meca, como já se exemplificou, é um ritual bem delineado, que não é presidido por sacerdote, mas fiscalizado por seus delegados e cuja inobservância resulta na expulsão do rito. A peregrinação católica, por sua vez, lança mão da piedade popular e da memória para evocar nos peregrinos uma memória cultural e religiosa e, assim, gerar experiências do sagrado junto deles.

Ainda assim, a igreja preocupa-se em limitar essas atividades, para evitar que a prática não litúrgica produza elementos que contrariem a sua profissão de fé. Partindo dessa preocupação, ela

³⁷ *The pilgrim who journeys to a shrine is in a communion of faith and charity not only with those who accompany him on the “sacred journey” (cf Ps 84, 6), but with the Lord himself who accompanies him as he once accompanied the disciples on the road to Emmaus (cf. Lc 24, 13-35). He travels with his own community and through that community, he journeys with the Church in heaven and on earth. He travels with all of the faithful who have prayed at that shrine down through the centuries. He appreciates the natural beauty which surrounds the shrine and which he is moved to respect. The pilgrim journeys with mankind whose sufferings and hopes are so clearly evident at the shrine, especially as represented through art.*

pontua alguns rituais que recomenda ao peregrino, por exemplo: que a peregrinação se inicie com uma missa, com a liturgia das horas ou, pelo menos, uma oração em uma igreja da paróquia onde se inicia o percurso, devendo-se fazer acompanhar de uma bênção aos peregrinos. (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001). Essa recomendação é compreensível, já que colocaria um limite, uma linha divisória na vida do peregrino: a oração já ajudaria na sua entronização na peregrinação. Nesse momento se aplica um marco claro, uma “linha de largada” para o deslocamento devocional. Na prática, essa demarcação ocorre, como se verá nos vídeos analisados, mas de uma forma bem mais simplificada do que a Igreja gostaria: peregrinações começam com uma oração de onde parte o peregrino, da saída da pousada, de onde as bicicletas foram deixadas por alguma transportadora ou da rodoviária.

Ian Reader (2015) considera natural que, mesmo que as peregrinações possam se diferenciar através das religiões, os peregrinos aparentem estar menos interessados em formalidades religiosas quando sua religião permite (que é o caso do objeto deste estudo), mas, em seu estudo sobre estes fenômenos, assinala que existem similaridades entre os peregrinos de todas as religiões e que são pertinentes ao presente. Assim, mesmo que adeptos a religiões diferentes, existe a prática de usar roupas que os marquem como peregrinos, tais como uma vestimenta peculiar dos peregrinos japoneses (camisa branca com dísticos apropriados e chapéu de palha), as roupas brancas dos peregrinos muçulmanos, os peregrinos usando as conchas de vieira ou as cruzes específicas de Santiago em Compostela.

Aos grupos exemplificados acima, é necessário acrescentar os peregrinos que se constituem no objeto deste estudo, os quais ostentam imagens, adesivos ou adornos de Nossa Senhora Aparecida e/ou reproduções estilizadas das setas amarelas que marcam o caminho que leva ao Santuário de Aparecida (figura 4).

Figura 4: Locais no “Caminho da Fé”



Fonte: acervo do autor

A explicação oferecida por Reader em relação a peregrinações budistas guarda certa conexão com a abordagem da Igreja no tocante à “dimensão penitencial” descrita no capítulo anterior, destacando a atitude em que o peregrino se afasta das coisas efêmeras e desnecessárias da vida para transcender a uma condição diferente. Nas palavras do autor:

Ser peregrino também oferece às pessoas a oportunidade de abandonar temporariamente seu *status* mundano normal e tornar-se semelhante não apenas às figuras sagradas, em cujos passos andam, mas também aos especialistas religiosos. Este é certamente um tema da peregrinação budista. Ao sair de casa, vestir roupas especiais de peregrinação e entrar em um estado de transitoriedade, os leigos tornam-se, de fato, temporariamente como monges ou freiras, e indicam simbolicamente que estão desapegados do mundo cotidiano durante suas peregrinações (READER, 2015, p. 25).³⁸

Isso é observado na prática por Fernandes (1982, p. 33), ao afirmar que “quando entramos no ritmo da caminhada, esquecemos a condição cotidiana e assumimos a postura e condição de

³⁸ *Being a pilgrim also offers people the opportunity to temporarily cast off their normal mundane status and become akin not just to the sacred figures, in whose footsteps they walk, but also to religious specialists. This is certainly a theme of Buddhist pilgrimage. By leaving home, donning special pilgrimage clothing and entering a state of transience lay people in effect become temporarily like monks or nuns, and symbolically indicate that they are unattached to the everyday world for the duration of their pilgrimages.*

peregrinos”, ou ao narrar uma peregrinação a cavalo para Aparecida (SP): “Seria então este o sentido do sacrifício e transformação de pessoas comuns da periferia de Campinas em ‘Cavaleiros do Bom Jesus’, um ato ritual que nos daria ingresso a personagens que compõem o mundo sagrado: uma consagração”.

Seja “Cavaleiro do Bom Jesus”, seja monge, religioso, religiosa, não se pode negar que o peregrino se transforma, se consagra, transcende e mais, o “tempo” do peregrino é diferente. Ao usar uma roupa que os distinga dos locais e, ao mesmo tempo, o identifique como peregrino – um uniforme, por exemplo –, ele cumpre vários movimentos, se distancia daqueles que estão no exercício da atividade diária, se aproxima dos outros peregrinos, demonstra desapego de coisas desnecessárias e ainda reforça o pensamento da dimensão escatológica:

Eles também podem – refletindo um tema que é difundido na peregrinação através das culturas – indicar que estão temporariamente mortos para o mundo cotidiano (...) Tal simbolismo da morte também está impregnado de imagens de renascimento e renovação, nas quais o peregrino, ao completar a peregrinação, renasce espiritualmente e retorna revigorado ao mundo mundano (READER, 2015).³⁹

Apesar dos sinais externos, o maior ou menor interesse em seguir a recomendação da igreja sobre como conduzir a peregrinação pode permanecer, o que encontra eco na afirmação de Fernandes (1994) de que o peregrino segue uma tradição baseada na memória cultural daquilo que ele já viu e leu de outras tradições, mas não é tradicionalista. Como já se viu ao longo deste trabalho, as peregrinações, via de regra, contêm noções de travessia, geografia sagrada, movimento entre estados de espírito, viagens para chegar e estar nos lugares considerados sagrados e também mostram que a peregrinação envolve os lugares por onde se passa e as práticas envolvidas no caminho. Citando o antropólogo Victor Turner, Fernandes (1994) acrescenta que as peregrinações são uma mística exterior, a abordagem do divino por vias espaciais, e cita o peregrino que diz: “São as pernas que rezam por nós”.

Esse é um ponto no qual se observa que a “dimensão penitencial” reconhecida pela Igreja difere do que talvez seja a crença realmente popular dos peregrinos: para a instituição oficial, a dimensão penitencial está na conversão do peregrino, mas, para este, ela está relacionada a outros fatores.

3.5.2.1 A Dimensão Penitencial e a percepção de esforço do peregrino

³⁹ *They may also – reflecting a theme that is wide spread in pilgrimage across cultures – indicate that they are temporarily dead to the everyday world (...) Such death symbolism is also suffused with images of rebirth and renewal, in which this pilgrim, on completing the pilgrimage, is spiritually reborn and returns, reinvigorated to the mundane world.*

A peregrinação exige esforço físico do peregrino. Ele percorre distâncias, sobe montanhas, atravessa rios ou córregos e, para ele, esse esforço tem um significado. A Igreja, como se viu, deu mais destaque para o aspecto de conversão, ao tratar da dimensão penitencial da peregrinação. Na perspectiva oficial, o peregrino deveria deixar sua vida de pecado para se tornar um ser humano melhor. Porém, dois aspectos fundamentais do esforço físico não escapam ao peregrino: a convicção de que quanto mais longe a distância e mais esforço exigido no percurso, mais fé é manifesta; e o aspecto penitencial entendido como pena imposta para expiação dos pecados.

Quanto mais longe a viagem, maior a devoção, diria Rubem César Fernandes (1982). No caso das peregrinações para Aparecida (SP), além da distância dos trajetos principais, o “Caminho da Fé” tem inúmeros ramais que partem de distâncias ainda maiores. As duas rotas são cheias de montanhas, com enormes variações de altimetria, que obrigam os peregrinos a empreender esforços consideráveis em sua empreitada. Os desafios do caminho são encarados sob essas duas perspectivas: quanto mais difícil, penoso ou sacrificante o caminho, mais o peregrino se convencerá de ter demonstrado sua fé à Santa, que certamente perceberá o gesto. Consequentemente, mais pecados serão perdoados e mais próximo de conseguir o voto ele fica. Falando de sua própria experiência vivida em uma peregrinação, Rubem César Fernandes relata:

O segundo e o terceiro dia são os mais difíceis. O corpo resiste ao ritmo da caminhada, dói, e as pessoas entram em crise. No meu grupo, saímos quinhentos e chegamos um pouco menos de quatrocentos. Ultrapassada a primeira crise, corpo e alma tendem a se fundir em um esforço concentrando, partilhado apenas por momentos esporádicos de dor e insegurança. Prevalece, no entanto, o prazer do movimento contínuo (FERNANDES, 1994, p. 24).

As montanhas do “Caminho da Fé” e da “Rota da Luz” são íngremes, demandando um enorme esforço dos peregrinos. Sua altimetria pode chegar a uma variação de implacáveis mil metros.⁴⁰ Além dos aspectos penitencial e devocional, existe algo simbólico: a caminhada não é apenas horizontal em direção ao santuário, mas também vertical, algo que faz o peregrino – ao subir a montanha – sentir-se aproximando do céu que, na tradição cristã, é a morada de Deus e dos santos.

⁴⁰ É possível conferir estes dados em <https://caminhodafe.com.br/ptbr/kilometragem/>. Acesso em 16 fev 2022.

Figura 5: Trecho do “Caminho da Fé”



Fonte: Acervo do autor

Ovídio Aparecido Mora, num livro dedicado a narrar experiências das pessoas no “Caminho da Fé”, registra o testemunho de um peregrino, sobre diferentes estágios de seu percurso:

É preciso esclarecer que o trecho de Vargem Grande do Sul/São Roque da Fartura é o mais árduo do caminho, pois é quase todo só subida, exigindo um tremendo esforço do peregrino, necessitando das constantes paradas para puxar fôlego. Passa-se por mais uma provação, mas diante de um esplêndido panorama (...) E o trecho dali até São Roque foi de verdadeira penitência, fazendo o que Guy Veloso confessa em seu livro: “não andamos mais o caminho, é o caminho que nos anda” (...) Até a Serra dos Limas foram 14 km de subidas, trecho seco, sem fonte para reabastecer. Sol forte, água acabando, eis que surge uma placa do caminho informando: “2 km de subida e pousada a 3,5 km”. Que dureza! Peregrino não reclama, tem submissão, unhas encravadas, dores nas pernas, sede e fome (MORA, 2006, p. 38).

Não obstante, essa percepção pode gerar um ponto de tensão entre os próprios peregrinos, inclusive os de Aparecida, que veem quem vai de bicicleta e, às vezes, a cavalo como sendo um gesto menos autêntico, sem se falar das tensões entre os peregrinos que chegam a pé e os romeiros que vêm de ônibus. A situação é, inclusive, tematizada em Ian Reader na obra dedicada ao assunto das peregrinações em outros locais:

Essa diversidade pode causar tensões e queixas na comunidade peregrina. Caminhantes em Shikoku reclamaram em seus diários sobre peregrinos de ônibus, especialmente quando sentem um distúrbio entre a paz e tranquilidade dos caminhos por onde andaram e o barulho e o caos que encontram ao chegar aos templos cheios de hordas de peregrinos descendo de ônibus. Quem percorreu centenas de quilômetros até Santiago nem sempre se sente bem com quem chega de avião ou de trem, ou quando encontra peregrinos que viajam de bicicleta. Alguns consideram que caminhar é a única maneira verdadeira de fazer a peregrinação, descrevendo alegremente qualquer pessoa que não esteja a pé como “inautêntica” e “turista”, e fazendo comentários desdenhosos sobre ciclistas com bicicletas caras e roupas especiais (READER, 2015, p. 23).⁴¹

Esta tensão, ainda que existente, pode não afetar significativamente os romeiros ou os peregrinos de bicicleta, que poderiam contra-argumentar alegando que a energia economizada no trajeto pelo uso de meios de transporte pode ser empregada em mais tempo de oração. Portanto, não há razão para se imiscuir na subjetividade da fé de cada peregrino, inquirindo sobre quanto tempo passam no santuário ou quanto tempo levam em sua jornada; a devoção é subjetiva e os peregrinos não são atletas, embora – em alguns casos – possam ter porte atlético. Seu modelo, alegadamente, é Cristo na paixão, que cria o paradigma da *via crucis* observado por Victor e Edith Turner (1978, p. 1283).

Dentro do quadro religioso cristão, pode-se dizer que a peregrinação representa a quintessência da liminaridade voluntária. Nisto, novamente, eles seguem o paradigma da *via crucis*, em que Jesus Cristo voluntariamente submeteu sua vontade à vontade de Deus e escolheu o martírio, em vez de domínio sobre o homem; morte pelo outro, não morte do outro.⁴²

E ainda, sobre o mesmo tópico, comenta Fernandes (1994, p.25):

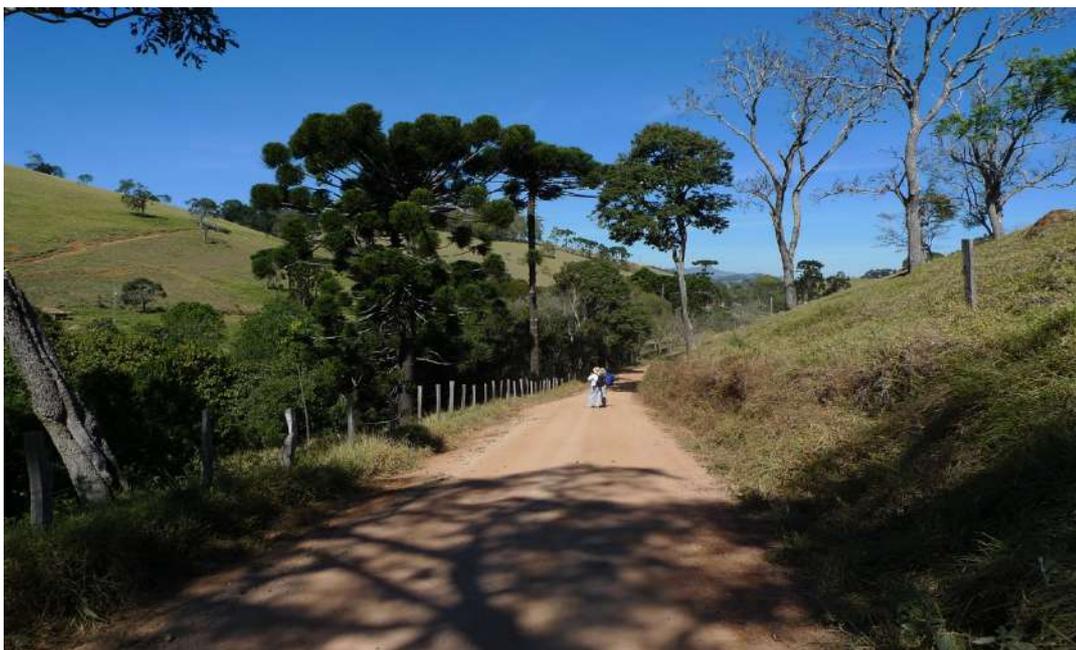
Estes romeiros não são atletas, seu modelo é o de Cristo, na paixão, que passou pela dor do sofrimento e pela barreira da morte, sustentado por uma graça divina. Não se apresentam como heróis. Como Cristo, passam pela vida e pela morte, formando entre elas uma longa história, cuja duração é preservada pela lembrança e expectativa de um gênero de existência. Nas palavras de uma comentarista polonesa, caminha-se no fundo rumo à eternidade. A figura de Maria, que acompanha o filho em seu percurso, e que não conhece a morte, dá sentido à duração, definindo o seu fim como um reencontro. O progresso, afinal, é um retorno.

3.5.2.2 O peregrino e a interação com a natureza

⁴¹ *This diversity can cause tensions and complaints within the pilgrim community. Walkers in Shikoku have complained in their journals about bus pilgrims, especially when they feel a disjunction between the peace and quiet of the paths they have been on and the noise and chaos they encounter when arriving at temples full of hordes of pilgrims descending from buses. Those who have walked several hundred miles to Santiago do not always feel well disposed to those who arrive by plane or train, or when encountering pilgrims who travel by bicycle. Some consider walking to be the only true way to do the pilgrimage, airily describing anyone not on foot as 'inauthentic' and 'tourists', and making dismissive remarks about cyclists with expensive bicycles and special cycle clothes.*

⁴² *Inside the Christian religious frame, pilgrimage may be said to represent the quintessence of voluntary liminality. In this, again, they follow the paradigm of the *via crucis*, in which Jesus Christ voluntarily submitted his will to the will of God and chose martyrdom rather than mastery over man, death for the other, not death of the other.*

Figura 6: Trecho do “Caminho da Fé”



Fonte: acervo do autor.

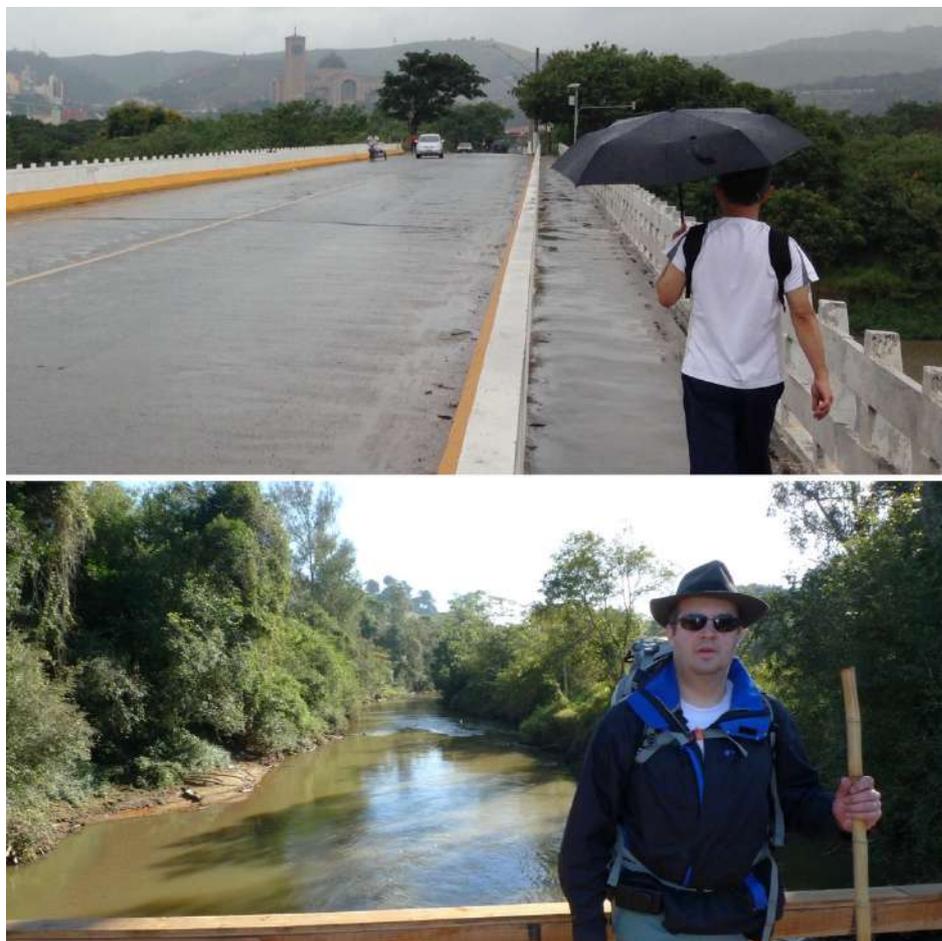
Por mais marcante que seja, o esforço físico como demonstração de devoção e penitência não é o único elemento que toca a devoção do peregrino. Outro aspecto importante da peregrinação é a interação com a natureza, pois, muito além da contemplação da obra de Deus no caminho e no entorno do santuário, dela não apenas decorre o esforço físico, devocional e penitencial, mas também surge uma interação simbólica e rica em memórias e referências. A presença do Rio Paraíba, por exemplo, de onde a imagem de Nossa Senhora foi retirada, além dos significados teológicos já apresentados neste trabalho, traz em si outros significados que, por estarem ligados à natureza e sua proximidade ao santuário, pode ressignificá-lo como vida. A água evoca vida e, chegando ao santuário, o peregrino que estava morto para o cotidiano, em situação de penitência, atinge a sua conversão e retorna à vida. Ou ainda, ao cruzar a ponte sobre esse mesmo rio, no trecho entre uma localidade chamada Potim e o Santuário, o peregrino sente recuperar sua vida e ingressa no santuário.

A este respeito, Reader (2015, p. 27) tece as seguintes considerações:

Paisagens geográficas marcantes podem, por si só, ser um elemento crucial na formação de um local de peregrinação, especialmente quando estão associadas a forças vivificantes como a água. Os rios, como vimos, são particularmente importantes nos contextos hindus, não apenas por seu simbolismo como lugares de travessia, mas também por seu poder vivificante. Rios como o Ganges e o Yamuna, que irrigam as planícies do norte da Índia, são assim venerados (muitas vezes na forma de divindades) por esse motivo, enquanto lugares associados a transições significativas no fluxo de um rio, como

Gangotri, onde o Ganges nasce no Himalaia, e Hardwar, onde desce para as planícies, são marcados como locais de peregrinação por essas razões.⁴³

Figura 7: Ponte sobre o rio Paraíba, “Caminho da Fé”



Fonte: acervo do autor

As inúmeras montanhas no entorno do Santuário e no decorrer do caminho provocam efeito semelhante, além da percepção de ascensão ao serem percorridas. Este relevo também é destacado nas análises de Reader (2015, p. 28) sobre peregrinações em diferentes localidades:

As montanhas, veneradas em muitas culturas como sagradas, são frequentemente o foco das peregrinações. Croagh Patrick, na Irlanda, que se acredita ter atraído peregrinos na era pré-cristã, tornou-se reverenciada no catolicismo irlandês como o local onde o santo padroeiro da Irlanda, São Patrício, supostamente jejuou por quarenta dias no século V. Todos os anos, multidões sobem ao cume em peregrinação no último domingo de julho em sua homenagem. Na África do Sul, os devotos da Igreja Batista de Nazaré (também

⁴³ *Striking geographical landscapes can, in and of themselves, be a crucial element in the formation of a pilgrimage site, especially when they are associated with life-giving forces such as water. Rivers, as has been noted, are particularly important in Hindu contexts, not simply because of their symbolism as crossing places, but also because of their life-giving power. Rivers such as the Ganges and Yamuna that irrigate the northern Indian plains are thus venerated (often in the form of deities) for this reason, while places associated with significant transitions in a river's flow, such as Gangotri, where the Ganges rises in the Himalayas, and Hardwar, where it comes down into the plains, are marked out as pilgrimage sites for such reasons.*

conhecida como Igreja *Shembe*), consideram Nhlankakazi uma montanha sagrada, porque foi lá que se diz que o carismático fundador da igreja, Isaac Shembe (de 1865 a 1935), recebeu as revelações espirituais que levaram ao estabelecimento da igreja. Shembe iniciou as peregrinações lá como uma prática chave em sua igreja e todos os anos os devotos sobem a montanha, muitas vezes descalços, em uma peregrinação em que passam vários dias em oração.⁴⁴

Mesmo nos trechos onde se passa pelo meio de fazendas, estradas de terra e paisagens bucólicas, esse contato pode remeter ao caminhar de Cristo e seus apóstolos em seus três anos de vida pública. Por fim, como diz a Igreja: o peregrino enquanto viaja aprecia as belezas naturais que cercam o santuário e que ele é chamado a respeitar (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001).

3.5.2.3 O peregrino como sacerdote e como elemento de fraternidade

Ao longo de sua caminhada, o peregrino interage com as pessoas ao seu redor: outros peregrinos, passantes em geral, pessoas que lhe prestam serviços de hospedagem e alimentação. Essas interações despertam diferentes relações humanas. A igreja reconhece que o peregrino se dedica à fraternidade cristã nas dimensões festiva, apostólica e da comunhão. A dimensão apostólica se dá pela comparação com a caminhada dos apóstolos que divulgavam a palavra de Jesus por toda parte: o peregrino se torna, aos olhos de quem o vê durante seu deslocamento, um representante da fé. A dimensão festiva se manifesta no fato de o peregrino, livre da sua rotina diária e de seus afazeres mundanos, pode se dedicar à fraternidade no contato com aqueles que encontra no caminho. Conforme relata um peregrino:

Os passos são deveras lentos. Entardecia quando passamos pelo sítio do Sr. Antônio. Todo “prosa”, queria saber de onde vínhamos e se havia peregrino para trás. Informamos que duas moças passariam ainda.

- Elas não podem demorar, pois agora começa a subida de verdade. Vocês vão passar pelo cume da serra e cuidado para descer lá *nos asfalto (sic)*.

Soubemos depois que ele fora todo solícito com as moças, abrindo-lhes os colchetes de arame e as porteiras, poucos metros uma da outra, num intrincado curral e carreadores de pastos, dentro do sítio. Para nós, nem tirou o chapéu, só indicou o trajeto, mas foi de uma solícitude abençoada.

-Vão com Deus e N. Sra. Aparecida os proteja (MORA, 2016, p. 38).

⁴⁴ *Mountains, venerated in many cultures as holy, are frequently the focus of pilgrimages. Croagh Patrick in Ireland, which is believed to have attracted pilgrims in the pre-Christian era, became revered in Irish Catholicism as the site where Ireland's patron saint, St Patrick, reputedly fasted for forty days in the 5th century. Every year multitudes climb the peak in a pilgrimage on the last Sunday of July in his honour. In South Africa devotees of the Nazareth Baptist Church (also known as the Shembe Church), regard Nhlankakazi as a sacred mountain because it was there that the church's charismatic founder Isaac Shembe (1865–1935) is said to have received the spiritual revelations that led to his establishing the church. Shembe initiated pilgrimages there as a key practice in his church and each year devotees ascend the mountain, often barefoot, on a pilgrimage in which they spend several days there in prayer.*

Em outro trecho, Mora (2016, p.67) compartilha mais um registro: “Parada obrigatória para o peregrino em Inconfidentes é o bar do Maurão. Não se esquece jamais a hospitalidade daquele homenzarrão. Dizia-nos de suas constantes romarias até Aparecida e que até Borda da Mata não teríamos dificuldades”.

A mesma tônica pode ser observada na posição oficial da Igreja:

A peregrinação pode ser uma ruptura com a monotonia da rotina diária; pode ser um alívio dos fardos da vida cotidiana, especialmente para os pobres cuja sorte é pesada; é uma ocasião para dar expressão à fraternidade cristã, nos momentos de encontro, de amizade e de espontaneidade que, às vezes, pode ser reprimida (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001).⁴⁵

Por fim, a dimensão da comunhão relembra que o peregrino viaja para o santuário numa comunhão de fé e de caridade não apenas para com Deus, mas com todos aqueles que o acompanham na sua viagem sagrada. Inclusive a Igreja assinala que ele viaja, simbolicamente, na companhia de todos aqueles que já rezaram naquele santuário através dos séculos.

Juntamente com essa perspectiva, mas obviamente dentro do espírito de religiosidade e piedade popular, o peregrino também é concebido como um sacerdote: trocam “favores” por rezas, ligam as pessoas ao sagrado. A generosidade de quem os recebe e acolhe sempre é recompensada por orações na chegada do santuário: os vizinhos do pagador de promessas pedem licença para afixar na cruz fotografias com bilhetes íntimos, expressivos de relações preciosas que estão em perigo (FERNANDES, 1994). Recorrendo, novamente, aos relatos coletados por Ovídio A. Mora (2006, p. 67), além de suas próprias experiências no “Caminho da Fé”, é possível encontrar diversas manifestações deste fenômeno: “À saída da cidade, várias senhoras vinham pela calçada e abençoaram-nos. Uma delas pediu orações para João Maciel Batista, seu filho, que estava sofrendo e necessitando muito. Não deixei de anotar o nome, pois, em Aparecida, subscreveria seu nome no pedido de intenções”.

3.5.2.4 O encerramento da peregrinação

A Igreja recomenda que as peregrinações se encerrem com um momento de oração intensa, a pé – o que seria uma recomendação mais para quem vai a cavalo ou bicicleta –, em forma de procissão, entoando-se hinos, salmos e rezas; e que o tempo que se passa no santuário deve ser marcado por conversão, súplica ou agradecimento, dependendo da natureza do deslocamento. É

⁴⁵ *Pilgrimage can be a break from the monotony of daily routine; it can be an alleviation of the burdens of everyday life, especially for the poor whose lot is heavy; it is an occasion to give expression to Christian fraternity, in moments of friendship meeting each other, and spontaneity which can sometimes be repressed.*

uma forma de dar “fechamento” solene e respeitoso à peregrinação. O que se iniciou com uma oração, se encerra com uma oração: marcos de início e de final.

Fernandes (1982, 1994) apresenta uma coleção de formas diferentes adotadas pelos peregrinos que chegam diante da imagem de devoção para manifestar sua fé. Nessas mesmas obras, não são poucas as vezes em que ele assinala que os religiosos responsáveis pelo santuário acabam admoestando os peregrinos para evitar e coibir excessos e até mesmo práticas nocivas à saúde, tais como percorrer longos trechos de joelhos descobertos até chegar à imagem de veneração. É provavelmente por esta razão que a Basílica de Aparecida tenha uma arquitetura que, se não coíbe, acaba pelo menos por dificultar manifestações excessivas na demonstração de devoção.

Como já se mencionou anteriormente, há um corredor ascendente, no ápice do qual a imagem de Nossa Senhora se encontra, para criar uma impressão de ascensão até chegar lá, mas, ainda assim, ela fica mais alta que o peregrino. Ou seja, ainda que suba em sua direção para ficar próximo, ele ainda não fica no mesmo plano. Esse corredor é separado por corrimãos de metal, obrigando os peregrinos e devotos a se separarem em filas ordenadas. Esta disposição favorece quem chega a pé e cansado, mas complica a prática de se deslocar de joelhos. Não obstante todas estas precauções, o piso no local de passagem diante da santa é emborrachado e aparenta ser menos agressivo aos joelhos dos devotos do que um piso convencional.

Fernandes (1982, 1994) ainda explica que, além de coibir as demonstrações de fé excessivas, os religiosos e padres dos santuários procuram orientar os peregrinos a praticar o rito do sacramento da reconciliação através da confissão de seus pecados e participar de uma missa, que a Igreja considera o clímax da peregrinação (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2001). Após a prática de todos os atos devocionais que encerram seu deslocamento a um santuário, o peregrino retorna a seu lar para uma vida convertida e renovada pela fé. Pelo menos é esta a prescrição da Igreja.

Esse retorno dos peregrinos modernos, seja nas peregrinações da Igreja Católica (Marianas ou não) ou de qualquer outra religião, como bem observaram Ian Reader (2015) e Victor e Edith Turner (1978) é feito, preferencialmente – por parte dos devotos – da forma mais suave e confortável possível. Esses autores informam que nas peregrinações de diversas culturas e religiões observadas por eles, raramente o peregrino moderno, ao contrário do que faziam os mais antigos, retorna a pé ou de bicicleta pelo mesmo caminho que veio, preferindo fazer uso de transporte particular ou coletivo a motor.

3.6 Peregrinações e memória cultural

A memória cultural das peregrinações se manifesta de diversas formas. De fato, a própria Igreja reconhece que, ao peregrinar, aquele que se desloca carrega consigo todos aqueles que já foram a determinado santuário, conforme se viu ao tratar da dimensão da comunhão no gesto da peregrinação. Todavia, isso não se aplica apenas às peregrinações marianas, pois todo peregrino reproduz a performance daqueles que vieram antes dele.

Por ser um fenômeno multicultural, como bem observou Reader (2015), os peregrinos que vão aos diversos santuários são muito semelhantes entre si, no seu esforço, contrição, piedade e devoção. A exteriorização através das roupas usadas pelos peregrinos, cada qual dentro de sua religião, tem as mesmas funções de afastá-los da vida cotidiana, distingui-los em seu deslocamento, ao mesmo tempo que os símbolos religiosos que as ornamentam não apenas servem para recontar de forma reflexa sua própria devoção, mas para divulgá-la. Ajuda a colocá-lo em sua própria dimensão, a par das vicissitudes do dia a dia.

No caso da Igreja Católica, a lembrança é balizada por diversas passagens bíblicas, as quais são denominadas de “peregrinações”, como o Salmo 84⁴⁶, onde se lê: “Felizes os homens cuja força está em ti, e que guardam as peregrinações no coração”, referindo-se às peregrinações para Jerusalém, no intuito de visitar a Arca da Aliança; ou o Salmo 42, onde se exulta de alegria por peregrinar em direção à casa de Deus; ou ainda as já citadas peregrinações ao Templo de Jerusalém, três vezes ao ano.⁴⁷ Em uma dessas peregrinações ao Templo, os evangelistas dão conta de que Jesus se perdeu de seus pais e foi encontrado deliberando com os doutores da Lei, em uma passagem que é lida para comemorar um evento litúrgico chamado “Sagrada Família”.

Ao atuar em seu deslocamento, o peregrino refaz os passos dos mártires, como bem nos lembram Reader (2015) e Hervieu-Léger (1999) avocando para si uma condição anômala de monge ou religioso. Isto pode ser observado de diferentes modos na celebração da memória de Jesus. Na dimensão apostólica, ao circular de forma distintiva entre as pessoas “comuns” em seu deslocamento, o peregrino evoca uma condição de arauto de Cristo divulgador de sua fé, lembrando os deslocamentos dos Apóstolos com Cristo em vida e após sua morte por todos os cantos conhecidos da Terra. Há, também, o já mencionado paradigma da *via crucis*, segundo o qual o peregrino imita Cristo em seus sofrimentos da Paixão, podendo ser dito que, ao se deslocar, ele busca o sacrifício espiritual da Eucaristia, analogamente ao que ocorre em uma missa.

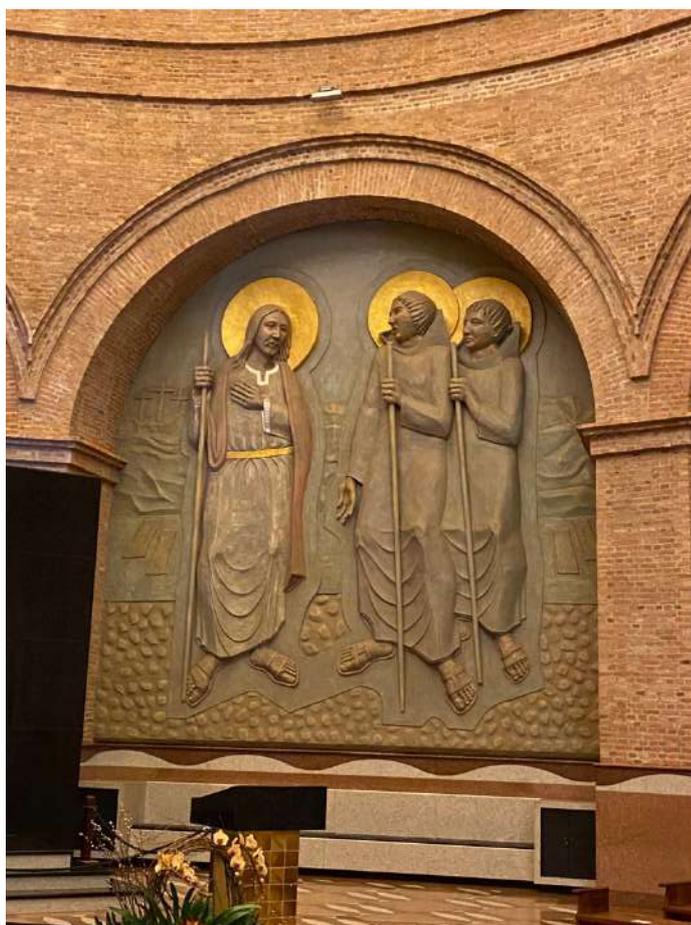
Uma passagem do Novo Testamento conhecida como “os dois discípulos de Emaús” (Lc 24,13-34), mesmo que não seja descrita exatamente como uma peregrinação a um santuário, conta

⁴⁶ Intitulado também de “Canto de Peregrinação”.

⁴⁷ Confira Êx 23,17.

a história de dois discípulos de Jesus que caminham para o povoado que dá nome à passagem bíblica e que encontram um desconhecido pedindo para acompanhá-los. Esse desconhecido lhes oferece uma ampla explicação da razão pela qual Jesus seria o Messias. Ao final, revela-se como sendo o próprio Cristo, antes de desaparecer. Na Basílica de Aparecida, há uma obra que representa essa passagem (figura 8), muito provavelmente porque ela evoca o que todo peregrino imagina: que o próprio Cristo caminha com ele para o santuário.

Figura 8: Discípulos de Emaús – Interior da Basílica de Aparecida



Fonte: acervo do autor

No caso das peregrinações marianas, um amplo e popular hinário com canções nas quais se encontram frases, tais como: “Contigo pelo caminho, Santa Maria vai”⁴⁸ ou “caminhamos cheios de esperança e em vosso manto nos refugiamos”⁴⁹, o que reforça o caráter duplo de Maria, mãe de Jesus, como companheira de caminhada e peregrinações e destino desses deslocamentos. Não

⁴⁸ “Pelas estradas da vida”. Letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/catolicas/1933470/>. Acesso em 16 fev 2022.

⁴⁹ Videoclipe disponível em <https://www.YouTube.com/watch?v=P3DAUyJMoYI>. Acesso em 16 fev 2022.

se pode olvidar que, ao peregrinar, o sujeito tem um verdadeiro repertório de emoções e memórias que podem ser evocadas juntas ou separadas, antes, durante ou depois de sua caminhada.

4. “ORAR COM OS PÉS”: RELATOS E TESTEMUNHOS DOS PEREGRINOS DO “CAMINHO DA FÉ” E DA “ROTA DA LUZ”

4.1 História da criação dos percursos estudados

4.1.2 O “Caminho da Fé”

Figura 9: Mapa do Caminho da Fé



Fonte: https://caminhodafe.com.br/ptbr/wp-content/uploads/2021/09/mapa_caminho5_vs2.6-1-scaled.jpg. Acesso em 16 fev 2022.

O Caminho da Fé é uma rota de peregrinação que tem como destino o Santuário de Aparecida (SP). Possui um “ramal principal” que liga as cidades de Águas da Prata (SP) a Aparecida (SP). Porém, a partir de Águas da Prata, no sentido contrário ao de Aparecida, o caminho vem se expandindo em diversos “ramais”. Segundo informações contidas no portal “Caminho da Fé”, ramais são locais de onde se pode iniciar a trajetória do Caminho. Todos os ramais convergem para o ramal principal que se inicia em Águas da Prata. A partir daí, como indica o mapa acima, o percurso segue por apenas uma trilha até Aparecida.⁵⁰ São doze ramais, além o ramal principal, com

⁵⁰ Informações obtidas a partir do portal “Caminho da Fé”, disponível em <https://caminhodafe.com.br/ptbr/ramais/>. Acesso em 16 fev 2022.

mais de mil e quinhentos quilômetros de trilhas, cruzando a Serra da Mantiqueira entre São Paulo e Minas Gerais. Os criadores e mantenedores fazem questão de assinalar que cada ramal tem características próprias, representando boa parte da biodiversidade do país.

Figura 10 – *Banner* com orientações aos peregrinos do Caminho da Fé

atenção peregrinos

Os ramais mais distantes e novos, ainda estão se adaptando à infraestrutura de apoio. É muito importante que ao ver esse cartaz saiba que neste percurso encontrará as seguintes situações:

- ✓ Temperaturas altas
- ✓ Escassez de pontos de hidratação
- ✓ Ambiente árido

É muito importante que se prepare com planejamento adequado.

- ✓ Use roupas adequadas para a temperatura alta
- ✓ Não se esqueça de proteção com chapéu ou boné
- ✓ Protetor solar
- ✓ Tenha água suficiente para cada trecho, consuma de forma consciente

prepare-se

CAMINHO DA FÉ

Fonte: <https://caminhodafe.com.br/ptbr/>. Acesso em 16 fev 2022.

A história do Caminho da Fé é consideravelmente bem documentada, porém não está isenta de algumas inconsistências, muitas delas decorrentes de inúmeras declarações de Almiro Grings, seu principal idealizador. Um apanhado histórico bastante completo pode ser encontrado

principalmente no portal “Caminho da Fé” – no qual há uma indicação do documentário produzido por Camila Bassi (2017)⁵¹ – e na tese doutoral de Calvelli (2006).

Por volta do ano de 1999, após duas peregrinações no famoso santuário espanhol, Almiro Grings volta ao Brasil e, junto com Clóvis Tavares de Lima, Iracema Tavares de Lima e Aparecida de Lourdes Cabrelon, passa a militar por uma versão brasileira do “Caminho de Santiago de Compostela”. Sendo empresário, Grings foi eleito presidente da Associação Comercial Industrial e Rural de Águas da Prata e, quando apresentou em duas das reuniões sua ideia de reproduzir no Brasil o caminho espanhol, vários associados se riram dele (CALVELLI, 2006).

Mesmo assim, ele continuou insistindo e, em conversa com um padre local, este lhe sugeriu que procurasse a reitoria do Santuário de Aparecida, instância responsável por avaliar que projetos como o dele recebessem apoio do Santuário. Em 08 de outubro de 2002, Grings conseguiu organizar uma assembleia com a presença de representantes de muitas cidades que “costuravam” o caminho e da Secretária de Turismo de Estado de São Paulo à época, Sra. Nilda Goraibe.

A inauguração do Caminho da Fé aconteceu no dia 12 de fevereiro de 2003, em Águas da Prata, com celebração da missa, presença da imprensa e um trecho de “apenas” 343 quilômetros. Sua administração é feita pela Associação dos Amigos do Caminho da Fé (AACF), que custeia a manutenção e capacitação dos prestadores de serviço ao longo do trajeto com verbas que recebem dos municípios que integram a rota. Em depoimento ao documentário produzido por Bassi (2017), Clóvis Tavares de Lima diz que o valor da manutenção é rateado de forma proporcional entre cada cidade, levando em consideração o número de habitantes.

Porém, o que chama bastante atenção é que, muito embora se chame “Caminho *da Fé*” e tenha como destino um santuário de devoção católica e mariana, tanto seus criadores quanto o portal oficial da organização se esforçam para manter o aspecto da religiosidade a uma distância segura. No referido documentário, Almiro Grings deixa muito claro que gostou de andar no Caminho de Santiago de Compostela e que seu único e exclusivo objetivo era reproduzi-lo no Brasil a qualquer custo. O depoimento de Clóvis Tavares de Lima também é de uma frieza cartesiana ao explicar que Águas da Prata, que já foi um grande centro turístico, vivia um ocaso e que, munido de um mapa e decidido a implantar um caminho de peregrinação, descobriu-se, convenientemente, que o Santuário Nacional de Aparecida ficava a uma distância viável aos interesses do grupo que formaria a AACF.

O documentário deixa claro que, para os organizadores do Caminho da Fé, o fato de haver um centro de devoção religiosa de caráter nacional, a exemplo do que ocorria na Espanha, era algo

⁵¹ O documentário está disponível *online* no endereço eletrônico <https://www.YouTube.com/watch?v=07Y-b1y8f84&t=1s>. Acesso em 16 fev 2022.

muito bom, não importando que “o nome do santo” não fosse fiel ao modelo. Essa situação aparece nos estudos de Calvelli (2006), que relata que Almiro Grings, após as primeiras reações negativas à implantação do Caminho da Fé somente se deu conta de que era uma boa ideia ter apoio da Igreja após um padre de Águas da Prata o aconselhar a procurar a Reitoria do Santuário de Aparecida para ajudá-lo em sua empreitada. A despeito disso, há entrevistas com o idealizador do Caminho da Fé alegando que a adesão ao seu plano foi muito rápida e fácil. Não é possível saber o motivo dessa discrepância, visto que conciliar os interesses políticos e religiosos de mais de uma dezena de cidades, ainda que com o pretexto econômico de fomentar o turismo, não deve ter sido remotamente fácil.

O *site* do Caminho da Fé segue a linha de raciocínio de seu idealizador, apresentando o percurso exaustivamente como a “versão brasileira do Caminho de Santiago de Compostela” e, sempre que possível, reiterando que está aberto a caminhantes com objetivos diversos da peregrinação mariana. As informações chegam ao ponto de enfatizar que o Caminho da Fé se presta ao turismo, ao autoconhecimento, ao esporte e, “também”, à religiosidade. No mesmo *site* se encontra a indicação de um vídeo, que será analisado mais adiante, no qual um casal, que tem um canal dedicado ao cicloturismo no repositório de vídeos do *YouTube*, inicia seu depoimento dizendo que, apesar do nome da trilha ser Caminho da Fé, os ateus poderiam fazê-lo sem medo. Em seguida, põe-se a traçar uma longa comparação com o Caminho de Santiago de Compostela que, ao que tudo indica, a Associação do Amigos do Caminho da Fé se orgulha de ser imitadora.

Também é digno de nota, por outro lado, uma ferramenta que o site do Caminho da Fé oferece para auxiliar o planejamento dos peregrinos, na qual se preenchem dados fixos como nome, e-mail, telefone, data de saída e quantidade de dias que pretende peregrinar e se escolhe entre quatro itens que oferecem opções: a pé ou de bicicleta, ramal de partida, motivação (religiosidade, esporte, autoconhecimento ou turismo) e se pretende fazer a parte final do Caminho por Pindamonhangaba (SP) ou Guaratinguetá (SP). A partir das escolhas, o sistema oferece uma sugestão de roteiro a ser seguido.

Ciente das inúmeras possibilidades e combinações, resolvi simular a compra dos roteiros sugeridos. Informe-meus dados pessoais e sempre inseri as mesmas opções, quais sejam: 1. Ramal principal (Águas da Prata até Aparecida); 2. Parte final do caminho por Pindamonhangaba⁵², que escolhi aleatoriamente, e gerei quatro sugestões de roteiro, uma para cada motivação. Para minha surpresa, o sistema apresentou quatro roteiros rigorosamente idênticos, com as mesmas cidades e paradas, distâncias a serem percorridas diariamente, as mesmas “dicas” e sugestões para “o que levar”. As únicas diferenças se referiam a uma “mensagem” correspondente a cada motivação, com

⁵² Havia duas opções: Pindamonhangaba ou Guaratinguetá, optei aleatoriamente por escolher a primeira.

exceção da motivação esportiva, que tinha a informação “em breve” no lugar da mensagem; e, no relatório cuja motivação informada era “religiosidade”, havia uma relação de pontos de interesse constituída de santuários localizados nas cidades por onde supostamente passaria.⁵³

A despeito da aparente contradição, o “Caminho da Fé” oferece tudo que é necessário para uma peregrinação religiosa: um santuário como destino, integração com a natureza, trilhas através da zona rural que permitem o afastamento do peregrino das vicissitudes do dia a dia e um relevo que garante o caráter penitencial das peregrinações, como pode ser observado no perfil altimétrico do percurso (figura 11).

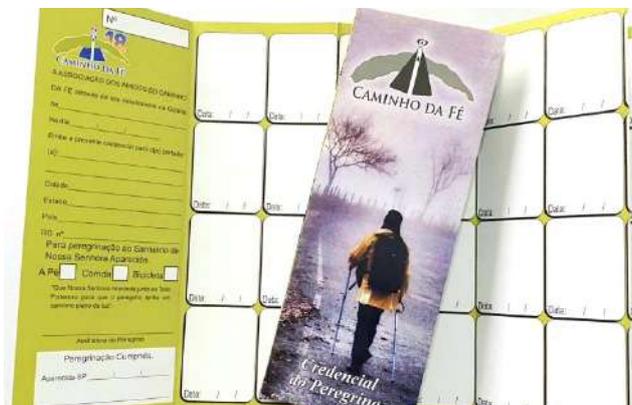
Figura 11: Informações sobre a altimetria do percurso no “Caminho da Fé”.



Fonte: <https://caminhodafe.com.br/ptbr/wp-content/uploads/2018/03/altimetria.jpg>. Acesso em 16 fev 2022.

Dada a relação com o Santuário Nacional de Aparecida e, é claro, seguindo o modelo de Santiago de Compostela, os peregrinos recebem uma credencial do peregrino, na qual se apõem carimbos das cidades por que passam e, apresentando-o no Santuário de Aparecida, recebem um certificado de que concluíram a peregrinação (cf. figura 12).

Figura 12: Cartela de Identificação do Peregrino do Caminho da Fé



Fonte: <https://caminhodafe.com.br/ptbr/credenciais-2/>. Acesso em 16 fev 2022.

⁵³ A referida simulação foi realizada em 30/01/2022.

4.1.2 A “Rota da Luz”

Figura 13: Mapa da Rota da Luz.



Fonte: www.rotadaluzsp.com.br. Acesso em 16 fev 2022.

Se Almiro Grings e seus amigos foram a centelha de ignição para criação do “Caminho da Fé”, Maria Lúcia Guimarães Alckmin, também conhecida como “Lu Alckmin”, ex-primeira dama do Estado de São Paulo, casada com o ex-governador Geraldo Alckmin, foi a centelha de criação da “Rota da Luz”. Não há muitos detalhes sobre a criação da “Rota da Luz”, ao contrário do “Caminho da Fé”, talvez até porque esses detalhes não existam, dada a natureza que envolve a criação desse percurso. Mas a “Rota da Luz” possui dois *sites* com funções e informações extremamente parecidas: www.rotadaluzsp.com.br e www.amigosdarotaluz.org, sendo que o último é da Associação dos Amigos da Rota da Luz (AARL).

A “Rota da Luz” foi criada pela pasta de Turismo do Governo de Estado de São Paulo. As informações a este respeito estão disponíveis em ambos os *sites*, sem diferenças significativas,

ênfatizando que o percurso propõe uma “jornada de fé, reflexão, contemplação e meditação”. Além disso, a descrição da história da criação da “Rota” destaca que, dentre as motivações para sua elaboração, está a preocupação com a periculosidade da BR116, Rodovia Presidente Dutra, para os peregrinos que se destinavam ao Santuário de Aparecida. No rol das recomendações, há uma observação para que o “caminhante” se atente para as histórias e lendas contadas pelos habitantes de cada um dos nove municípios pelos quais a “Rota” atravessa, além da ênfase no “cenário de paisagens naturais” que estimulam a reflexão a cada instante. Considerando que é o “Caminho da Fé” que faz uso do acostamento da “Via Dutra” no deslocamento final até Aparecida, fica claro a que a Rota da Luz se propõe como alternativa.

No site da AARL, juntamente com a história da Rota da Luz, encontra-se uma página dedicada à “madrinha da Rota da Luz”.⁵⁴ O depoimento da ex-primeira dama do Estado, além de registrar que as demandas dos peregrinos por um percurso mais seguro do que aquele que seguia pela movimentada rodovia federal constituíram-se numa das principais motivações para a criação da “Rota”, acrescenta o seu testemunho pessoal, que coincide com as características das peregrinações já assinaladas anteriormente. As palavras atribuídas a “Dona Lu Alckmin” destacam:

No percurso, aconteceram coisas emocionantes. Você vê que a gente não precisa de muitas coisas para ser feliz. Sempre tive uma fé em Deus inabalável e, depois de fazer a rota, fiquei mais forte ainda, mais acreditando (*si*) em Deus! Foi maravilhoso. A gente ria, chorava, rezava, foi muito bom. Tem testemunhos de pessoas que caminharam com a gente que mudaram a vida delas desde então. Isso é emocionante.

Figura 14: Dona “Lu Alckmin” (à esq.) e peregrinas na Rota da Luz.



Fonte: www.rotadaluzsp.com.br

⁵⁴ Confira o conteúdo na íntegra, disponível em <https://www.amigosdarotadaluz.org/madrinha-da-rotaluz>. Acesso em 16 fev 2022.

Com 201 quilômetros e um caminho linear, sem ramais, passando por nove cidades durante todo o percurso, a “Rota da Luz” é significativamente menor e menos complexa do que o “Caminho da Fé”, ao qual se apresenta como alternativa. Suas características, no entanto, são semelhantes às do “Caminho da Fé”: uma altimetria inclemente, com um ganho de elevação de 1.643 metros logo no primeiro trecho, entre Mogi das Cruzes e Paraibuna (figura 15); trechos de estradas rurais entre montanhas, garantindo ao peregrino a devida integração com a natureza e o isolamento das dificuldades do dia a dia; e vários pontos turísticos bucólicos, religiosos ou não.

Figura 15: Dados altimétricos do percurso da “Rota da Luz”.



A “Rota” também dispõe de uma “identidade do peregrino”, com espaços para ser carimbada em locais de parada específicos, e, ao final do caminho, apresentada no Santuário de Aparecida para emissão de um certificado de conclusão da peregrinação.

Por fim, é importante frisar que o “Caminho da Fé” é um roteiro mais antigo e seu ramal principal já está bem consolidado e conhecido pelos peregrinos. O fato de se servir de diversos ramais pode, em alguns casos, proporcionar diferentes experiências para os peregrinos que pretendem repetir a rota. Por outro lado, tendo em vista a distância e a falta de identificação com o Santuário de destino, pode diluir as intenções de uma caminhada mais devocional. Todavia, trata-

se de uma rota que, ao que tudo indica, vai cumprir o desejo de perenidade da parte de seus idealizadores. A Rota da Luz é mais recente, oferece menos possibilidades de experiências espaciais, pela falta de ramais, e ainda é pouco conhecida dos peregrinos. Porém, a despeito das diferenças, ambas atendem tudo o que é necessário para uma boa peregrinação.

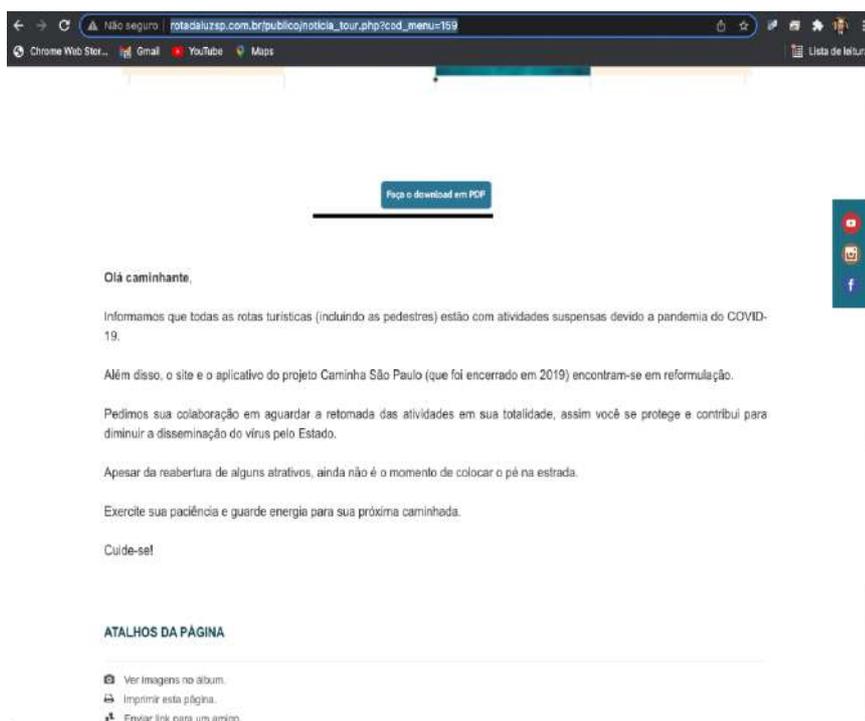
4.2 Critérios de análise dos vídeos relacionados aos percursos estudados

A ideia original deste trabalho era analisar a fé, a devoção e os deslocamentos dos peregrinos no “Caminho da Fé” e na “Rota da Luz” sob a perspectiva da religiosidade popular, da imagética e da memória coletiva. A princípio, a referida análise dar-se-ia através de entrevistas, *in loco*, com os peregrinos, por meio de questionários previamente elaborados. Porém, logo no início do processo que resultou nesta dissertação, o mundo foi acometido pela pandemia de COVID-19, tornando impossível executar a metodologia de coleta de dados originalmente prevista.

Como efeito da pandemia, as rotas de peregrinação estudadas se fecharam e, apesar da esperança inicial de que a normalidade se restabelecesse em um breve período, o fato é que até o momento da qualificação deste trabalho, as rotas não estavam totalmente reabertas. As pousadas e restaurantes ao longo das rotas permaneciam fechados ou retomavam suas atividades gradativamente, com restrição na capacidade de atendimento ao público.

O “Caminho da Fé” iniciou uma retomada tímida das atividades de peregrinos, recomendando o uso de máscaras e outras medidas de ordem sanitária. A “Rota da Luz”, até o dia 30/01/2022, mostrava um aviso de que estava fechada aos peregrinos, conduta coerente com a gestão rigorosa da saúde pública pelo governo do Estado de São Paulo, ao qual está vinculada de alguma forma (figura 16).

Figura 16: *Print* de tela com informações sobre o fechamento da “Rota da Luz”.



Fonte: www.rotadaluzsp.com.br. Acesso em 17 fev 2022.

Ante essa nova e triste realidade, com nenhum peregrino ou, na melhor das hipóteses, com a redução drástica de seu número nos percursos escolhidos, optou-se por substituir as entrevistas pela análise de vídeos de peregrinos postados na internet, em especial, no site/repositório de vídeos do *YouTube*. O critério escolhido foi a análise dos vídeos que retornavam da busca pelas palavras-chave “Rota da Luz” e “Caminho da Fé”. Assim como faria nas entrevistas, para a finalidade de análise busquei vídeos de forma aleatória, usando uns poucos critérios de exclusão:

- Evitei vídeos produzidos como documentários e/ou reportagens de cunho jornalístico criados por repórteres, produtoras e/ou redes de televisão para grandes audiências da televisão aberta ou a cabo. Meu objetivo foi me servir de vídeos feitos “em primeira pessoa”, produzidos por peregrinos para outros peregrinos e curiosos. Entendo que os vídeos desta natureza podem apresentar contextualizações, dados históricos ou mesmo “entrevistas” entre os peregrinos, na forma de perguntas e respostas, como forma de interação entre eles, mas não possuem cunho jornalístico voltado para grandes públicos;
- Busquei sempre vídeos de anônimos ou pessoas desconhecidas do público em geral;
- Evitei vídeos com mais de uma hora de duração, embora permitisse uma certa tolerância de até uns dez minutos. A experiência revela que vídeos de duração mais longa apresentam peregrinos prolixos ou com uma quantidade excessiva de detalhes, tornando-se

desnecessariamente repetitivos. Também não acredito que, caso tivesse sido possível executar o projeto de pesquisa de campo, alguma entrevista passasse de uma hora de duração;

- Evitei vídeos segmentados por episódios ou capítulos pelas mesmas razões que evitei os vídeos com duração superior a uma hora. Por serem divididos em trechos ou dias de viagem, eles são excessivamente focados no trecho a que fazem menção e não contemplam suficientemente o plano geral da peregrinação. Buscando manter o máximo de fidelidade ao projeto inicial, também era difícil imaginar que faria entrevistas com perguntas específicas sobre apenas um dia ou um trecho em particular. Ademais, vídeos segmentados mostram-se igualmente prolixos e repletos de detalhes repetitivos.

Há duas exceções aos critérios acima que precisam ser justificadas. A primeira delas é o vídeo intitulado “Documentário sobre o Caminho da Fé”, de autoria de Camila Bassi (2017), sobre quem não consegui informações a respeito da relação – e nem mesmo se há qualquer relação – com a mantenedora do “Caminho da Fé”. O documentário apresenta a criação do “Caminho da Fé” pela ótica de seus idealizadores e não parece ter sido produzido para exibição em TV aberta ou a cabo, sendo de divulgação mais restrita. A segunda exceção é o vídeo intitulado “Caminho da Fé, o verdadeiro Caminho de Santiago Brasileiro”, produzido pelo portal “Olinto e Rafaela Cicloturismo”. Apesar de não ser um vídeo produzido pela Associação de Amigos do Caminho da Fé, é recomendado pelo *site* mantido por esta organização. Ambos os casos, como se vê, fogem ao critério da aleatoriedade e espontaneidade.

Em minhas análises particulares de cada vídeo, além do título e da caracterização de cada um deles conforme as normas da ABNT, sempre que me referir a uma informação usarei a forma “mm:ss” para indicar o minuto e o segundo em que minha observação pode ser localizada na barra de tempo do *player* de vídeo.

4.3 Considerações analíticas sobre o conteúdo dos vídeos

4.3.1 Caminho da Fé

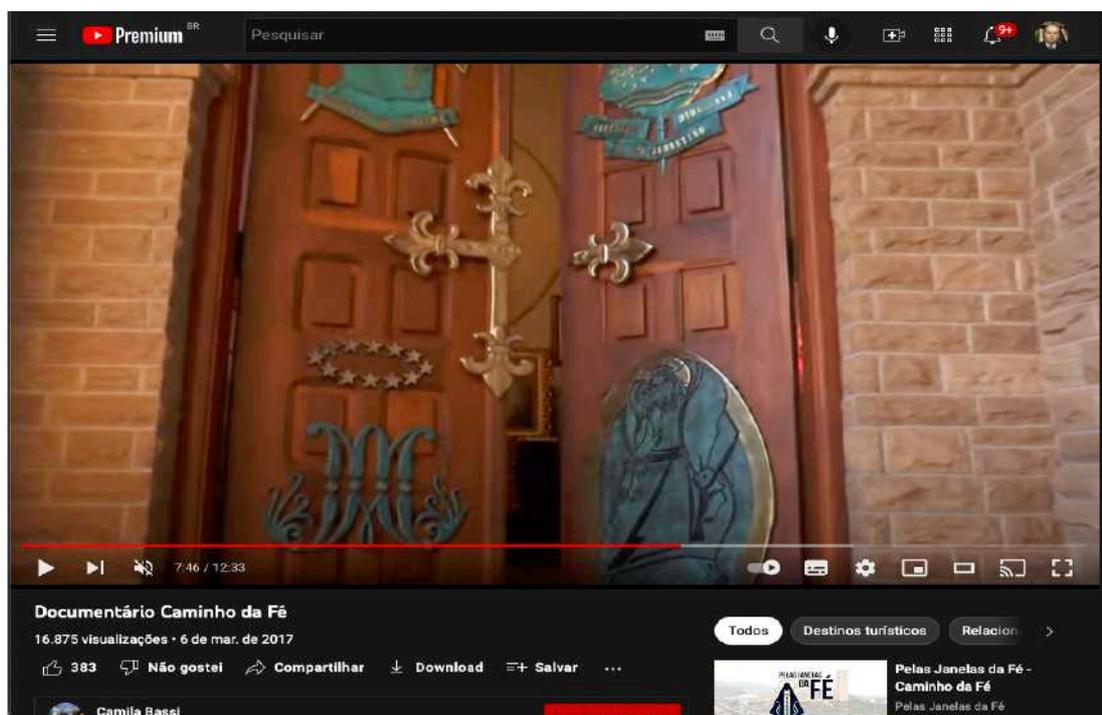
4.3.1.1 Vídeo 1

DOCUMENTÁRIO CAMINHO DA FÉ. Produção: Camila Bassi. Local: Brasil, 2017. *Online* (12:33min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=07Y-b1y8f84&t=1s>. Acesso em 17 fev 2022.

Trata-se de vídeo em que os idealizadores falam do “Caminho da Fé”, dos peregrinos e peregrinações. O vídeo, como se disse anteriormente, não aparenta ter sido produzido para grandes audiências de televisão aberta ou a cabo. Possui uma trilha sonora neutra e suave, próxima do que

se convencionou chamar de “música relaxante”. Inicia-se com a porta de um templo ou capela se abrindo, na qual se distinguem sinais marianos como o “M”, de Maria, estilizado à forma que a Igreja Católica reconhece, e uma coroa de estrelas (00:02). Essa imagem se repete mais adiante, por motivos que serão problematizados no estudo. Há outras imagens religiosas: São Pedro (00:12) e um Cristo Redentor (00:14), seguidas por imagens que mostram trilhas entre a natureza (00:17, 00:19, 00:23). Na seção inicial do vídeo não há qualquer imagem alusiva à Basílica de Aparecida.

Figura 17: *Print* de tela de exibição do documentário. Porta com símbolos marianos.



Ao longo do vídeo, o idealizador do “Caminho da Fé”, Almiro Grings, e seu “braço direito”, Clóvis Tavares de Lima, descrevem a criação do “Caminho da Fé” e sua implantação. Em suas falas ao longo do vídeo, ambos destacam a inspiração no “Caminho de Santiago de Compostela” e o caráter altruísta de fazer uma rota sem fins lucrativos e sem custos para o peregrino. Ambos se revezam em informar que a manutenção do “Caminho da Fé” é custeada pelas cidades ao longo dele, que precisaram elaborar projetos de lei para aderirem à Associação dos Amigos do Caminho da Fé (AACF), e que os valores pagos por elas são proporcionais ao seu número de habitantes. Porém, ao contrário do que se verifica em Calvelli (2006), Almiro diz que a adesão dos prefeitos e párocos ao longo da rota foi muito fácil (02:15).

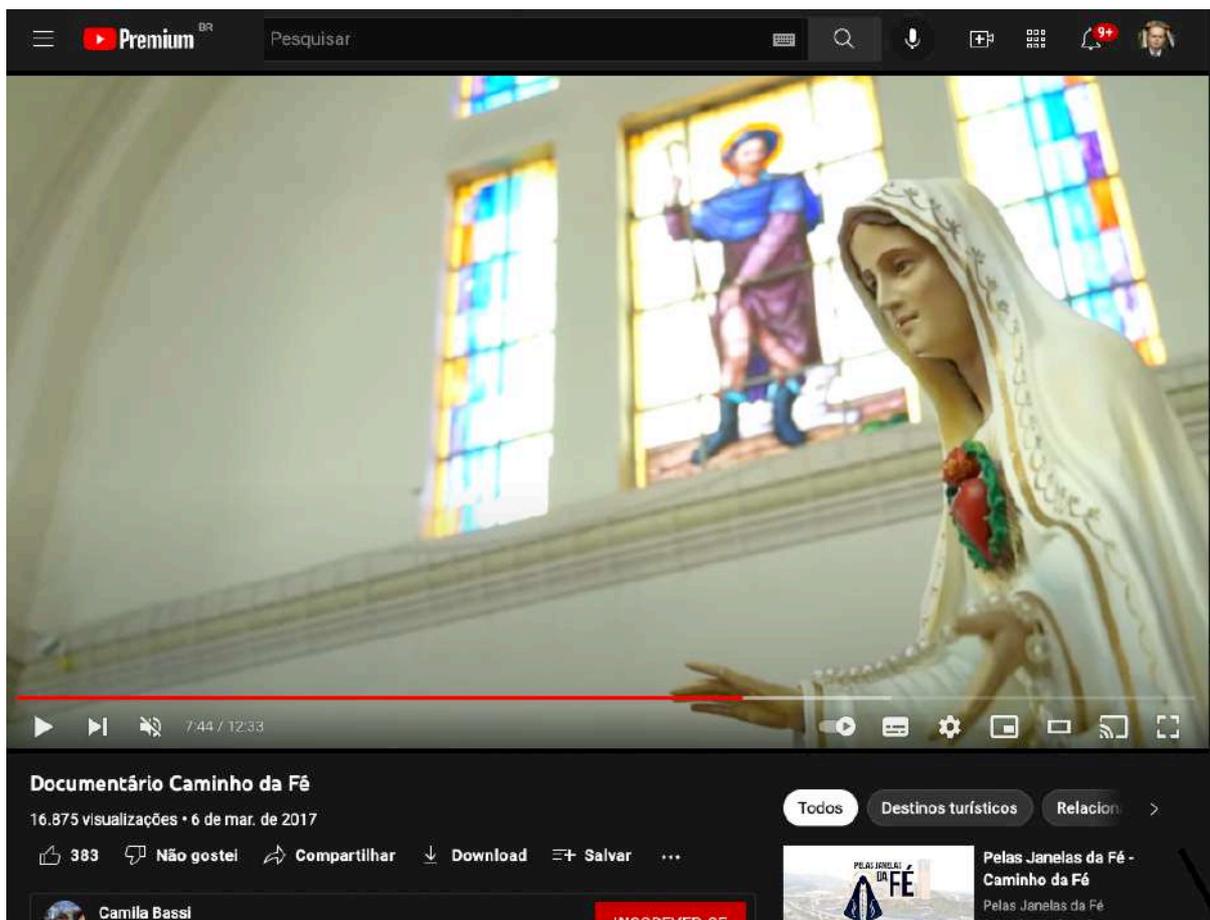
Nota-se no vídeo um enorme cuidado em associá-lo à iniciativa bem-sucedida de Santiago de Compostela, embora Grings avalie que a natureza no Brasil é muito superior em beleza (01:30), ao mesmo tempo em que se evita a associação do percurso brasileiro a atividades exclusivamente

religiosas e devocionais, provavelmente com o intuito de atrair atletas e turistas não religiosos, além dos peregrinos. Tanto é assim que o idealizador lista vários tipos de peregrinos: religiosos, aventureiros, pagadores de promessa e pessoas que pedem graças, pessoas que querem largar vícios etc. Mas um exemplo, em particular, chama a atenção: casais que querem se reconciliar. Apesar de muitos casais contraírem matrimônio nas modalidades civil e religiosa, Almiro Grings cita um exemplo de casais que buscariam se reconciliar pela partilha do esforço mútuo durante a caminhada, praticamente ignorando a possibilidade de estarem fazendo por convicções religiosas.

Em nenhum momento, Almiro Grings demonstra qualquer sinal de devoção ou de inclinação religiosa e justifica suas peregrinações na Espanha por conta de seu gosto em praticar caminhadas (00:47). Clóvis Tavares de Lima, por sua vez, em apenas dois momentos tece comentários relacionados à questão religiosa. Um deles, ao justificar o porquê da escolha do Santuário de Aparecida como destino final do percurso: “Porque, como lá é um caminho à semelhança do que ocorre lá na Espanha, tinha também esse fundo religioso e Aparecida nós fizemos como uma capital católica do Brasil”(*sic*), mas é perceptível seu desconforto ao final da frase (6:49). E em um outro momento, quando afirma que “a gente usou muito essa figura, dizendo que parece que realmente Nossa Senhora estava abrindo as portas para a gente, à medida que a gente ia avançando ao longo do caminho” (07:45).

À medida que essa frase é dita por Clóvis, sua voz é colocada em *off*, na forma de narração, enquanto a porta de um templo não identificado – a mesma do início do vídeo – é novamente exibida. Surge, então, uma imagem, que inexplicavelmente não é Nossa Senhora Aparecida, cujo santuário é o destino final do “Caminho”, mas se trata da imagem do Imaculado Coração de Maria (07:44).

Figura 18: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Imagem do Imaculado Coração de Maria.



De outro lado, as imagens não seguem o discurso voltado para atrair cada vez mais todo tipo de pessoa para o “Caminho da Fé”: peregrinos, turistas, atletas e, para citar os criadores do percurso, “aventureiros”. Ainda que permeando os depoimentos sejam mostradas imagens de natureza exuberante, pessoas realizando o percurso sem que seja possível saber ao certo qual sua motivação (figura 20), dentre outros aspectos, mantêm-se mesmo assim muitos sinais religiosos, com igrejas de diversas localidades e imagens de santos (figura 19). É digno de nota, porém, que a imagem da Basílica de Aparecida é exibida uma única vez (02:18) e a imagem de Nossa Senhora Aparecida nenhuma, sendo aludida apenas na forma estilizada do logo da AACF.

Figura 19: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta com motivo evocando religiosidade.

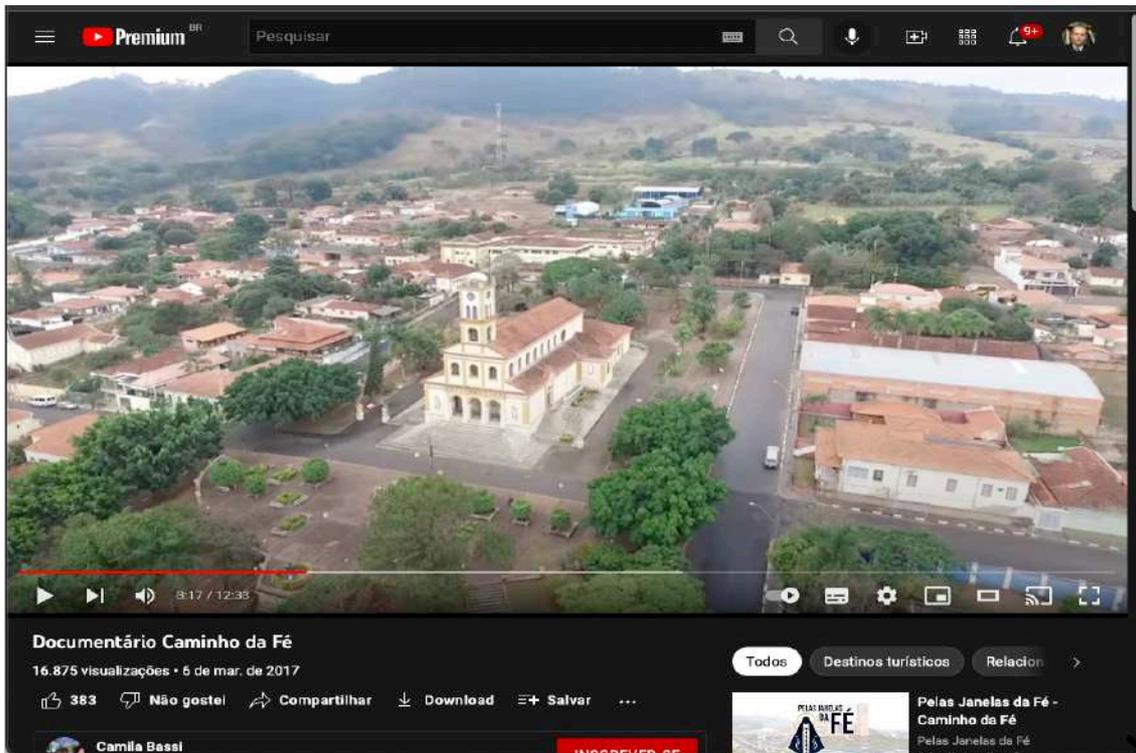
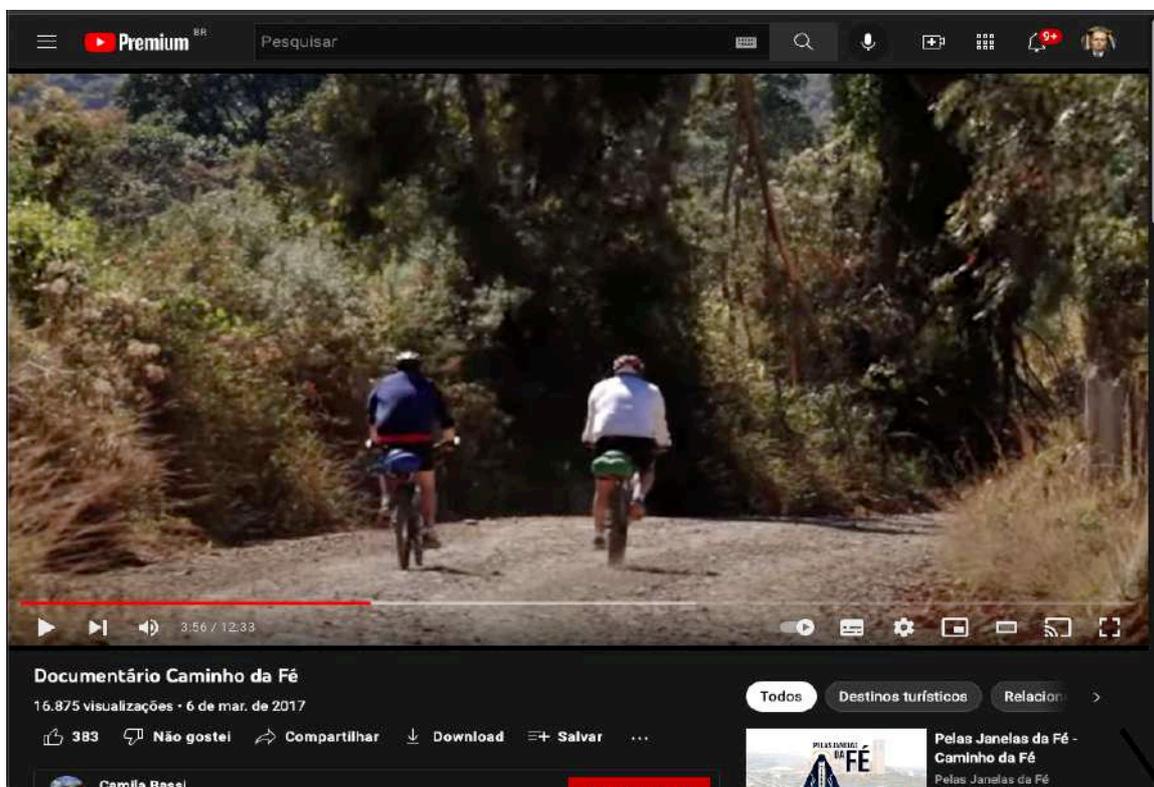


Figura 20: *Print* da tela de exibição de vídeo. Ciclistas percorrendo o “Caminho da Fé”



4.3.1.2 Vídeo 2

CAMINHO DA FÉ, O VERDADEIRO CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA BRASILEIRO. Produção: Olinto e Rafaela Cicloturismo. Local: Brasil, 2019. *Online* (12:10min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gwRrOBExFlg&t=312s>. Acesso em 17 fev 2022.

Conforme mencionei anteriormente, meu objetivo era buscar vídeos filmados e postados aleatoriamente na internet por peregrinos. A escolha do vídeo abordado neste tópico, porém, se deu pelo fato de ter encontrado a seguinte mensagem no *site* do “Caminho da Fé”: “Para maiores informações sobre equipamentos, cuidados com a bicicleta, e dicas para uma viagem segura, consulte o GUIA – CAMINHO DA FÉ PARA CICLISTAS E CAMINHANTES, de Antônio Olinto e Rafaela Asprino”.⁵⁵

Não me pareceu razoável deixar de buscar as informações recomendadas pela própria mantenedora do “Caminho da Fé”, de modo que busquei informações quem seriam as pessoas mencionadas na referida recomendação. Antonio Olinto e Rafaela Asprino são um casal que afirmam ter abandonado vidas e empregos convencionais para viver uma vida nômade e que mantém um *site* repleto de guias e livros sobre viagens e roteiros feitos pelo mundo inteiro, especialmente de bicicleta.⁵⁶ Verificando o *site*, cheguei à seção que discorre sobre o “Caminho da Fé”, bem como aos vídeos produzidos sobre ele. São pelo menos quatro vídeos postados no canal que o casal mantém no *YouTube*, sendo que o mais destacado será objeto deste estudo. É interessante registrar, ainda, que o vídeo mencionado no *site* oficial do percurso, “Guia Caminho da Fé para Ciclistas e Caminhantes”, ao contrário do mencionado pela AACF, não oferece nenhuma orientação, sendo apenas uma apresentação de fotos sobre a rota com um fundo musical, contendo um *link* que remete ao vídeo ora analisado.

O que chama atenção nessa situação é que o vídeo que se intitula como “guia” foi colocado no *YouTube* há catorze anos, em fevereiro de 2008. O que será analisado a seguir é bem mais recente, de 2019. O título de “verdadeiro Caminho de Santiago de Compostela Brasileiro” pode ser uma “resposta” ou uma provocação ao outro trajeto analisado neste trabalho, que é a Rota da Luz, inaugurada três anos antes, haja vista que na apresentação desta última se admite explicitamente que sua criação veio ao encontro dos anseios dos peregrinos que não queriam usar o acostamento da perigosa “Via Dutra” no trajeto final até Aparecida.

Conforme mencionado na análise anterior, os criadores do “Caminho da Fé” se orgulham de serem os detentores do título de “Caminho de Santiago de Compostela Tupiniquim”, para usar

⁵⁵ Cf. a informação disponível em <https://caminhodafe.com.br/ptbr/de-bike/>. Acesso em 17 fev 2022.

⁵⁶ Cf. o conteúdo disponível em www.olinto.com.br. Acesso em 17 fev 2022.

a expressão de Clóvis Tavares de Lima. Para além da discussão sobre qual seria a “verdadeira” reprodução do caminho espanhol, é preciso reconhecer que o vídeo do casal Olinto e Rafaela bem poderia ser adotado como vídeo institucional do “Caminho da Fé”, ao invés daquele recomendado no *site* da AACF, devido ao fato de seu conteúdo ter muito mais detalhes e informações precisas sobre o percurso.

Logo de início, Olinto afirma que, apesar do nome do percurso, “se você é ateu, não tem nenhum problema” percorrê-lo e que cada pessoa tem sua motivação particular para fazer o “Caminho”. Em discurso que lembra muito as palavras de Almiro Grings, Olinto, ainda demonstra uma certa preocupação em “perder audiência” se falar de religiosidade (cf. 00:54), insistindo para quem o espectador assista até o final.

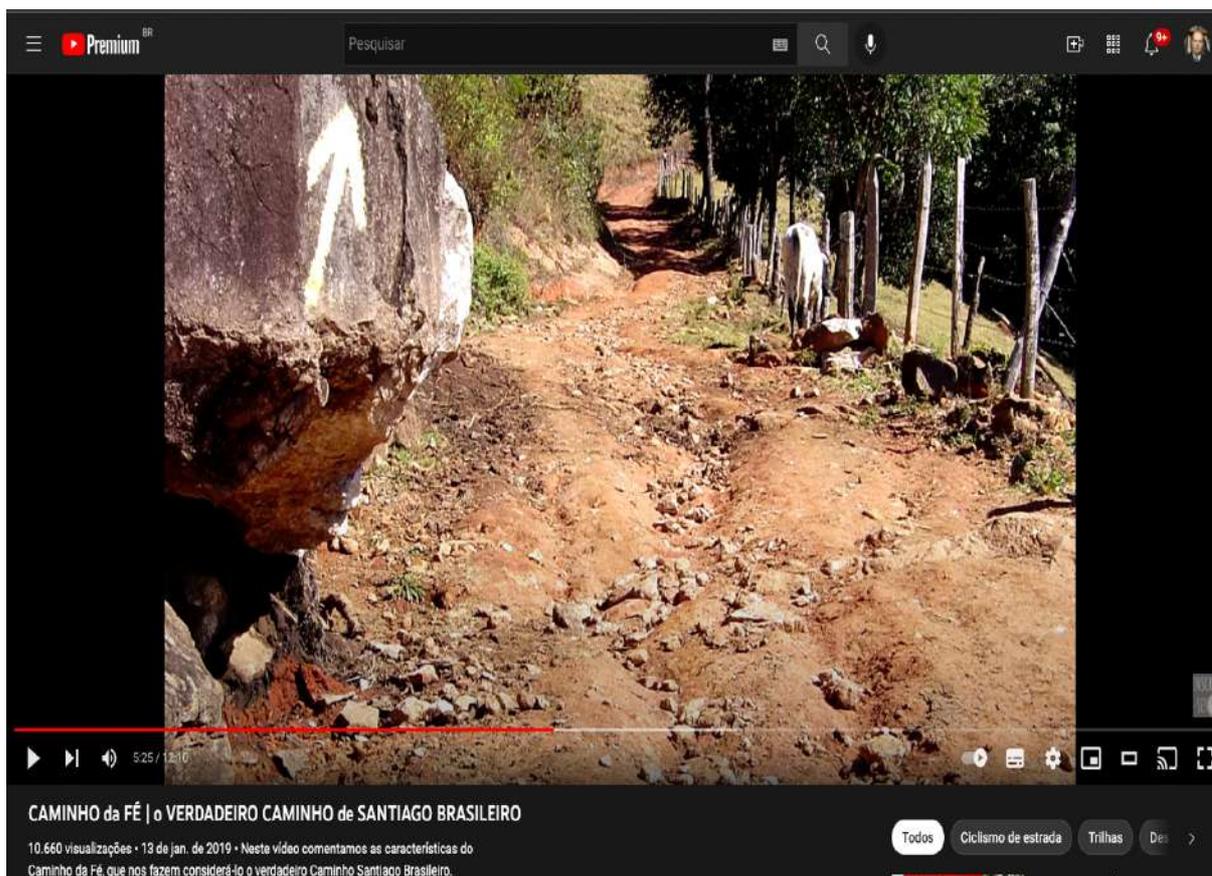
Após essa apresentação, o casal, sob pretexto de demonstrar que o “Caminho da Fé” é a verdadeira versão da rota espanhola, passa a explicar o Caminho de Santiago de Compostela e sua peregrinação de forma histórica e didática. Entre 03:42 e 04:03, há uma explicação sobre o “tempo do peregrino”, algo que faz recordar as considerações sobre a “dimensão escatológica” que a Igreja atribui à peregrinação e seus afastamentos das vicissitudes do dia a dia, ou mesmo a transcendência, conforme comentado nos capítulos anteriores desta dissertação.

A partir de 04:07, com uma trilha sonora que lembra uma música medieval com arranjos modernos, o casal traça um paralelo entre os percursos do “Caminhos da Fé” e de Santiago de Compostela, visando reforçar a sugestão contida no título do vídeo. A escolha da trilha sonora merece menção porque, ao mesmo tempo em que é marcial, mas não explicitamente religiosa ou militar, evoca tempos medievais. Nota-se a intenção, ao longo do vídeo, de combiná-la com imagens que dão senso de urgência, dramaticidade e uma certa claustrofobia.

Evocando memórias, são mostradas várias imagens de “setas amarelas” que indicam a direção correta do percurso e imagens alternadas de peregrinos percorrendo os dois “Caminhos”, isto é, o espanhol e o brasileiro. Dada a já mencionada similaridade de postura e vestimenta dos peregrinos, por vezes é difícil distinguir qual dos dois percursos está sendo exibido. Em 07:22, menciona-se que tanto no Brasil como na Espanha os peregrinos portam uma “credencial” na qual se “colecciona” carimbos. Essa credencial resulta num certificado de conclusão a peregrinação.

Insistindo na sobreposição dos dois percursos, Olinto afirma: “nos dois caminhos, os peregrinos caminham em direção a uma cidade que goza de fé nacional. Isso inspira muito respeito nas relações entre o peregrino e os naturais das cidades do caminho” (07:11). Já em 07:36, ele confirma a condição sacerdotal do peregrino – mencionada em capítulo anterior desta pesquisa –, comentando que não é incomum que se receba pedidos para levar orações ou ofertas para a santa.

Figura 21: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Detalhes de trecho do “Caminho da Fé”.



Rafaela, por sua vez, afirma que mesmo tendo percorrido o “Caminho da Fé” algumas vezes, ainda se emociona com a chegada em Aparecida (08:42). Olinto ressalta, ao final do vídeo, que procurava visitar locais sagrados e parques nacionais para dedicar. Em 10:58, porém, Rafaela afirma:

Por fim, mesmo para quem não tenha fé alguma, não se preocupe. Provavelmente, ninguém mais realmente acredita que são os ossos de Santiago que estão em Compostela. Não há provas disso. O mais importante é o sistema da peregrinação, uma viagem onde não buscamos apenas entretenimento, mas aprendizados e evolução.

A consideração é um tanto quanto infeliz, na medida em que desqualifica o santuário espanhol, baseando-se em uma generalização do que parece ser a própria opinião da autora, ao afirmar que ninguém mais acredita em algo. Afinal, da perspectiva dos devotos, o exercício da fé é justamente a crença naquilo que não se vê. A fé dispensa as provas. Seguindo essa linha de raciocínio, a autora também não deve acreditar em Nossa Senhora Aparecida, que é visitada por milhares de devotos, e em quem depositam sua fé que dispensa provas. Também me parece que, diante do desprezo da fé, da devoção, da piedade popular e dos símbolos religiosos mostrados ao

longo do vídeo, o deslocamento apenas para aprendizado e “evolução” não é uma peregrinação, mas apenas um bom exercício, uma prática atlética que proporciona esparecimento.

4.3.1.3 Vídeo 3

O QUE VI NO CAMINHO. EPISÓDIO 1: CAMINHO DA FÉ. Produção: Fernando Godoy. Local: Brasil, 2016. *Online* (37:57min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=I9uarK34f2Y&t=336s>. Acesso em 17 fev 2022.

Em primeiro lugar, há de se esclarecer que este conteúdo não foge ao escopo apresentado no início do capítulo por conta de ter “episódio 1” no título. Isso se deve ao fato de seu produtor, Fernando Godoy, ter feito outros episódios, com outras rotas de peregrinação. O episódio 2, por exemplo, diz respeito ao “Caminho do Sol”, e assim sucessivamente, ou seja, cada episódio é uma peregrinação completa, de forma que analisarei os 37 minutos do vídeo em que o autor narra sua experiência no “Caminho da Fé”.

A trilha sonora desse vídeo é dominada por uma viola caipira que confere um tom pitoresco ao enredo. Em 02:03, Godoy entrevista Almiro Grings, que mais uma vez declara seu gosto por caminhadas e menciona que fez duas vezes a rota de Santiago de Compostela, destacando que o caminhar “mexe” com o interior de quem se desloca, e confessando seu interesse por saber a resposta do que leva uma pessoa a peregrinar. Mais uma vez, somente peregrinando. Mais uma vez, contrariando as dificuldades narradas por Calvelli (2006) afirma que todos, prefeitos e párocos, aceitaram a ideia da criação do “Caminho” com facilidade.

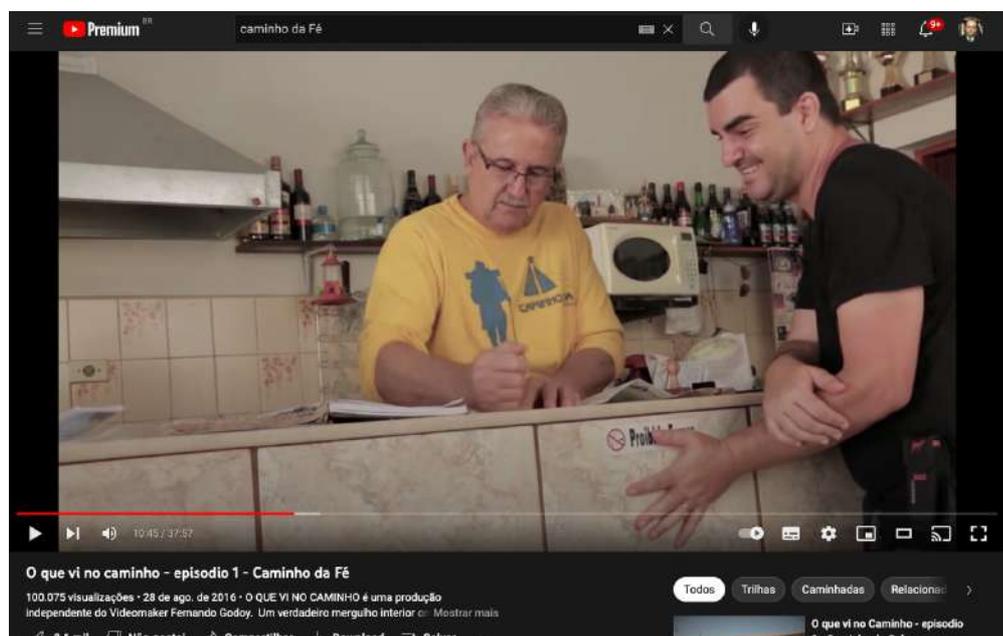
A partir de 06:03, Godoy entrevista o peregrino Silvio de Freitas, que assevera que sua caminhada faz parte de um projeto pessoal, relativo aos seus cinquenta anos de vida, dizendo que se trata de uma experiência de gratidão e de aproximação com sua fé. Em uma nova interação com três peregrinos: Júlio Furtado, César Catanante e Rangel Fonseca, apenas o segundo declara ser devoto de Nossa Senhora, tendo alcançado muitas graças, e alega que, dentre suas motivações está o reencontro com si mesmo e com a natureza, afirmando ainda que, apesar das dificuldades, acredita que completar o caminho será emocionante.

Um pouco mais adiante, em 15:15, o peregrino chamado João Paulo mostra seu esforço ao fazer a peregrinação com uma prótese, devido à amputação de uma parte do pé esquerdo. Todavia, a “dimensão penitencial” da peregrinação se manifesta mais evidentemente em uma frase de Godoy, que relata: “no terceiro dia, o que tinha para doer no meu corpo já doeu ou está doendo” (09:38). Em 13:50, Godoy diz que nos momentos de dificuldade durante o percurso, tira forças de “toda esta maravilhosa visão da vida”, aludindo à natureza que o cerca. As imagens de uma

paisagem bucólica permeiam o relato do caminhante, evocando a admiração pela obra do criador, numa subida vertical para a proximidade do céu, enquanto se desloca em direção ao seu destino.

Em 07:41, Godoy menciona que conheceu “Dona Natalina” em uma das paradas. Ela é prestadora de serviço ao longo do caminho. O caminhante afirma que “saiu com ela em seu coração”, comprovando a relação de fraternidade que se estabelece entre peregrino e aquele que o acolhe, referindo-se a ela como um dos muitos anjos que há no caminho. Outra menção que remete à fraternidade no percurso da peregrinação se encontra em 08:47, quando Godoy relata seu contato com “seu Lázaro e Dona Maria”. As mesmas experiências são confirmadas por um peregrino não identificado, para quem diante “de cada dificuldade que se encontra, surge um amigo novo no caminho” (12:42). Elza Marques, dona de pousada, alega, por sua vez, que a interação dos peregrinos é de “mão dupla”, ou seja, os peregrinos recebem hospitalidade e, em troca, os prestadores recebem “conhecimento”, não em termos somente de divulgação de seus serviços, mas, principalmente, em assuntos diversos, dentre os quais as narrativas sobre religiosidade (19:00).

Figura 22: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Fernando Godoy pega carimbo em credencial do “Caminho da Fé”.



Por diversas vezes, Godoy relata ter sentido uma “solidude”, que pode ser definida como uma solidão voluntária e positiva, e, aos 17:46, alude ao fato de que o peregrino valoriza a simplicidade e uma vida descomplicada.

Figura 23: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Paisagem natural de trecho do “Caminho da Fé”.

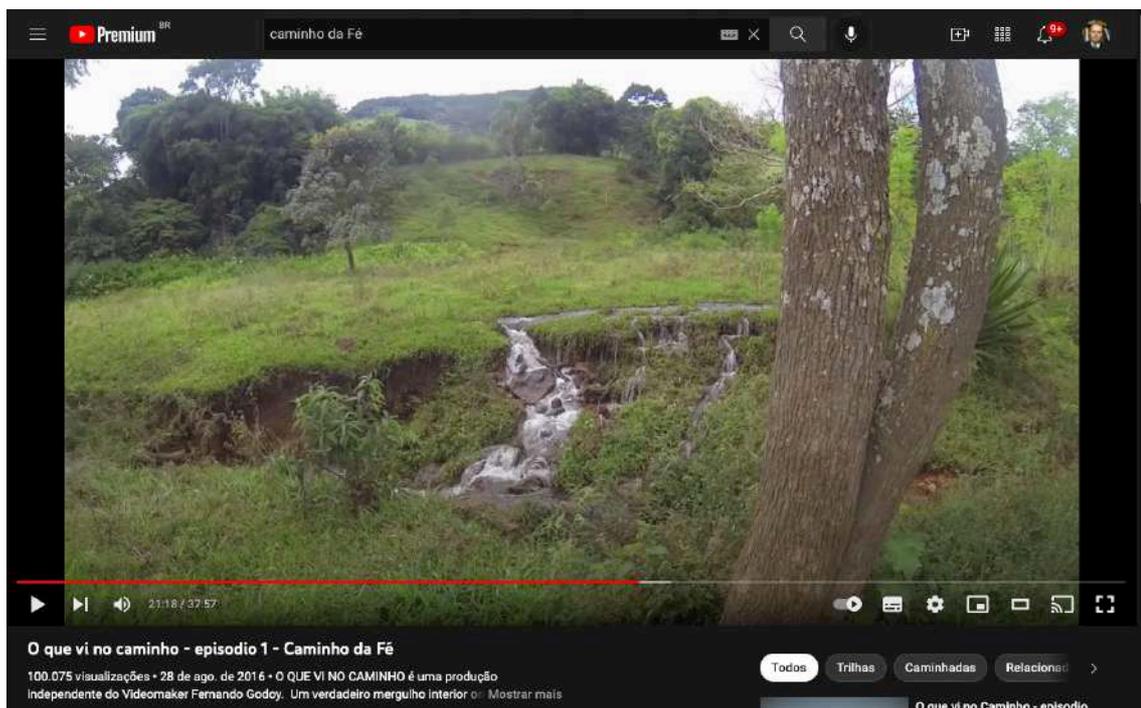
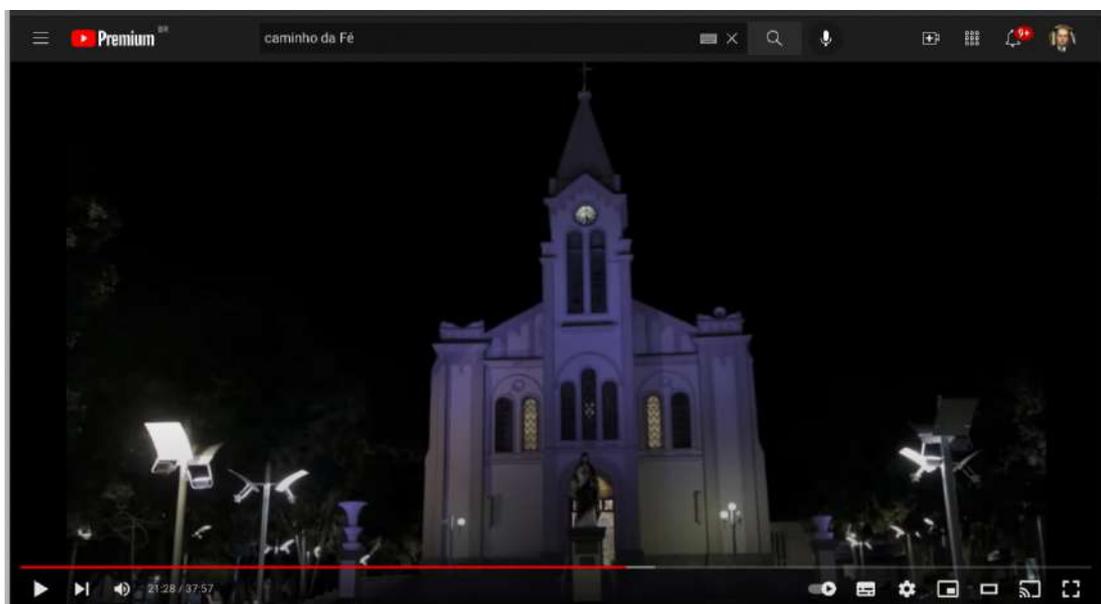


Figura 24: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta, com imagem evocando religiosidade. Trecho do “Caminho da Fé”.



Esse vídeo ainda traz interações curiosas: seu autor se encontra com um babalorixá umbandista chamado Walter Tavares (21:55), o qual afirma que a peregrinação é um “momento ímpar de qualquer pessoa” e que a peregrinação “é um mergulho interior (...) uma volta às origens, porque o homem, seja na matéria ou no espírito, é natureza, o sagrado está na natureza e que na peregrinação ela se encontra com todos seus orixás”. Em seguida, Godoy se encontra com o Hare

Krischna Rama Putra Das (26:22), que ensina que em seu livro sagado, *Krishna*, fala que os atos de sacrifício e austeridade nunca devem ser abandonados, porque mesmo grandes almas se purificam com esses atos. Além deles, um religioso da Igreja católica não identificado retoma os ensinamentos do Catecismo da Igreja Católica, já mencionados neste trabalho (30:00). Estes testemunhos corroboram a valorização dos deslocamentos peregrinos de adeptos de diferentes tradições religiosas. Com uma abordagem multidisciplinar, o autor do vídeo revela as características da peregrinação abordadas neste trabalho e, mesmo sem demonstrar interesses explicitamente religiosos ou de devoção mariana, deixa transparecer o devocional de seu percurso.

4.3.1.4 Vídeo 4

CAMINHO DA FÉ. Produtor: Cristiano Bernacci. Local: Brasil, 2021. *Online* (1:07:58min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZuFRLesIvKY>. Acesso em 17 fev 2022.

Trata-se de um vídeo de peregrino, que se inicia com mapa do ramal principal do “Caminho da Fé”, trilha sonora com música de instrumento de corda, do tipo suave e inspiradora. Em 03:53 e 07:22, o relato revela a fraternidade entre os peregrinos quando o carro de apoio de um grupo diverso daquele do qual autor do vídeo participa oferece frutas e água para ele e seus companheiros. O vídeo tem um caráter mais confessional, descritivo, o autor conversa com a câmera como quem conversa com quem assiste. Por conta desta perspectiva diferente, a interação com a natureza não aparece em forma de imagens grandiosas, mas como plano de fundo, sendo valorizada na forma de narração.

Ao mencionar o esforço imposto pela altimetria de determinado trecho, o relato deixa transparecer o caráter penitencial da peregrinação (08:15), assim como em 54:25, quando se menciona que, após quatro quilômetros de subida, ainda há o que subir. Na altura de 38:52, o autor do vídeo usa um recurso interessante para demonstrar as dificuldades intrínsecas ao “Caminho da Fé”, ao pedir para que um local explicasse um trecho e sua altimetria. Como o vídeo foi feito no retorno das atividades de deslocamento, ainda durante a pandemia, é possível notar que o interlocutor do peregrino usa máscara. Esse vídeo se distingue dos outros porque o autor interage menos com os outros peregrinos e mais com suas equipes de apoio e habitantes locais. No encerramento, ele informa que caminhou por doze dias, revelando pouco caráter devocional, mas um enorme caráter fraternal. Ou, quem sabe, o primeiro elemento traduzido no segundo: fraternidade como devoção.

Figura 25: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Cristiano Bernacci exhibe sua credencial de peregrino do “Caminho da Fé” com alguns carimbos.

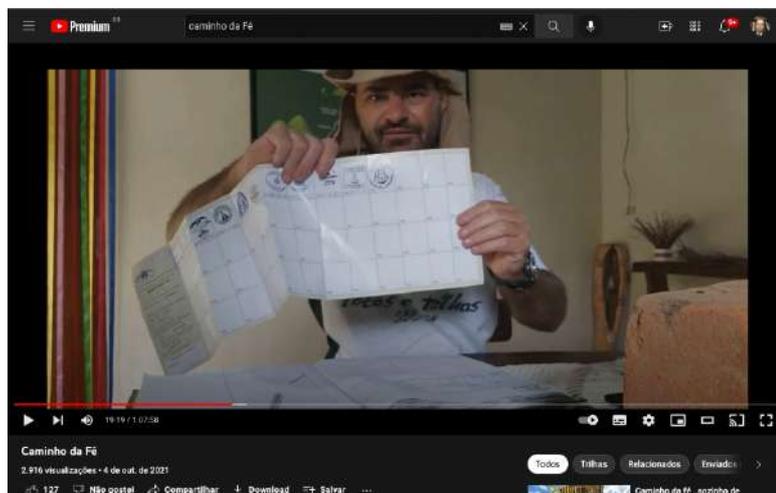
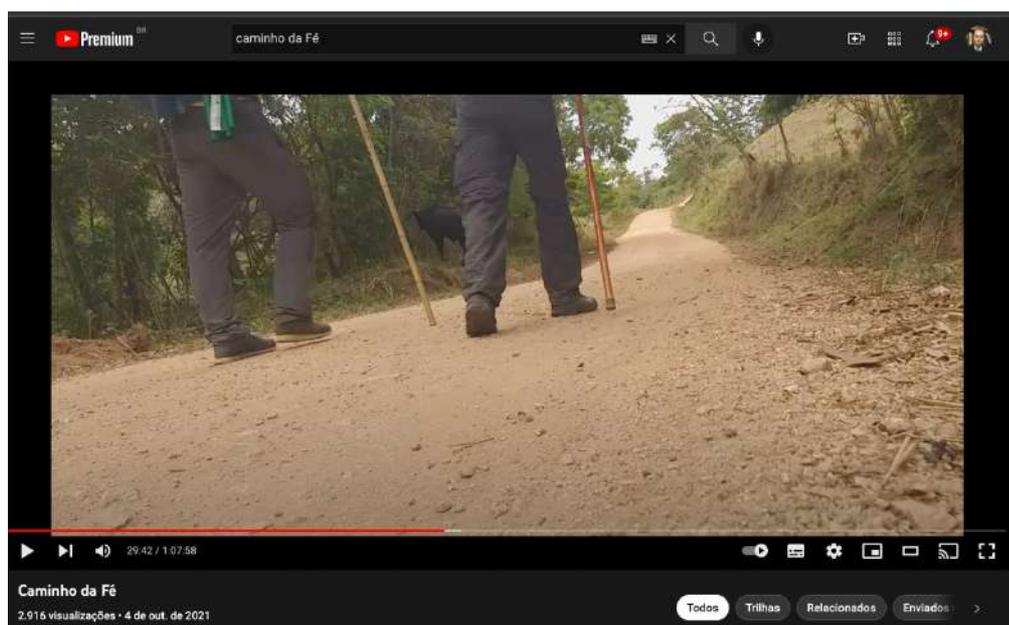


Figura 26: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. A imagem permite perceber o aclave que exige algum esforço dos peregrinos do “Caminho da Fé”.



4.3.1.5 Vídeo 5

CAMINHO DA FÉ: VÍDEO COMPLETO. Produtor: ANGIOLETTI R. Local: Brasil, 2020. *Online* (1:04:57min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=h37ppXWNczo>. Acesso em 17 fev 2022.

Vídeo produzido por peregrino, no qual, logo no início, é possível observar o autor adentrando uma capela e fazendo uma oração de pedido de proteção, o que sugere obediência – consciente? Intencional? – às prescrições oficiais assinaladas acima (02:13). Em 02:30, a interação com a natureza se mostra através do comentário sobre o cheiro de eucalipto com chuva,

acompanhado com imagens da natureza. O autor emprega o mesmo recurso que o autor do vídeo anterior na elaboração de seu relato, ou seja, conversar com a câmera e conferir um caráter intimista para o vídeo. Na altura de 05:20, ele encontra um tempo para dar um conselho aos espectadores, enquanto se mostra visivelmente cansado, recomendando que não se sobrecarregue a bicicleta para realizar o percurso, porque o peso excedente atrapalha o progresso.

É possível ver uma capela na altura de 06:50, mas um conteúdo religioso mais explícito aparece em 07:15, quando o autor do vídeo declara:

Fiz esse caminho sozinho para fugir dos meus medos, sair da minha zona de conforto, vencer meus desafios... São cerca de 320 quilômetros, de Águas da Prata até Nossa Senhora Aparecida, e nesse percurso estou podendo refletir bastante, fazer um encontro comigo e conversando bastante com Deus.

Continua seu relato afirmando que foi duas vezes na rodoviária comprar a passagem para Águas da Prata de medo de sair de sua zona de conforto. Em sua fala de incentivo, ele novamente invoca a Deus para dizer que ele pode ajudar as pessoas a vencer seus medos. Em 14:10, repete a invocação ao enfrentar uma subida: “É tu e Deus” e, confirmando a teoria de que ao subir as montanhas o deslocamento horizontal em direção ao santuário encontra o deslocamento vertical que faz o peregrino se sentir mais próximo de Deus, afirma: “Que lugar maravilhoso, e sobe e sobe e sobe mais um pouco... Eu vou encontrar Jesus, eu acho... Isso aqui não é caminho da fé, é caminho dos morros.... Ai, meu Deus, me ajuda... Fé!”. Então, no alto de uma montanha, o autor se depara com uma porteira onde está escrito: “porteira do céu” (figura 27).

Figura 27: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Porteira com os dizeres "Porteira do Céu" em trecho do "Caminho da Fé".



Em 48:12, ele interage com “Dona Inês”, uma das figuras conhecidas entre os donos de Pousada, demonstrando carinho. Na altura de 49:56, o autor diz que se deve aproveitar o caminho para conversar com Deus e começa a rezar um pai-nosso, para depois pedir proteção a Deus, a Jesus e a Nossa Senhora, além de pedir ajuda para praticar a fraternidade. Já em 01:00:33, ele atribui ao cuidado de Deus, o fato de o pneu de sua bicicleta só furar já dentro dos muros da Basílica. Em 01:01:43, refere-se à Nossa Senhora como “minha amada mãe” e diz que já fez sua oração dentro da Basílica. Em geral, o vídeo prioriza a natureza aos símbolos religiosos, mas as manifestações de fé do autor são explícitas e abundantes.

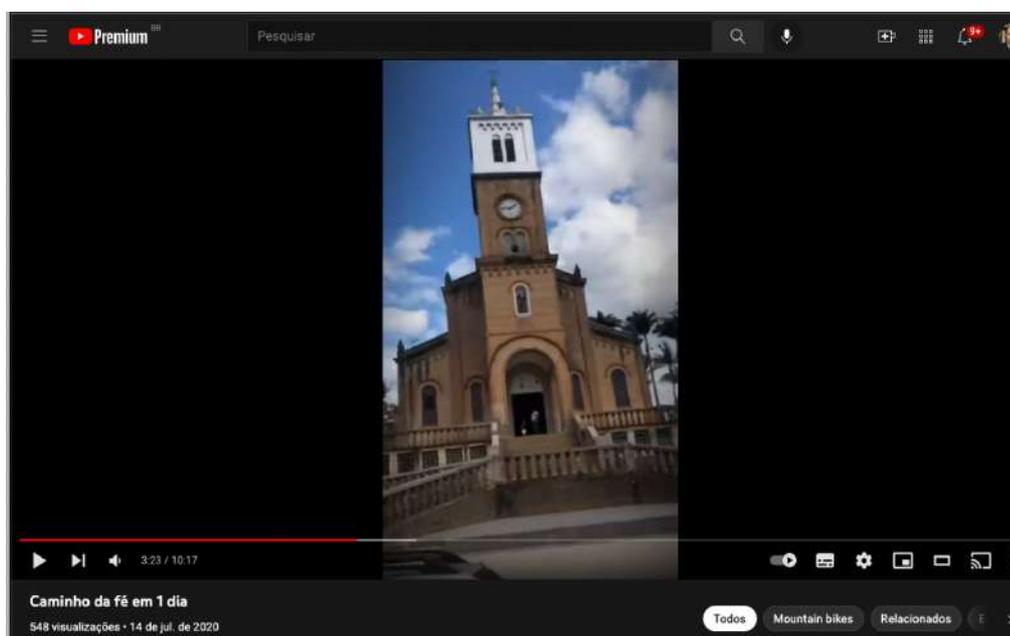
4.3.1.6 Vídeo 6

CAMINHO DA FÉ EM 1 DIA. Produtor: Gustavo Cassim. Local: Brasil, 2020. *Online* (10:17min). Disponível em: <https://youtu.be/jYAc4vR24g4>. Acesso em 17 fev 2022.

Trate-se de vídeo feito por peregrino – de bicicleta – saindo com dois companheiros em direção à Basílica de Aparecida. Em dado momento, um dos peregrinos se vê obrigado a desistir por causa de dores no corpo. A exemplo do que ocorre em outros vídeos, não há uma motivação declarada, mas, ao se propor a percorrer o “Caminho” entre Águas da Prata e Aparecida em apenas um dia, atravessando estradas de terra durante a noite, inclusive, é possível concluir que se trate de motivação muito mais esportiva do que devocional.

Ainda assim, alguns elementos comuns à peregrinação estão presentes, tais como a interação com a natureza (02:07 e 08:40), menções ao esforço físico em subidas íngremes (01:52, 07:12, 07:38 e 10:10). Apesar de imprimir velocidade ao percurso, alguns elementos religiosos se manifestam, como o momento em que após vencer a “subida do caçador”, o protagonista exclama um “Glória a Deus”, em 05:30; um “Graças a Deus”, em 06:50, ambos com um caráter de louvor e gratidão aparentemente genuínos, além do respeitoso registro de uma igreja que o autor considerou “bonita” (figura 28). Praticamente não há trilha sonora, apenas uma música animada que acompanha a chegada do autor do vídeo e do seu companheiro remanescente. A chegada mostra muita emoção e choro do protagonista do vídeo, mas não é possível saber se existe um caráter de emoção religiosa por trás desta manifestação.

Figura 28: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. A imagem pode evocar religiosidade.



4.3.1.7 Vídeo 7

CAMINHO DA FÉ: A MÁGICA JORNADA DE PEREGRINAÇÃO. Produtor: Comunidade *Natrilhas*. Local: Brasil, 2020. *Online* (3:29min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ayo99gWBZwg>. Acesso em 17 fev 2022.

Trata-se de um vídeo produzido por uma organização denominada “Comunidade *Natrilhas*” que, na autodescrição que oferece aos visitantes, dá conta que se trata de uma comunidade que compartilha tudo sobre peregrinações e viagens de autoconhecimento, de forma que é de se supor que entendam que existe uma diferença entre o primeiro tipo de deslocamento e o segundo. Ademais, considerando o título do vídeo, pode-se pressupor que tenha sido exibido

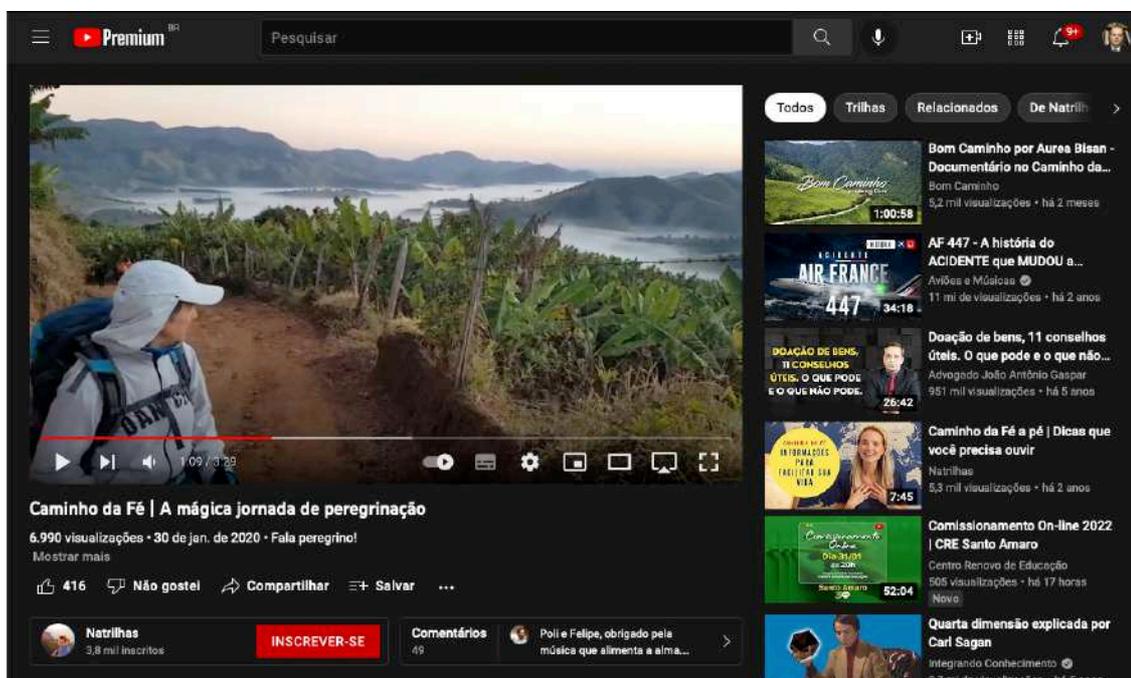
como meio de fomentar peregrinações. Não há declarações de peregrinos no vídeo, apenas uma trilha sonora do tipo “voz e violão”. Porém, a letra da música dá o tom devocional do conteúdo:

Quantas pegadas no chão
quantas histórias de fé
O suor molhando a poeira,
marcando a direção.

As montanhas de Minas são como catedrais
Portas abertas, caminho,
dos que procuram paz
E como pescadores de esperança descem o vale do Paraíba para encontrar remanso nos braços de Aparecida.⁵⁷

Ao comparar as montanhas às catedrais, a letra faz recordar as teses de Ian Reader (2015), que defende que, em algumas culturas, as montanhas são consideradas sagradas, por aproximar o peregrino fisicamente do céu. Momentos de contemplação e interação com a natureza estão presentes, como em 02:18 e 02:50. O vídeo revela momentos de fraternidade e confraternização entre os peregrinos (02:03, 02:06 e 03:23), bem como na chegada ao destino final.

Figura 29: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrina contempla a paisagem natural em trecho do “Caminho da Fé”.



⁵⁷ Em 0:10, o vídeo informa que a música é uma composição de Poli Brandani e Felipe Bedetti, intitulada “Catedrais”. No videoclipe da música, é acrescentado o nome de Dani Lasalvia entre os autores. Confira <https://www.youtube.com/watch?v=BDhFVzIyWrg>. Acesso em 17 fev 2022.

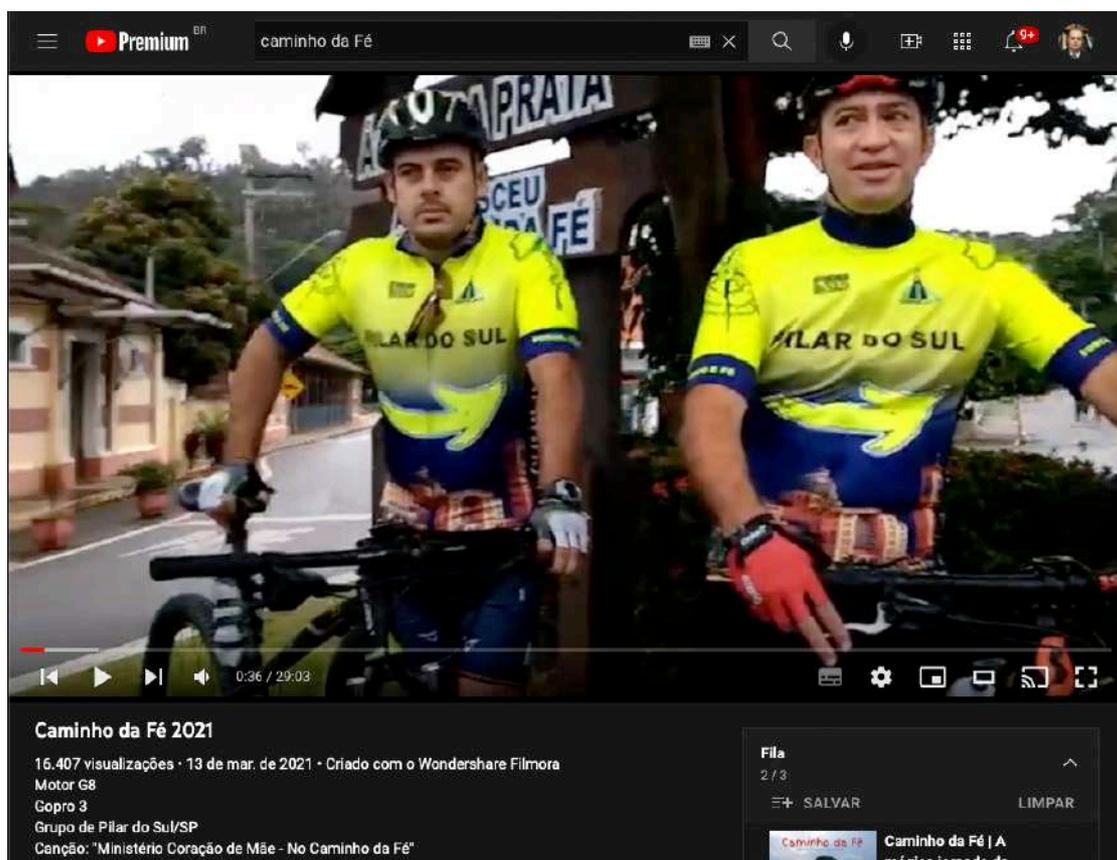
4.3.1.8 Vídeo 8

CAMINHO DA FÉ 2021. Produtor: Daniel Barros. Local: Brasil, 2021. *Online* (29:03min). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=J66tUgdKi_c. Acesso em 17 fev 2022.

Vídeo que acompanha cinco ciclistas da cidade de Pilar do Sul (SP), que saem de Águas da Prata com destino a Aparecida. O vídeo tem uma produção que tenta imitar um “filme”, com música animada e inspiradora em seu início, enquanto os ciclistas vão sendo apresentados um a um, por meio de uma legenda com seu nome. Após esta breve apresentação, todos eles comentam que já fizeram o “Caminho da Fé” outras vezes, revelando experiência. Eles exibem camisetas com símbolos de peregrinos: Nossa Senhora Aparecida, A Basílica de Aparecida, a seta amarela, e um terço formando o desenho do território do Brasil (figura 30).

Não explicitam qual seja a motivação de sua viagem, mas logo em 02:14 invocam a proteção de Deus e Nossa Senhora Aparecida.

Figura 30: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrinos no “Caminho da Fé” com roupas alusivas à Nossa Senhora e com logo da organização mantenedora do percurso.



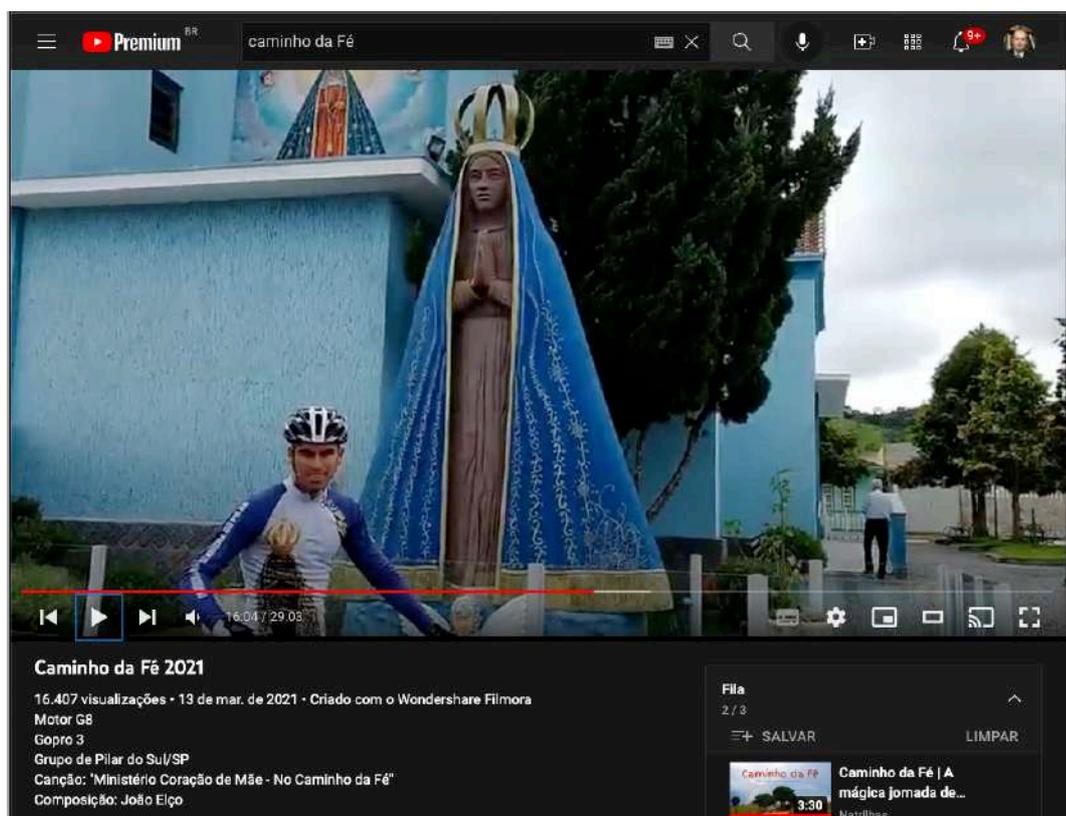
Quando o vídeo mostra montanhas e interação com a natureza e a trilha sonora passa ser uma música que o vídeo indica como sendo cedida pelo grupo “Ministério Coração de Mãe”, intitulada “No Caminho da Fé”, alguns dos versos entoados dizem:

No caminho da fé, o romeiro com fé, se põe a caminhar
Destino Aparecida, ao Santuário, a bem dizer e louvar
De um lugar distante, porém importante, para lá chegar
Ele tem esperança, da mãe Aparecida a benção alcançar

Tem subidas e descidas e montanhas bem altas para passar
Ele não perde a fé caminha tanto a pé para lá chegar.⁵⁸

O esforço penitencial e a convivência fraterna entre os peregrinos também é destacado, juntamente com referências às montanhas, seja nas declarações dos peregrinos seja em imagens (por exemplo 08:17, 08:54, 09:04). Não faltou, também, a imagem de uma igreja, no caso a de Ouro Fino.

Figura 31: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrino diante de uma imagem de Nossa Senhora no “Caminho da Fé”.



⁵⁸ Nas informações contidas nos créditos do vídeo, há menção do nome de João Elço como sendo autor e compositor da música. A letra completa, bem como um videoclipe da música estão disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=84jKlDd2iiU>. Acesso em 17 fev 2022.

Figura 32: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrino se esforça para subir trecho do “Caminho da Fé”.



4.3.1.9 Vídeo 9

JORNADA DE BIKE PELO CAMINHO DA FÉ. Produtor: PraQuemPedala. Local: Brasil, 2021. *Online* (18:51min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nqtBRD5AaQ8>. Acesso em 17 fev 2022.

O vídeo, produzido por um canal especializado em ciclismo e cicloturismo, é esteticamente bem elaborado. Não há interações com outros peregrinos e com os prestadores de serviço. Não se anuncia explicitamente a motivação da viagem, apenas que a meta é cumprir todo o “Caminho” em cinco dias, mas abundam sinais de devoção e de peregrinação. A trilha sonora é, ao mesmo tempo, suave e inspiradora. Os peregrinos falam apenas o mínimo para a câmera, deixando as imagens falarem por si, enquanto dados como distância, altimetria vão sendo exibidos.

Peregrinos orando (3:16 e 13:40), ajoelhados (5:01), fazendo o sinal da cruz diante de uma igreja (6:30) e visitando diversas igrejas são cenas recorrentes durante o vídeo (04:47). A postura diante dos símbolos é sempre respeitosa, mesmo quando sobem de bicicleta na escadaria da igreja (06:17). A interação com a natureza é constante: montanhas e paisagens são mostradas ao longo do vídeo, dando o caráter de admiração das obras de Deus pelas maravilhas das criaturas. Apesar de não interagirem com as pessoas, o respeito com os prestadores de serviço é demonstrado pelo carinho com o qual se referem a uma dona de pousada na altura de 12:15. Em um dos poucos momentos nos quais os peregrinos se manifestam, uma delas diz que é necessário aproveitar a jornada (11:47) e outra complementa, dizendo que está sendo abençoada (12:17). A chegada é silenciosa e respeitosa, os peregrinos admiram a parte externa da Basílica, que está vazia, por ser período de pandemia, e o vídeo se encerra.

Figura 33: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrinos em devoção no percurso do “Caminho da Fé”.

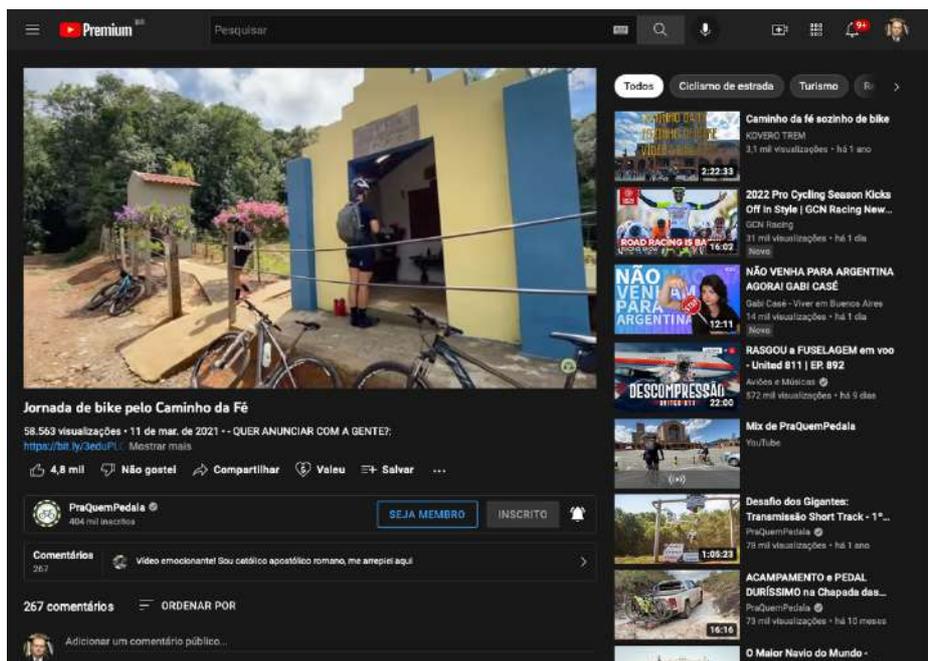


Figura 34: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Imagem de igreja, evocando religiosidade ao deslocamento.

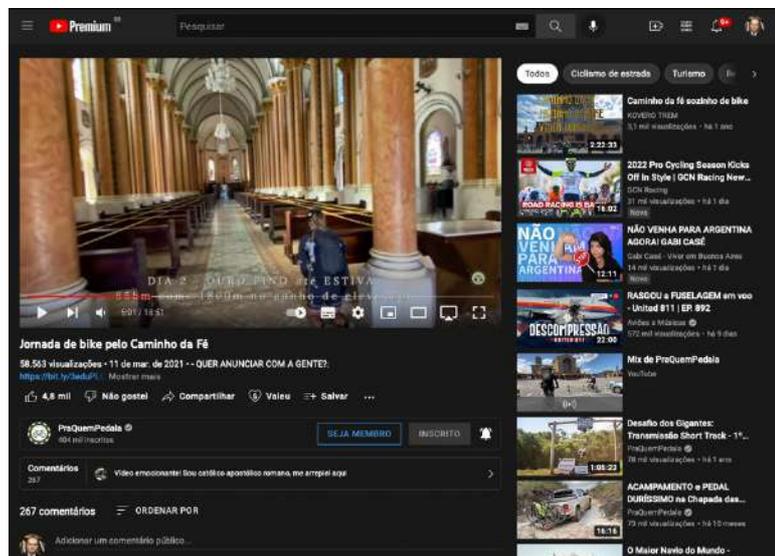
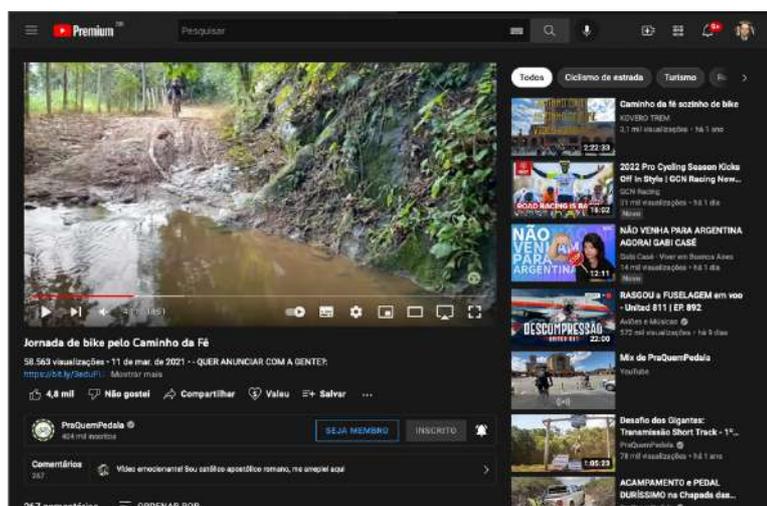


Figura 35: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Natureza e esforço dos peregrinos.



4.3.1.10 Vídeo 10

CAMINHO DA FÉ E CHEGADA EMOCIONANTE A APARECIDA. Produtor: *Bike é legal*. Local: Brasil, 2017. *Online* (24:53min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KT-oahVxoas&t=559s>. Acesso em: 17 fev 2022.

Renata Franzoni, que protagoniza o vídeo e capitaneia o canal “*Bike é Legal*”, é ativista de mobilidade urbana com uso de bicicleta e defende o ciclismo e o cicloturismo. O vídeo é bem produzido e sua protagonista deixa claro que “não se considera uma pessoa religiosa, mas que tem sua espiritualidade”, e que, quando viaja, procura lugares onde possa ver arte sacra e santuários que a deixem tocada (00:06). Diz ainda que ficou emocionada em sua chegada a Aparecida, conforme já consta do título do vídeo. A intenção alegada por Franzoni para a divulgação do vídeo é prestar homenagem a todo peregrino e romeiro que “nesta época do ano vai ao Santuário de Aparecida, como ela fez em sete dias e quatrocentos quilômetros”.

O vídeo é muito interessante, porque a sua autora, além de dar depoimentos pessoais, interage com outros peregrinos, com prestadores de serviço ao longo do caminho, habitantes locais e também com os criadores do “Caminho da Fé”. Por isso, adotei uma ligeira mudança de abordagem nessa análise, sem prejuízo na comparação com as outras análises do “Caminho da Fé” e nem da “Rota da Luz”, de forma que separei os depoimentos por grupos e citei todos literalmente, conforme se verá abaixo. Porém, antes de reproduzir as citações, entendo ser interessante contextualizar e destacar algumas situações anômalas que percebi nesse vídeo.

Em primeiro lugar, há de se destacar que a protagonista e seu grupo não saem de Águas da Prata com destino a Aparecida pelo ramal principal, mas, sim, iniciam seu trajeto pelo chamado ramal “Padre Donizete”. Padre Donizete, cuja história é brevemente contada no vídeo a partir de 03:04,

é um taumaturgo da cidade de Tambaú (SP), que foi beatificado pela Igreja e a quem se atribuía, além da capacidade de fazer milagres, a devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Nesse vídeo também aparecem Almiro Grings, idealizador do “Caminho da Fé”, e seu “braço direito”, Clóvis Tavares de Lima, recontando como o percurso foi criado. Como já mencionei anteriormente, em outros vídeos, Grings praticamente não fala de religião e Tavares de Lima é bem discreto nesse tocante. Porém, talvez por se tratar de um grupo que saiu da igreja de Nossa Senhora Aparecida, em Tambaú, cidade do Padre Donizete, Almiro Grings narra com certo orgulho que antes mesmo da criação do ramal principal, ele já tinha idealizado uma integração entre Tambaú e Águas da Prata. Em seguida, aventura-se a falar rapidamente de Padre Donizete, mas em tom de historiador. De qualquer modo, isto fez com que o vídeo apresentasse uma rápida explicação sobre o este brasileiro.

Abaixo, são apresentadas algumas ênfases nos relatos dos integrantes do vídeo, separados pela natureza de seu envolvimento com o “Caminho da Fé” e identificados pelo nome e o momento em que surgem na exibição.

4.3.1.10.1 Peregrinos

4:33 – Edison Marson afirma que está fazendo o percurso para conhecer a região e o Brasil, e conhecer os peregrinos, mas não fala nada de fé.

4:45 – Paulo de Tarso (que tem o mesmo nome do Apóstolo) diz que vai fazer o “Caminho da Fé” para “pagar os pecados”, mas sua fala parece mais alusiva à dificuldade física de transpor o caminho e do que à devoção religiosa.

5:37 – Ervin Kirschner, perguntado sobre o que o trazia ao “Caminho da Fé”, responde: “a natureza e o visual belo, com fé também”.

6:58 – Bruno Curbani diz que a “paisagem é maravilhosa, há paz interior, hospitalidade”.

9:07 – Luiz Carlos da Silva relata que fez o caminho e escreveu um livro sobre a experiência. Em seguida, elaborou um “guia” sobre o “Caminho” e depois voltou para fazer um documentário. Não alegou outros motivos além destes.

12:39 – Antônio Lopes destaca que já fez o caminho três vezes, uma delas com a família, mas não declina motivos mais detalhados.

12:50 – Eder Polidoro diz que a “energia é fantástica”.

14:00 – Um grupo de peregrinos usando camisetas com a estampa de Nossa Senhora Aparecida aparece dando “vivas” ao Padre Donizete, à Nossa Senhora Aparecida e aos demais peregrinos.

16:35 – Paulo Sérgio Carmona, pela terceira vez no caminho da fé, diz que sua motivação é a fé, a esperança, o encontro consigo mesmo e com Deus.

17:34 – Maria Ângela afirma que o que lhe trouxe até lá foi a fé, muito sofrimento para provar a fé.

21:21 – Um peregrino cujo nome não fora identificado no vídeo afirma que sua motivação foi desfrutar de um período de reflexão, longe do estresse da cidade de São Paulo e em contato com a natureza exuberante.

23:24 – Angelo Sturaro, que peregrinava a pé, relata que cada caminho tem os seus mistérios.

4.3.1.10.2 Habitantes Locais

7:49 – O agricultor Luiz Miguel diz que não se incomoda com a passagem de peregrinos pelo “cantinho da fazenda” e que gosta de ver os peregrinos passando e de conversar com algum que seja “diferente”;

15:42 – Edna Anjo relata uma experiência já mencionada anteriormente nesta dissertação, a saber: a troca de saberes entre os peregrinos e os habitantes do lugar.

4.3.1.10.3 Religioso

8:22 – Carlos Dobies, Padre da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, reitera que acolher os peregrinos é importante e afirma que os peregrinos buscam um encontro com a natureza, consigo mesmo e com Deus. A ordem dos “encontros” chama a atenção, por se tratar do relato de um padre e deixar o encontro com Deus para ser mencionado por último. O religioso ainda faz um convite para que as pessoas visitem o “Caminho da Fé”.

4.3.1.10.4 Prestador de serviço

17:53 – “Maurão”, morador e personagem folclórico do “Caminho da Fé”, diz que é um prazer receber os peregrinos, que eles merecem ser bem recebidos pelo sofrimento que passam no percurso;

4.3.1.10.5 Idealizadores do “Caminho”

1:35 – Almir Grings diz que se inspirou no Caminho de Santiago de Compostela e sua intenção era ligar Águas da Prata a Aparecida, criando uma estrutura nos moldes de Santiago de Compostela; enfatiza que o povo é hospitaleiro e religioso e insiste na exuberância da natureza.

2:18 – Clóvis de Lima explica que olhou o mapa geopolítico da região buscando encontrar o mesmo “enfoque do Caminho de Santiago, que tem aquele caráter religioso”. Reforça o desejo de que o “Caminho” seja perene e/ou “eterno”.

O vídeo é repleto de todos os sinais que caracterizam as peregrinações, já comentados ao longo do trabalho, tais como a interação com a natureza como forma de devoção a Deus por sua criação; a presença de imagens religiosas evocando memórias religiosas e devoção; a exibição de montanhas, que sugerem mais proximidade de Deus; o esforço físico, às vezes tomado como penitencial; o respeito e a fraternidade entre os peregrinos e a população local.

4.3.2 Rota da Luz

4.3.2.1 Vídeo 11

SEGREDOS DA ROTA DA LUZ COM GUGA BARRETO. Produtor: Guga Barreto, Peregrino da Fé. Local: Brasil, 2020. *Online* (43:59min). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=J4_sc0caYtc. Acesso em 17 fev 2022.

O autor se autointitula “peregrino da fé” e incentivador do cicloturismo. Porém, além desta autointitulação, o autor não declara explicitamente a motivação de sua viagem. A trilha sonora do vídeo é instrumental, animada e inspiradora. Logo no início, é possível notar que o peregrino usa roupa distintiva de romeiro, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Sem ramais alternativos, a “Rota a Luz” começa em Mogi das Cruzes (SP) e já é possível notar diferenças entre os dois percursos aqui apresentados, sendo que a “Rota da Luz” oferece uma arquitetura diferente, mais colonial, por assim dizer. Voltando ao conteúdo do vídeo, apesar de não declarar sua motivação, o protagonista entra em uma capela com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, na altura de 05:55, e em uma igreja, em 08:15, onde mais uma vez ele ingressa para mostrar seu interior, feito de taipa de pilão.

A natureza está presente no vídeo, através de imagens das montanhas, paisagens rurais e, em 10:20, uma nascente de água é exibida. Não poderia faltar a demonstração de superação do

trecho íngreme, indicando o esforço intrínseco às peregrinações (06:53) e, ao final dele, são exibidas novamente algumas paisagens rurais, num movimento que sugere a relação direta entre esforço e recompensa, podendo sugerir a expectativa psicológica dos peregrinos de que o mesmo aconteça em nível espiritual. Os elementos da partilha e fraternidade do peregrino aparecem várias vezes, nas formas de interação entre os turistas (09:20) e confraternização com prestadores de serviços e locais (tais como em 17:37, 18:05, 19:53 e 28:00).

Figura 36: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Placas indicativas da “Rota da Luz”.

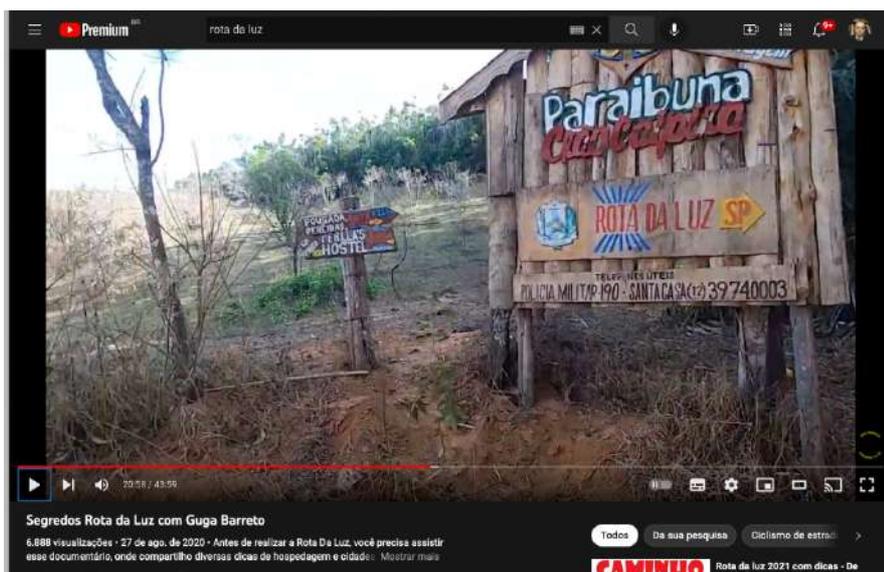


Figura 37: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Imagens das instalações de pousada para peregrino na “Rota da Luz”.

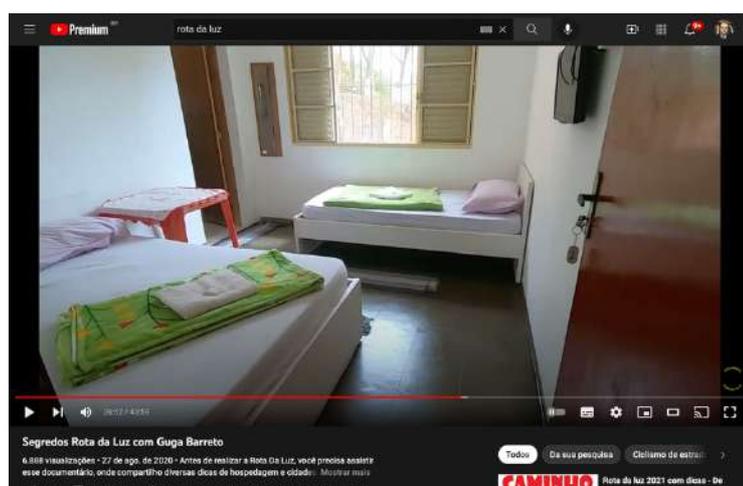
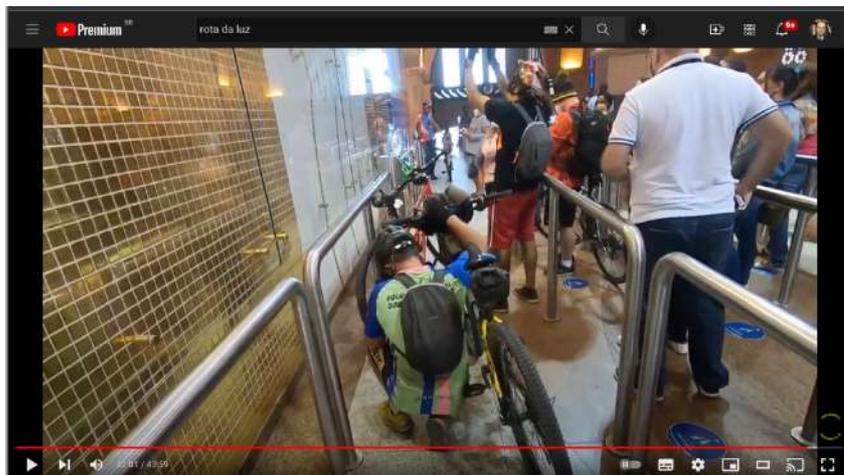


Figura 38: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Peregrino de joelhos diante de imagem na Basílica de Aparecida.

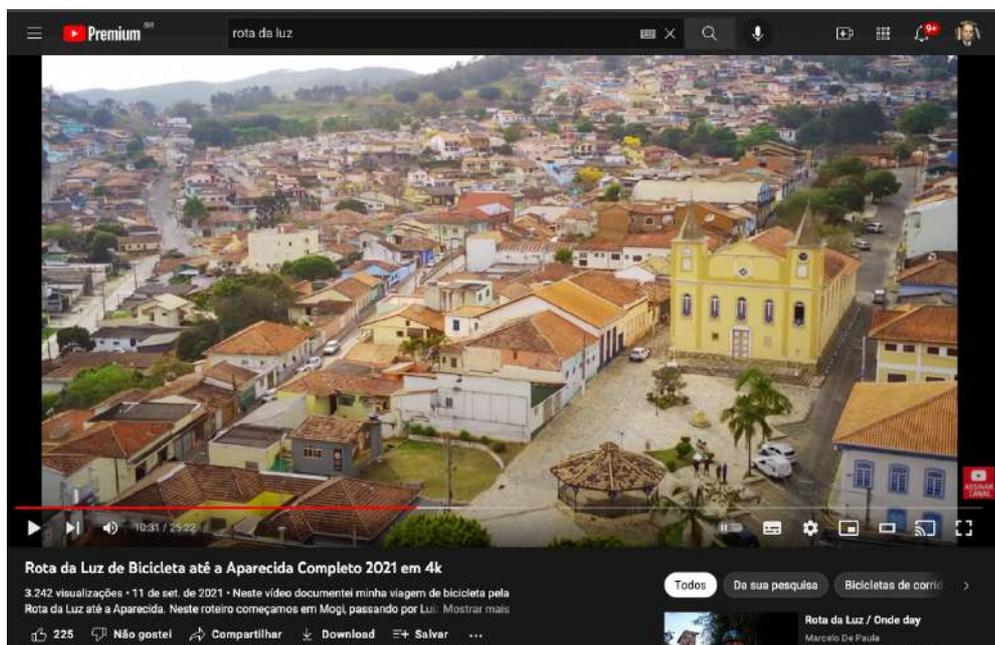


4.3.2.2 Vídeo 12

ROTA DA LUZ DE BICICLETA ATÉ APARECIDA COMPLETO 2021 EM 4K. Produtor: Vinicius Oliveira - Cicloturismo. Local: Brasil, 2021. *Online* (25:22min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5GIgh_1kQgg. Acesso em 17 fev 2022.

O protagonista desse vídeo também não declara o motivo de sua viagem. Também não recorre a uma roupa distintiva de peregrino e, de início, estava tímido no tocante a exibir imagens religiosas. Em alguns momentos, o vídeo tem uma trilha sonora heroica, em outros, a trilha é interrompida sem motivo aparente. Conforme o vídeo avança, as imagens de natureza e do próprio peregrino se intercalam com imagens de igrejas até que, a partir de 10:07, passa a exibir a imagem de uma igreja de onde se pode ouvir a reza do terço. Não falta alusão às dificuldades do caminho, mas elas parecem ser menos hiperbólicas do que aquelas exibidas em filmagens sobre o “Caminho da Fé”. Por fim, ele chega ao Santuário e se mostra assistindo uma missa.

Figura 39: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Imagem de igreja na “Rota da Luz”.

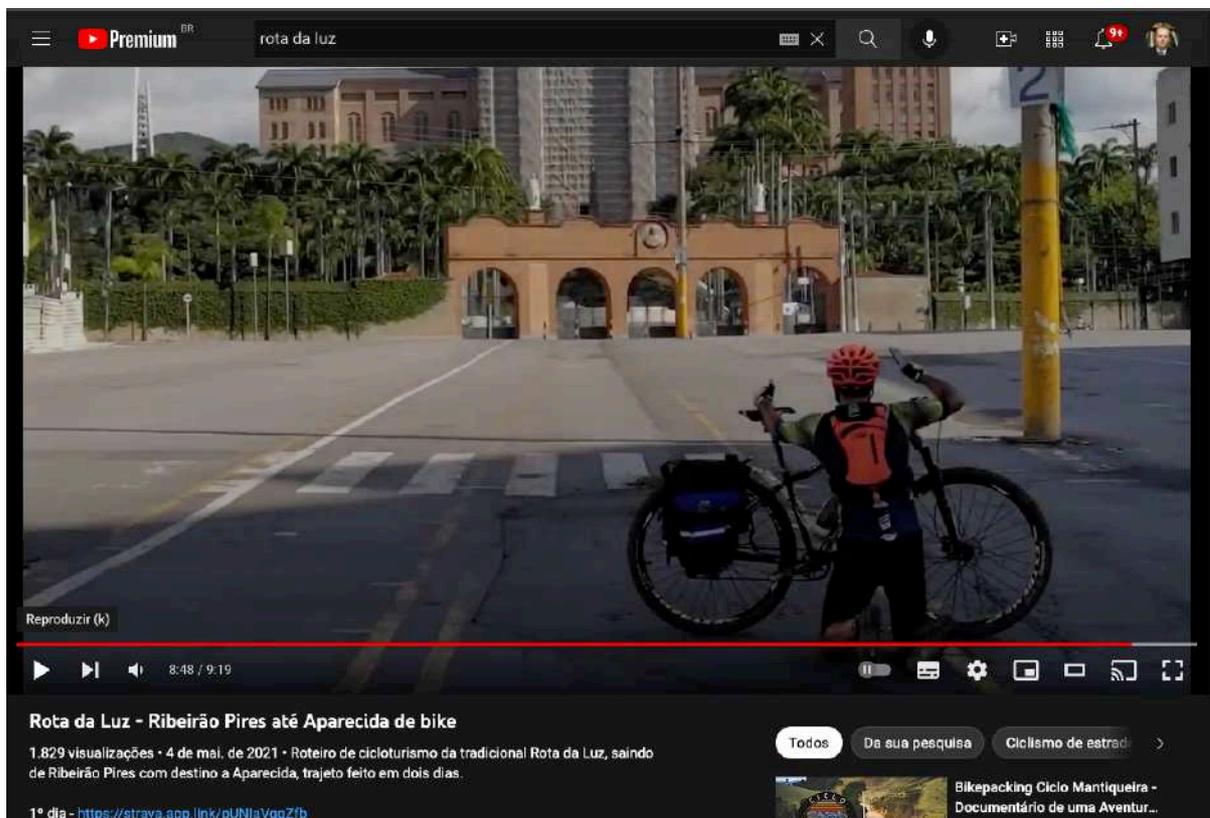


4.3.2.3 Vídeo 13

ROTA DA LUZ – RIBEIRÃO PIRES ATÉ APARECIDA DE *BIKE*. Produtor: Caue Colodro. Local: Brasil, 2021. *Online* (09:19min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6ew3XiEYmLw>. Acesso em 17 fev 2022.

Não é possível saber por que o autor desse vídeo começou sua viagem em Ribeirão Pires (SP) e de lá foi a Suzano (SP) para só então prosseguir até a primeira cidade da “Rota da Luz”, que é Mogi da Cruzes (SP). A trilha sonora é uma moda de viola bem animada, repleta de referências religiosas que não são necessariamente da Igreja Católica e o peregrino não mostra usar roupa com símbolos religiosos. Há muitas imagens de natureza e do autor se alimentando de frutas (03:14 e 04:30). Ainda em 04:30, é possível tomar ciência dos dados de altimetria e quilometragem do trecho, que são exibidos em forma de legendas. Ao final do vídeo, o protagonista aparece de joelhos ao lado da bicicleta, diante da Basílica de Aparecida (figura 40).

Figura 40: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. O peregrino Caue Colodro de joelhos em frente à Basílica de Aparecida.

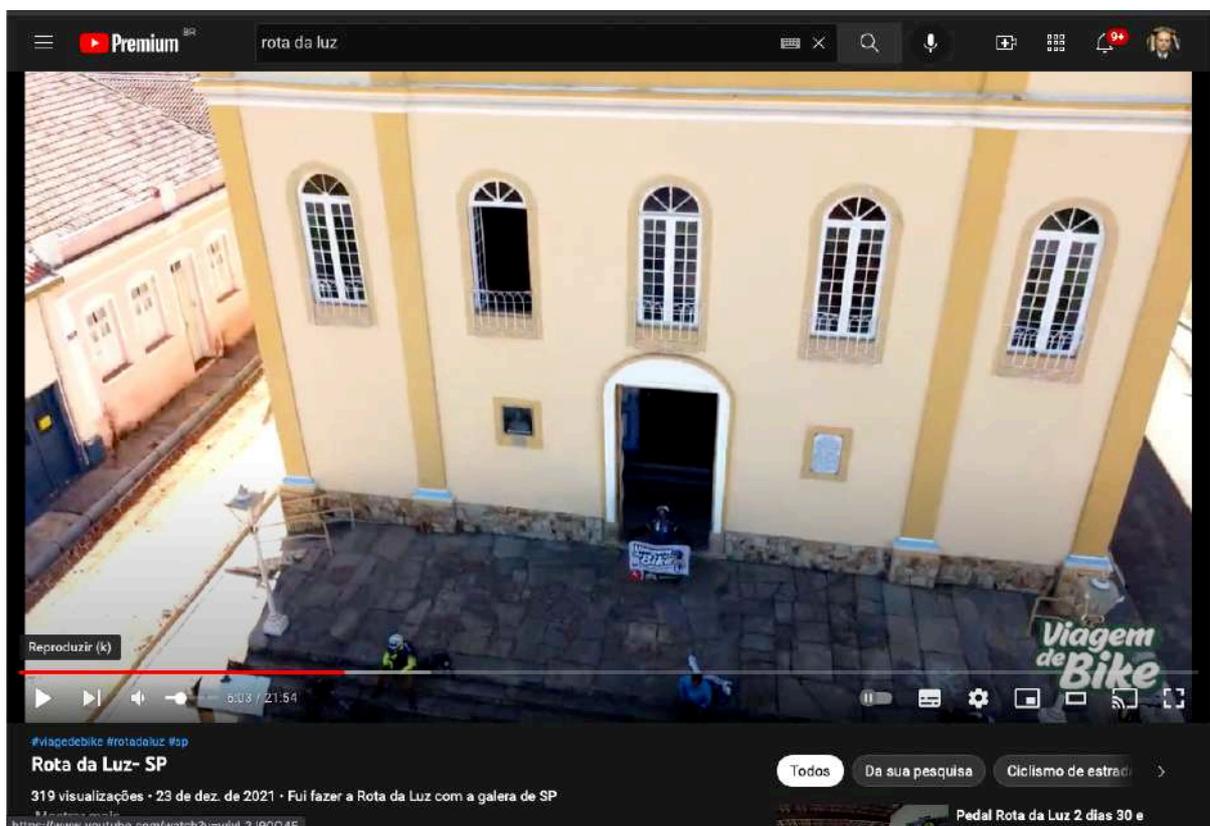


4.3.2.4 Vídeo 14

ROTA DA LUZ – SP. Produtor: Viagem de *Bike*. Local: Brasil, 2021. *Online* (21:54min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0C-APITENXo>. Acesso em 17 fev 2022.

O autor do vídeo vai com um grupo para Aparecida pela “Rota da Luz”. A trilha sonora é composta por música eletrônica e os elementos de integração na natureza, bem como o relacionamento fraternal entre os peregrinos estão presentes no vídeo. Dentre as características peculiares deste vídeo, que, de certa forma, acaba por distingui-lo dos outros da mesma “Rota” analisados até aqui, é a exibição mais explícita de registros de grande esforço físico por parte dos peregrinos. No tocante aos elementos evidentemente religiosos, em 06:03, é exibida uma igreja com o autor e seus companheiros de viagem à porta, mas sem nenhum motivo especial aparente. Esta é a única imagem desta natureza em todo o vídeo. A chegada em Aparecida não é exibida como filme, mas no formato de uma sequência de fotos, com trilha sonora eletrônica, sem qualquer referência religiosa ou devocional.

Figura 41: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Grupo de peregrinos em frente a uma igreja na “Rota da Luz”.

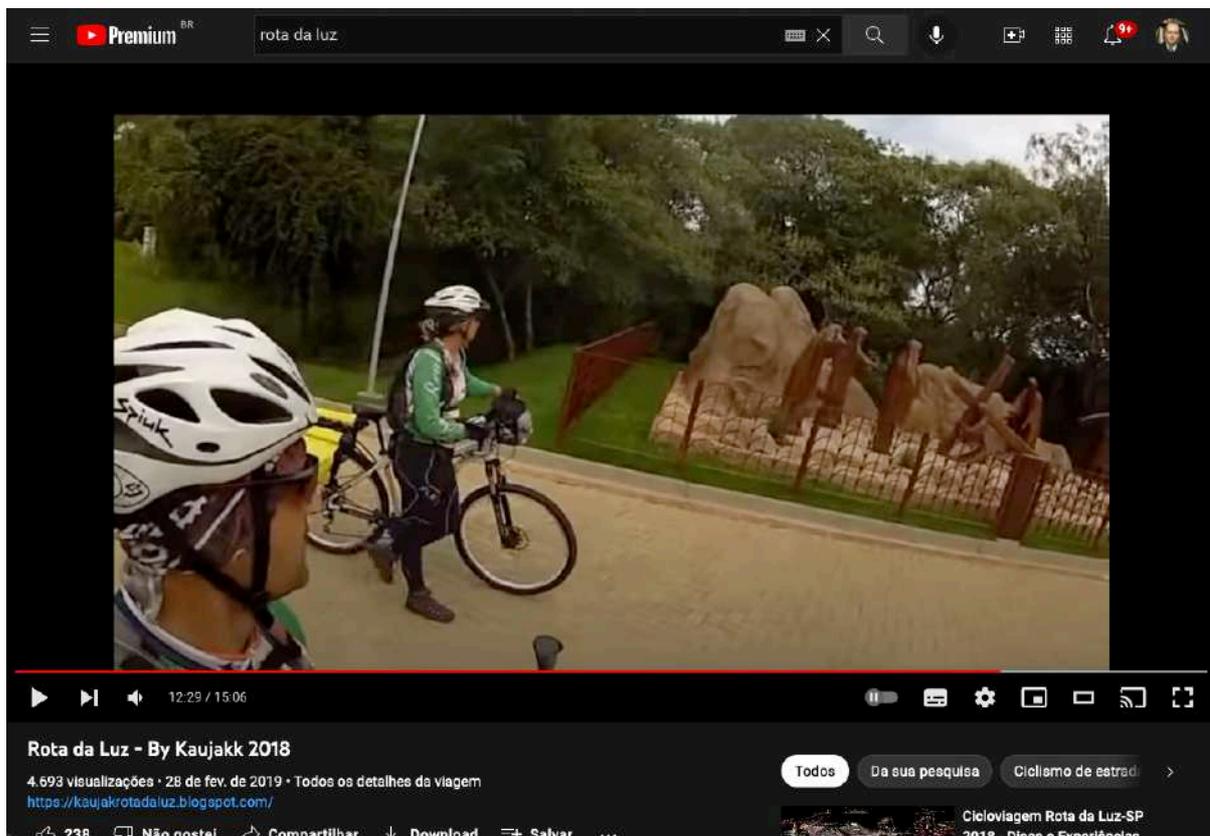


4.3.2.5 Vídeo 15

ROTA DA LUZ – BY KAUIJAKK 2018. Produtor: Cláudia Jak. Local: Brasil, 2019. *Online* (15:06). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=f4CxR_oXse8. Acesso em 17 fev 2022.

A autora faz a viagem de *bike*. Não há declaração de motivação para a viagem. A trilha sonora é neutra, mas fomenta a meditação. Trata-se de um vídeo bem simples, no qual estão presentes os elementos da natureza e sua integração e, como sempre, muitas montanhas. Em 09:12, Cláudia Jak também faz menção ao barulho das águas entre as montanhas. Em 12:31, ela mostra um trecho localizado em um parque próximo à Basílica de Aparecida, mas já pertencente aos seus territórios, onde trechos bíblicos que são referenciados na oração do rosário são reproduzidos em cenários. Não há registro explícito da chegada na Basílica de Aparecida, apenas o relato posterior da autora, afirmando que se emocionou com este momento.

Figura 42: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Os peregrinos diante de imagens que ficam no entorno da Basílica de Aparecida.

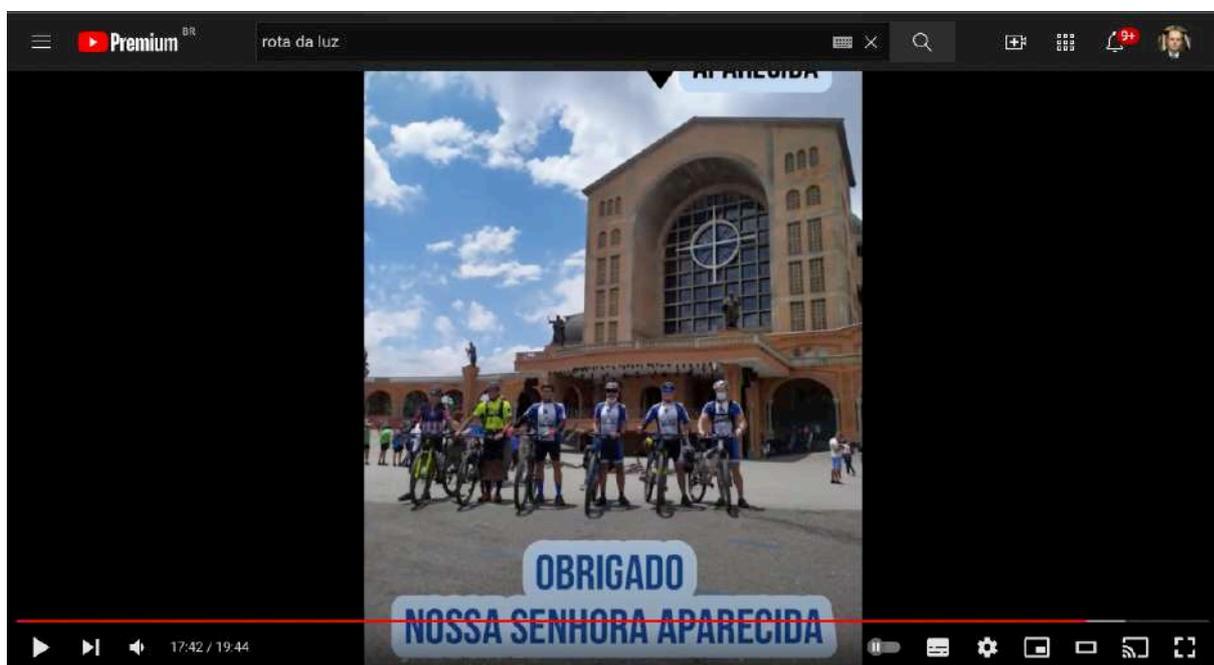


4.3.2.6 Vídeo 16

ROTA DA LUZ – MOGI DAS CRUZES ATÉ APARECIDA – DE 20 A 22/11/2020. Produtor: TM Disciplina Aquática. Local: Brasil, 2020. *Online* (19:44min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jtH2I4snY4k>. Acesso em 17 fev 2022.

O autor do vídeo começa valorizando o caráter de cidade pequena e do interior de Guararema (SP), segunda cidade da rota. A trilha sonora é suave e não há declaração explícita de motivação para a viagem. Não foi possível identificar o uso de camisetas com símbolos religiosos. Na altura de 02:20 já é exibida uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Pouco antes, o vídeo já registrara uma interação com pessoal local, que se repete em 11:52. A interação com a natureza está presente em vários trechos do vídeo, tais como em 03:20. Mais uma vez os peregrinos atravessam por uma grande subida, em 03:17, mas não há registro sincrônico do momento. Todavia, no decorrer do vídeo há várias referências às dificuldades e a um eventual caráter penitencial no trajeto. O vídeo se encerra com um agradecimento a Nossa Senhora Aparecida.

Figura 43: *Print* da tela de exibição do vídeo em pauta. Chegada dos peregrinos à Basílica de Aparecida pela “Rota da Luz”.



4.3.2.7 Vídeo 17

ROTA DA LUZ – UM LINDO CAMINHO, MAS... Produtor: Longas Distâncias. Local: Brasil, 2020. *Online* (31:40min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ewfc9rmArVY>. Acesso em 17 fev 2022.

O vídeo se inicia com algumas explicações de seu autor, informando que a “Rota da Luz” oferece uma alternativa de percurso até Aparecida sem passar pela “Via Dutra”. O vídeo é dominado por trilha sonora eletrônica, com significativo destaque para o equipamento usado, bem como para detalhes técnicos na forma de gráficos exibidos na parte de baixo do vídeo, com informações sobre velocidade, batimentos cardíacos e inclinação das subidas. A tônica é bem-humorada, com várias figurinhas e brincadeiras, por meio de recursos visuais. Há pouco destaque para natureza e praticamente não há registro de esforços físicos, mesmo que haja referências a isso de algum modo. Em 25:18, existe interação com prestadora de serviço, porém não há nenhum símbolo religioso em todo vídeo. A expressão “mas” contida no título se deve ao fato de seu autor ter desistido do percurso antes de chegar em Aparecida, tendo abandonado a peregrinação, literalmente, no meio do caminho.

4.3.2.8 Vídeo 18

ROTA DA LUZ COM DICAS – DE SUZANO A APARECIDA. Produtor: *Bike na lama*. Local: Brasil, 2021. *Online* (45:39min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zYwrKEL4VW8>. Acesso em 18 fev 2022.

O autor do vídeo saiu de Suzano (SP) até Mogi das Cruzes (SP) para lá iniciar a “Rota da Luz”. Não há declaração de motivação no vídeo, que não tem trilha sonora e cuja elaboração é muito simples. Em que pese o fato de o vídeo conter a exibição de interação com prestador de serviço da “Rota” que oferece café (03:33); o interior de uma igreja, em 05:55; a interação com a natureza estar presente pelas imagens feitas de cima da bicicleta, como em 07:26 e 07:34; e a demonstração de esforço ser percebida em alguns momentos, tais como em 07:48 e 32:40; elementos que, como já visto anteriormente, estão essencialmente presentes numa peregrinação, não há resquícios de que o percurso tenha sido feito em caráter devocional. Mantendo a tônica do vídeo, a chegada em Aparecida, por exemplo, tem pouco destaque à dimensão religiosa do local, face ao volume de informações e dicas sobre o condicionamento físico dos integrantes do vídeo.

4.3.2.9 Vídeo 19

ROTA DA LUZ – PEDAL PARA INICIANTE? Produtor: Mundo Peba. Local: Brasil, 2022. *Online* (09:47). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BsAp5Jqu8PA>. Acesso em 18 fev 2022.

O vídeo não tem narração, seu autor não aparece falando, as imagens são acompanhadas de trilha sonora de música eletrônica dançante e animada. Se vários peregrinos gostam de fazer imagens tipo *selfie*, o autor desse vídeo, pelo contrário, optou por fazer a maior parte dos registros com uma câmera montada na linha central do guidão da bicicleta. Essa perspectiva limita o que pode ser visto, pois se trata de um ângulo fechado. Ainda assim é possível ver uma igreja, em 05:41, e notar a interação a natureza. A chegada em Aparecida é marcada por fotos nas quais o autor e seu companheiro de viagem comemoram a chegada ao Santuário, sendo que uma foto da imagem de Nossa Senhora confere um certo tom devocional ao momento.

4.3.2.10 Vídeo 20

ROTA DA LUZ 2021. Produtor: Pedalando por São Paulo. Local: Brasil, 2021. *Online* (07:03min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XuPJ2PrJz8Y>. Acesso em 18 fev 2022.

O vídeo contém muitas fotos, nenhuma narração e algumas legendas. A trilha sonora é marcada por música inspiradora, interrompida somente em alguns momentos nos quais o autor quer compartilhar o som ambiente com o espectador. Seguindo a tônica de muitos vídeos da internet, sempre que é possível se mostra muito a natureza exuberante e algum marco do esforço

dos peregrinos, por exemplo, placas indicativas de distâncias, altimetria e/ou com nomes de cidades, bem como alguns monumentos que caracterizam a cidade que está sendo visitada. No caso deste vídeo específico, em 1:33 é possível ver um peregrino de bicicleta em frente a uma estação antiga, na qual há uma marcação de distância e altitude, porque os peregrinos valorizam muito a distância e a variação altimétrica que enfrentaram. Os sinais de devoção religiosa estão evidentes:

1:18 – Peregrino com a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

1:39 – Imagem de uma cruz encontrada ao longo do caminho.

1:41 – Peregrino em frente à igreja.

2:38 – Fachada e altar de uma igreja não identificada.

Outro elemento comum em relação aos vídeos de peregrinos que vão a Aparecida, independente do percurso que realizam, é mostrar as pessoas locais que apoiam os romeiros, como em:

2:34 – Placa de “apoio aos romeiros”.

4:53 – Pessoa que apoia os romeiros.

Na descrição do vídeo, parte se dedica a alguns detalhes técnicos e parte repete um certo senso comum a respeito de ambas rotas a Aparecida, como se observa no relato contido neste vídeo:

Pelo caminho no qual mais de 90% é feito de chão, encontramos muita fauna e flora que nos remetem a muita paz, os peregrinos e os bicigrinos⁵⁹ encontram um caminho bem sinalizado e diversas pessoas estão sempre dispostas a ajudar os peregrinos. A “Rota da Luz” foi criada com o intuito de ter um caminho seguro para os peregrinos que antes caminhavam pela “Dutra”. Recomendo a “Rota da Luz” e tenho certeza que essa experiência irá mudar muito o modo como enxerga a vida e as pessoas”.

Essa descrição que acompanha o vídeo também revela um lugar comum nos vídeos sobre as rotas para Aparecida, no tocante às imagens exibidas: referência à natureza, paz e mudança na forma de encarar a vida. Ainda que não haja menção direta a Deus ou à religião, a presença de algumas imagens específicas pode denotar devoção.

4.4 Considerações finais e resultados

Não é possível apresentar os resultados obtidos nas análises do conteúdo audiovisual da pesquisa, sem antes fazer algumas ponderações. Escolhi estudar as peregrinações sob a perspectiva da religiosidade popular e restringir a análise às peregrinações católicas de caráter mariano do “Caminho da Fé” e “Rota da Luz” ao Santuário Nacional de Aparecida porque não há trabalhos

⁵⁹ Neologismo criado pelo autor do vídeo.

recentes com o viés de estudar a religiosidade popular nestas peregrinações. Os trabalhos atuais dão mais ênfase ao “turismo religioso”, além de não tematizarem suficientemente a “Rota da Luz”.

Estudar peregrinações, em especial peregrinações católicas, acaba quase sempre esbarrando no “Caminho de Santiago de Compostela” como paradigma. Essa peregrinação, com origens medievais, já há muitos anos vem sendo estudada minuciosamente sob as mais diversas perspectivas e sobre a qual existe vastíssima bibliografia, filmes, documentários, além de uma intensa divulgação por celebridades e pessoas famosas. Evitei mergulhar com muita profundidade na análise da peregrinação espanhola, de forma que apenas a tangenciei e procurei referenciá-la quando necessário, pois entendo que seu sucesso como rota de peregrinação católica, que atrai milhares de interessados do mundo inteiro, todos os anos, é notório e dispensa observações adicionais.

Também é preciso deixar claro que não irei contrapor as rotas brasileiras, comparando-as de forma a sugerir qual delas é melhor em um ou outro aspecto. Não é meu trabalho de pesquisador colocar “selo” de quem imita melhor o modelo de sucesso do “Caminho de Santiago de Compostela”, como pretenderam fazer alguns autores dos vídeos que analisei.

Sobre a forma de captação dos dados para aplicação da metodologia escolhida, também é preciso acrescentar algumas ponderações: o projeto original, apresentado em 2019 para ser executado a partir de 2020, estabelecia que seria realizado trabalho de campo, com entrevistas aos peregrinos nas rotas e para o qual solicitei a necessária autorização no Ministério da Saúde. Como já havia estado várias vezes em Aparecida antes da pandemia de COVID-19, em duas delas como peregrino, e percebi impressionante o fluxo de peregrinos que chegavam o tempo todo à Basílica, sozinhos ou em grupos, já estava “familiarizado” com o ambiente e não teria grandes dificuldades de entrevistá-los em quantidade.

Porém, com a ocorrência da pandemia de COVID-19, em um primeiro momento decretou-se o *lockdown*, que fechou as rotas de peregrinação por muitos meses. Em seguida, começaram a suceder momentos de flexibilização com outros de recrudescimento do isolamento social. O *site* da “Rota da Luz”, como já mencionado, exibe até o momento em que escrevo este trabalho um aviso de que a Rota está fechada. Apesar disso, estive em Aparecida durante a pandemia em duas oportunidades, visando a pesquisa, em momentos de flexibilização das medidas sanitárias. Porém, encontrei o “Centro de Apoio ao Romeiro de Aparecida” praticamente vazio e pude constatar que poucos peregrinos chegavam ao Santuário a pé ou de bicicleta. Este fato gerou considerável frustração, mas, inclinado a manter a essência do trabalho na medida do possível, optei por trocar as entrevistas pelo estudo das rotas através da análise de vídeos escolhidos aleatoriamente no *YouTube*, seguindo critérios estabelecidos conforme informei no capítulo anterior.

O “Caminho da Fé”, por ser mais antigo, possui uma quantidade significativamente maior de vídeos em comparação à “Rota da Luz”, mais recente. Isso fez com que os poucos critérios que estabeleci para selecionar vídeos tivessem efeitos diferentes na busca de vídeos de cada rota: no caso do “Caminho da Fé”, ajudou a restringir a busca de forma positiva, no caso da “Rota da Luz”, houve mais dificuldade para selecionar uma quantidade satisfatória de vídeos. Em tempo, é importante registrar que o “Caminho da Fé” já tem uma certa “indústria” gravitando em torno dele: livros de memórias da peregrinação, livros com dicas de viagem, vídeos, assessorias de treinamento e de acompanhamento e até equipes de apoio profissionais.

Ao todo, foram analisados vinte vídeos, dez de cada rota, buscando traços de religiosidade popular nos peregrinos, assim como questões de memória cultural e imagética, sendo possível alcançar os resultados que passo a descrever.

Algo bem perceptível nos vídeos analisados é o fato de os peregrinos buscarem registrar interações com as pessoas que cruzam seu caminho, o que enriquece sobremaneira as experiências analisadas. Por conta dessas interações, pude aferir que Almiro Grings, idealizador do “Caminho da Fé”, aparece em três deles, e o seu “braço direito”, Clóvis Tavares de Lima, em duas. Em um dos vídeos, sua presença era necessária porque versava sobre a criação do “Caminho da Fé” e os peregrinos, podendo-se observar que foi algo agendado ou preparado, nas demais vezes, ele aparece em banco de praça, num contexto informal, o que denota que sua presença em pontos avistados pelos peregrinos é constante.

Nesse ponto, há que se mencionar um dado que acredito ser relevante: considerando o tema deste trabalho, Almiro Grings merece toda a admiração pelo seu hercúleo esforço para implantar no Brasil um caminho nos moldes daquele existente na Espanha, bem como pelo fato de que o “Caminho da Fé” seguramente impulsionou as peregrinações marianas no Brasil de forma orgânica, sem propaganda, e criou um novo tipo de fluxo de fiéis ao Santuário. Porém, não é possível saber se por razões “contratuais”, de foro íntimo ou se mesmo por interesses comerciais de manter o percurso aberto a todo tipo de pessoa que deseje percorrê-lo, em nenhum momento ele mostra qualquer tipo de religiosidade ou devoção. Por exemplo, no vídeo em que ele e Clóvis falam da criação do “Caminho da Fé”, as imagens não acompanham o discurso, sendo que muitas imagens religiosas ou imagens marianas são exibidas durante o vídeo, enquanto os assuntos abordados pelos idealizadores são de natureza secular e cotidiana.

De certa forma, isso se reflete nos vídeos do “Caminho da Fé”. Poucos peregrinos falam de religião, mas abundam imagens de símbolos religiosos ou que evocam a lembrança de devoção. Dos dez vídeos analisados, nove exibem alguma forma de símbolo religioso ou algo que evoca memória religiosa, mesmo que seja de algum peregrino exclamando certas frases ou expressões de

evocação religiosa. Em dois dos vídeos, há referências a pessoas pedindo ao peregrino que faça algum tipo de oração por elas. Em um dos casos, o peregrino pede a uma prestadora de serviço que ore para lhe dar forças no caminho.

No único vídeo em que não aparecem símbolos religiosos, o peregrino se confraterniza com todas as pessoas com as quais interage no “Caminho”. Portanto, se faltam símbolos religiosos, sobram atos de fraternidade. Ainda nessa linha, em seis vídeos do “Caminho da Fé” os peregrinos se emocionam na chegada à Basílica.

No que diz respeito à interação com locais não prestadores de serviços, ela sempre ocorre de forma “carinhosa”, ou seja, muito além da mera saudação formal ou corriqueira, mas com demonstrações de respeito ao peregrino e sua viagem, e ao local, por sua reverência. Ao todo, são exibidas sete menções desta natureza. Por outro lado, gestos reverenciais ou respeitosos a prestadores de serviços são vistos em cinco dos vídeos.

O esforço físico como forma de penitência ou expiação de pecados ou, ainda, a referência à fé como forma de enfrentar obstáculos podem ser detectados em nove vídeos.

Por fim, em todos os vídeos são exibidas imagens de paisagens naturais exuberantes como sendo algo digno da admiração humana. Em oito deles há uma paisagem bucólica, pitoresca ou rural, também como algo a ser admirado como criação.

Como mencionei anteriormente, provavelmente por ser mais recente a “Rota da Luz” tem menos vídeos do que o “Caminho”, e, em geral, eles são consideravelmente mais curtos também. Além deste aspecto formal, outras diferenças podem ser notadas. No tocante ao “Caminho”, algumas personagens locais, como “Maurão” e “Dona Inês”, por exemplo, com muitos anos de prestação de serviço na mesma localização, são mencionadas com muita intimidade, assim como as referências a alguns trechos mais exigentes do “Caminho da Fé” que já são bem conhecidos dos peregrinos e atletas, de forma que são pontos de relevo cujos nomes são mencionados com bastante familiaridade e sem explicações mais detalhadas nos vídeos. Provavelmente, os autores assumem que “a fama os precede”. Dois exemplos destes casos são as serras “dos Limas” e “da Luminosa”. É possível ainda ouvir frases como “a pousada da Dona Inês é precedida pela Serra da Luminosa e sucedida pelo ‘quebra pernas’” (este último é um trecho em aclive cujo nome dispensa outras explicações).

Sabedores da menor popularidade da “Rota da Luz”, os autores dos vídeos deste percurso acabam fornecendo explicações mais detalhadas sobre cada trecho. Provavelmente por essa razão, as descrições relativas ao esforço para vencer algumas etapas fazem menos uso de hipérboles. Os peregrinos do “Caminho da Fé” tendem a manifestar verbalmente o esforço exigido pelo percurso. A “Rota da Luz”, por sua vez, sendo um caminho mais recente e possuindo longos trechos nos

quais não há vilas, cidades ou mesmo postos de parada, além de seus prestadores de serviço ainda estarem se estabelecendo ao longo do percurso, é marcada – pelo menos a se julgar pelos vídeos selecionados – pela ausência de pedidos de oração e a baixa quantidade de alguns tipos de interação dos peregrinos com as pessoas. Outra característica deste percurso em particular é que as demonstrações de religiosidade, quando existem, são muito mais explícitas no que diz respeito à devoção Mariana.

CONCLUSÃO

Ao realizar um deslocamento a um santuário, a pessoa assume uma situação de isolamento e afastamento da sua rotina diária. Ao longo do percurso, ela se exporá a símbolos e situações que aflorarão sua memória religiosa. Some-se a isso o fato de que, em ambos os percursos analisados, um contexto no qual o simbolismo da natureza proporciona a combinação entre o movimento horizontal em direção ao santuário e o movimento vertical de subir as montanhas e se aproximar do céu que, na tradição católica, é a morada de Deus. A presença constante da água também desempenha o papel de simbolizar as fontes da vida. Ao mesmo tempo, atravessar as águas – cruzar o rio – pode sugerir a metaforicamente a saída de uma situação de morte – por exemplo, da rotina diária extenuante e desprovida de sentido existencial – e o renascimento no santuário para uma vida nova. É muito significativo observar que, em termos de reação a tais elementos presentes em ambos os percursos, 90% dos vídeos exibem imagens religiosas e 60% deles contêm imagens inequívocas de emoção na chegada ao Santuário.

O relato de Renata Franzoni adquire uma dimensão particularmente interessante neste sentido, pois ela diz não ter religião, mas cultivar uma espiritualidade que a faz visitar lugares religiosos, nos quais possa ver artes sacras etc. Porém, ao chegar em Aparecida, ela se emocionou, ou seja, foi tocada de uma forma diferente das experiências mais comuns ao turismo religioso. Se, além de casos como o de Renata, ainda forem considerados os relatos dos que atribuem ao esforço físico um sentido de “ato penitencial” e supõem que o enfrentamento dos obstáculos dos percursos analisados exige “fé”, não há dúvidas de que, mesmo naqueles casos em que não se declara explicitamente uma motivação específica, o deslocamento pode se configurar aos moldes uma peregrinação, aliás, muito compatíveis com as dimensões da peregrinação apresentadas no Diretório de Piedade Popular e Liturgia, que baliza as posições oficiais da Igreja a este respeito.

Onde está a religião? Ela está nas imagens captadas de gestos e da “encenação” do deslocamento chamando peregrinação. A religião está no peregrino que reza, supera dificuldades, se confraterniza, se alegra e se emociona ao chegar diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida, cuja história de ter sido encontrada por pescadores e operado sucessivos milagres guarda uma enorme intertextualidade com passagens bíblicas, tais como a “pesca milagrosa” no lago de Genesaré, ou com a “mulher vestida de sol” do Apocalipse, mas é narrada pela tradição oral, popular, de gente simples, humilde e pouco erudita.

Essa mesma gente humilde começou a devoção a Nossa Senhora Aparecida, com rezas de terço em suas próprias casas, envolvendo três famílias, depois em oratórios e capelas improvisadas, ampliando o envolvimento para a vila e a cidade inteiras, até que se achasse uma igreja para colocar a imagem, alcançando devoção em todo território nacional. O que os três pescadores que acharam

a imagem pensariam, se se deparassem com a imponente Basílica de Aparecida? Não obstante tamanha estrutura física e institucional, a devoção mariana atravessa séculos sem ter liturgia própria, baseada na fé popular, por adesão voluntária do devoto, que acredita que ao colocar suas súplicas aos pés de Nossa Senhora Aparecida, como tantos outros devotos já o fizeram ao longo do tempo, será atendido: um dos gestos mais expressivos de religiosidade popular.

Também de adesão voluntária, não menos popular em sua origem e cheias de memórias, são as peregrinações. A peregrinação católica distingue duas moradas: a do fiel, do devoto, e a do santo ou santa de devoção, no presente caso, a do fiel e a de Nossa Senhora Aparecida. Quando se deslocam para o santuário para prestar homenagens, os devotos qualificam e estratificam os espaços. Há um centro onde fica o santo, uma periferia onde ficam aqueles que lhe prestam devoção e um caminho que sai da morada do peregrino, por meio do qual ele se afasta, morre para a rotina diária, redescobre o que é essencial à sua vida, abrindo mão do supérfluo, sofrendo voluntariamente as dificuldades do percurso como forma de se penitenciar para, ao final, se aproximar do Sagrado e lhe prestar louvor. Aqui também se verifica um *topos* comum a várias teorias que abordam o fenômeno religioso, a saber, que as peregrinações efetuam a transição entre a existência profana e os tempos e locais sagrados.

A Peregrinação Mariana é o encontro de duas piedades populares, de duas manifestações de religiosidade popular. Também dupla é a sua adesão: o devoto escolhe depositar seu louvor, sua gratidão, sua súplica ou seu pedido aos pés de Maria, na figura de Nossa Senhora Aparecida, e também escolhe traduzir toda essa devoção percorrendo um caminho longo e repleto de dificuldades em direção ao Santuário. A faixa e o bastão, que identificavam o peregrino medieval, foram substituídos, objetivamente, no caso dos peregrinos modernos. Todavia, simbolicamente podem ser encontradas nas camisetas com um distintivo de sua devoção. Aliás, o bastão ainda pode ser visto, mesmo que, em alguns casos, fabricado com algum material especialmente desenvolvido pela indústria para fins de atender caminhantes e aventureiros.

A Igreja Católica pode insistir no termo “piedade popular” como forma de distinguir as manifestações que ocorrem no interior de sua tradição da religiosidade popular mais ampla, que é um fenômeno universal encontrado em qualquer religião. No entanto, certamente não são essas formalidades que povoam o coração do peregrino que embarca no “Caminho da Fé” e na “Rota da Luz”. Ao invés de rigor doutrinário, o que se busca é afastar-se do profano e se aproximar do sagrado, prestar louvores à mãe de Jesus, repetindo um ritual que a Igreja não deu formato acabado, mas que evoca uma tradição cunhada através dos séculos.

Essa deve ser a razão pelo qual as rotas brasileiras procuram traçar paralelos com a rota de Santiago de Compostela: emprestar para si a legitimidade e a antiguidade que a rota medieval

proporciona. Mas, pelo que foi possível observar nos vídeos analisados durante a pesquisa, nem é mais necessário um tal expediente, pois, em que pese o fato de as pessoas não declarem explícita ou verbalmente que estão demonstrando sua religiosidade ao realizar o percurso, essa se faz presente e se dá como discurso implícito, subliminar, através das imagens. Essas últimas, sim, quase sempre explicitamente religiosas.

Remeto-me, novamente, ao relato de Franzoni, que afirma ter se emocionado ao chegar em Aparecida, após cumprir um dos trajetos discutidos nesta dissertação, mesmo que anteriormente tenha se declarado sem religião. Tal conduta revela um dos traços marcantes da “piedade popular”: é profundamente religiosa, mas nega ou desconsidera o conceito. De modo semelhante, o que se vê nos vídeos analisados é que, se falta uma profissão explícita de fé por meio de palavras, as imagens, a iconografia e os códigos de religião como prática estão todos presentes: se falta discurso verbal, abundam insinuações imagéticas, que remontam a práticas devocionais apropriadas de peregrinações mais antigas ou mesmo apropriadas de costumes religiosos adaptados à prática de peregrinação tais como rezar o terço enquanto se caminha.

Os peregrinos documentam em seus vídeos diversas igrejas, imagens de santos e santas, cruzeiros que veem pelo caminho, assim como seus momentos de oração, superação das dificuldades como penitência ou como louvor a Deus: “se está difícil, está faltando fé” e, por outro lado, “se cumpriu sua meta, sua fé foi recompensada”, pecados foram expiados e Nossa Senhora “está vendo”. A religião também está documentada nos momentos de solidariedade e fraternidade entre os peregrinos e com as pessoas com quem eles interagem. Essa interação gera uma relação festiva, mas em uma dimensão sacra. A relação é sempre entendida como tendo uma “mão dupla”: o peregrino é grato pelo acolhimento, ao passo que recebe pedido para encaminhar orações. O respeito é mútuo e o laço formado entre os peregrinos e aqueles que o cercam são, ao mesmo tempo, de felicidade, respeito e sacralidade. A religião está na confraternização documentada em vídeo.

O contato com a natureza – a “contemplação da obra divina” –, a simbologia dos elementos da natureza, observada em expressões que sugerem que a água é vida, a montanha é local de contemplação e aproximação de Deus, as frutas que aparecem no caminho são dádivas etc., estão documentados em todos os vídeos analisados, seja isoladamente, combinados aleatoriamente, ou em conjunto: a religiosidade está lá, presente, na sugestão imagética de cada imagem, em cada detalhe para ser visto. E, se a Igreja permite espontaneidade, mesmo estabelecendo algumas regras para contê-la, o peregrino, respeitosamente, manifesta sua religião ligando o profano ao sagrado, “orando com os pés”, encenando o paradigma da *via crucis*, intermediando pedidos, para que, ao final da caminhada, traduza sua emoção em devoção e louvor, aos pés de Nossa Senhora Aparecida.

REFERÊNCIAS

Fontes audiovisuais

CAMINHO DA FÉ . Produtor: Cristiano Bernacci. Local: Brasil, 2021. *Online* (1:07:58min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZuFRLesIvKY>. Acesso em 17 fev 2022.

CAMINHO DA FÉ 2021. Produtor: Daniel Barros. Local: Brasil, 2021. *Online* (29:03min). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=J66tUgdKi_c. Acesso em 17 fev 2022.

CAMINHO DA FÉ: A MÁGICA JORNADA DE PEREGRINAÇÃO. Produtor: Comunidade *Natrilbas*. Local: Brasil, 2020. *Online* (3:29min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ayo99gWBZwg>. Acesso em 17 fev 2022.

CAMINHO DA FÉ E CHEGADA EMOCIONANTE A APARECIDA. Produtor: *Bike é legal*. Local: Brasil, 2017. *Online* (24:53min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KT-oahVxoas&t=559s>. Acesso em: 17 fev 2022.

CAMINHO DA FÉ EM 1 DIA. Produtor: Gustavo Cassim. Local: Brasil, 2020. *Online* (10:17min). Disponível em: <https://youtu.be/jYAc4vR24g4>. Acesso em 17 fev 2022.

CAMINHO DA FÉ, O VERDADEIRO CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA BRASILEIRO. Produção: Olinto e Rafaela Cicloturismo. Local: Brasil, 2019. *Online* (12:10min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gwRrOBExFlg&t=312s>. Acesso em 17 fev 2022.

CAMINHO DA FÉ: VÍDEO COMPLETO. Produtor: ANGIOLETTI R. Local: Brasil, 2020. *Online* (1:04:57min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=h37ppXWNczo>. Acesso em 17 fev 2022.

DOCUMENTÁRIO CAMINHO DA FÉ. Produção: Camila Bassi. Local: Brasil, 2017. *Online* (12:33min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=07Y-b1y8f84&t=1s>. Acesso em 17 fev 2022.

JORNADA DE *BIKE* PELO CAMINHO DA FÉ. Produtor: PraQuemPedala. Local: Brasil, 2021. *Online* (18:51min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nqtBRD5AaQ8>. Acesso em 17 fev 2022.

O QUE VI NO CAMINHO. EPISÓDIO 1: CAMINHO DA FÉ. Produção: Fernando Godoy. Local: Brasil, 2016. *Online* (37:57min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=I9uarK34f2Y&t=336s> . Acesso em 17 fev 2022.

ROTA DA LUZ 2021. Produtor: Pedalando por São Paulo. Local: Brasil, 2021. *Online* (07:03min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XuPJ2PrJz8Y>. Acesso em 18 fev 2022.

ROTA DA LUZ – BY KAUIJAKK 2018. Produtor: Claudia Jak. Local: Brasil, 2019. *Online* (15:06). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=f4CxR_oXse8. Acesso em 17 fev 2022.

ROTA DA LUZ COM DICAS – DE SUZANO A APARECIDA. Produtor: *Bike na lama*. Local: Brasil, 2021. *Online* (45:39min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zYwrKEL4VW8>. Acesso em 18 fev 2022.

ROTA DA LUZ DE BICICLETA ATÉ APARECIDA COMPLETO 2021 EM 4K. Produtor: Vinicius Oliveira - Cicloturismo. Local: Brasil, 2021. *Online* (25:22min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5GIgh_1kQqg. Acesso em 17 fev 2022.

ROTA DA LUZ – MOGI DAS CRUZES ATÉ APARECIDA – DE 20 A 22/11/2020. Produtor: TM Disciplina Aquática. Local: Brasil, 2020. *Online* (19:44min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jtH2I4snY4k>. Acesso em 17 fev 2022.

ROTA DA LUZ – PEDAL PARA INICIANTE? Produtor: Mundo Peba. Local: Brasil, 2022. *Online* (09:47). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BsAp5Jqu8PA>. Acesso em 18 fev 2022.

ROTA DA LUZ – RIBEIRÃO PIRES ATÉ APARECIDA DE *BIKE*. Produtor: Caue Colodro. Local: Brasil, 2021. *Online* (09:19min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6ew3XiEYmLw>. Acesso em 17 fev 2022.

ROTA DA LUZ – SP. Produtor: Viagem de *Bike*. Local: Brasil, 2021. *Online* (21:54min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0C-APITENXo>. Acesso em 17 fev 2022.

ROTA DA LUZ – UM LINDO CAMINHO, MAS... Produtor: Longas Distâncias. Local: Brasil, 2020. *Online* (31:40min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ewfc9rmArVY>. Acesso em 17 fev 2022.

SEGREDOS DA ROTA DA LUZ COM GUGA BARRETO. Produtor: Guga Barreto, Peregrino da Fé. Local: Brasil, 2020. *Online* (43:59min). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=J4_se0eaYtc. Acesso em 17 fev 2022.

Referências bibliográficas

ALVAREZ, R. **Aparecida**: a biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil. Edição Ampliada e Ilustrada. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2017.

ARQUIDIOCESE DE APARECIDA. *Aparecida*: ArqAparecida.c2000. Disponível em: <https://arqaparecida.org.br>. Acesso em: 21 maio 2021

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2010.

BONACORCI, R. O Diário de um Mago – A História mágica de Paulo Coelho. **Bonas Histórias: blog de literatura, cultura e entretenimento**, 08 set 2016. Disponível em: <https://www.bonashistorias.com.br/single-post/2016/09/08/livros-o-diario-de-um-mago-a-historia-magica-de-paulo-coelho>. Acesso em 18 fev 2022.

BRUSTOLONI, J. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**. Edição do Kindle. Aparecida: Editora Santuário, 1998.

CALVELLI, H. G. A **“Santiago de Compostela” Brasileira**: Religião, turismo e consumo na peregrinação pelo Caminho da Fé. 2006. 194 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora.

CAMINHO DA FÉ. 2017. Disponível em www.caminhodafe.com.br. Acesso em 07 fev 2022.

CASSIANO, E. D. Sobre Latria, dulia e hiperdulia: As diferentes formas de culto na Igreja Católica. **A12.com**. 06 fev 2015. Academia Marial. Disponível em: <https://www.a12.com/academia/catequese/sobre-latria-dulia-e-hiperdulia>. Acesso em 18 fev 2022.

CAVACA, O. De quem é essa imagem? *In*: GUIMARÃES, V. **Iconografia de Aparecida - Teologia da Imagem**. São Paulo: Paulus, 2016.

CAVALHEIRO, E. Semelhanças entre as imagens de Aparecida e Altötting. **A12.com**. 08 out 2019. Disponível em: <https://www.a12.com/redentoristas/noticias/semelhancas-entre-a-virgem-de-altoetting-e-nossa-senhora-aparecida>. Acesso em 18 fev 2022.

CHAGAS, G. Veja a trajetória e 7 curiosidades sobre a vida de Donizetti Tavares de Lima, o Padre que virou Beato. **g1.globo.com**. 19 nov 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/11/19/veja-a-trajetoria-e-7-curiosidades-sobre-a-vida-de-donizetti-tavares-de-lima-o-padre-que-virou-beato.ghtml>. Acesso em 18 fev 2022.

COELHO, P. **Diário de um Mago**. São Paulo: Paralela, 2017.

CONEGERO, D. Quem era a deusa Diana de Éfeso? **Estilo Adoração**. Disponível em: <https://estiladoracao.com/deusa-diana-de-efeso>. Acesso em 18 fev 2022.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. DIRECTORY ON POPULAR PIETY AND THE LITURGY PRINCIPLES AND GUIDELINES. **Vatican.va**, 2001. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_en.html#INTRODUCTION. Acesso em 18 fev 2022.

FERNANDES, R. C. **Os Cavaleiros do Bom Jesus**: Uma Introdução às Religiões Populares. Brasília: Brasiliense, 1982.

FERNANDES, R. C. Religiões Populares: uma Visão Parcial da Literatura Recente. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, nº 18, segundo semestre 1984, p. 3-26.

FERNANDES, R. C. **Romarias da Paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FLOR, F. M. Z. **A devoção Mariana pelas Ondas do Rádio**: Um estudo de caso sobre o programa Consagração a Nossa Senhora Aparecida. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.

GARCIA, I. A. M. *El Culto Mariano en America Latina*. **Boletín Informativo de Investigación educativa – Volume IV**, Tepeyac, Fevereiro 2013, p. 15-22.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Biblioteca Vértice, 1990.

HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento**. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**. Edição revisada de acordo com o texto original em Latim. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

JOÃO PAULO II, Papa. **Constituição Apostólica Pastor Bonus sobre a Cúria Romana**. Vaticano: vatican.va. 20 jun 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus.html. Acesso em 18 fev 2022.

JÚNIOR, P. C. Quais foram as moradas de Nossa Senhora Aparecida. **A12.com**, 12 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.a12.com/redacaoa12/quais-foram-as-moradas-de-nossa-senhora-aparecida>>. Acesso em 18 fev 2022.

KARNAL, L. Nossa Senhora Aparecida. Impossível entender o Brasil sem ela. Produtor: Prazer, Karnal. Canal oficial de Lenadro Karnal. Brasil: 05 mai 2020. *Online* (14:59min). Disponível em: <<https://youtu.be/k1YigQxxoUQ>>. Acesso em 18 fev 2022.

KÜMMEL, W. G. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1982.

LUGARES Sagrados: Os melhores locais para uma peregrinação budista ou viagem espiritual. **olharbudista.com**. 22/01/2018. Disponível em: <https://olharbudista.com/2018/01/22/lugares-sagrados-os-melhores-locais-para-uma-peregrinacao-budista-ou-viagem-espiritual-parte-1-de-3/>. Acesso em 18 fev 2022.

MEDEIROS, P. I. D. História da Igreja na América Latina: a Lei do Padroado. **A12.com**. 20 dez 2014. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/historia-da-igreja/historia-da-igreja-na-america-latina>. Acesso em 18 fev 2022.

MORA, O. **A paciência e descontração no Caminho da Fé**. Ribeirão Preto: Editora do autor, 2006.

MOTARA, F. Uma rua chamada Paulo Coelho. **ESTADÃO**. 04 set 2015. Viagem. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/blogs/viagem/uma-rua-chamada-paulo-coelho>. Acesso em 18 fev 2022.

OLIVEIRA, E. Procissões: De estratégia de territorialidade à expressão de religiosidade popular. *In: Sacrilegens* – Revista dos alunos do programa de Pós graduação em ciências da religião - UFJF, 2012. p. 15-32.

OLIVEIRA, J. **Canção nova e as peregrinações pós-modernas**. Edição do Kindle. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

PAULO VI, Papa. **Marialis Cultus**. Exortação apostólica do Santo Padre para a reta ordenação e desenvolvimento do culto a bem-aventurada virgem Maria. Vaticano. **Vatican.va**, 1974. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em 18 fev 2022.

PAULO VI, Papa. **Evangelii Nuntiandi**. Exortação apostólica do Santo Padre sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Vaticano. **Vatican.va**, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em 18 fev 2022.

PIO, IX, Papa. **Ineffabilis Deus** – A Imaculada Conceição. Vaticano. **Papalencyclicals.net**. 1854. Disponível em: <https://www.papalencyclicals.net/Pius09/p9ineff.htm>. Acesso em 18 fev 2022.

PIO XII, Papa. **Munificentissimus Deus** sobre a definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu. **vatican.va**, 11 jan. 1950. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html. Acesso em 18 fev 2022.

QUAL era o significado da estátua de Ártemis de Éfeso. **greelane.com**. 10 jan 2020. Disponível em <https://www.greelane.com/pt/humanidades/artes-visuais/artemis-of-ephesus-116920>. Acesso em 18 fev 2022.

READER, I. **Pilgrimage: A Very Short Introduction**. Edição do Kindle. Oxford: Oxford University Press, 2015.

RODRIGUES, F. Gráfico mostra em números tamanho do Santuário Nacional de Aparecida. **G1 - Vale do Paraíba**. 12 out 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/festa-da-padroeira/2015/noticia/2015/10/grafico-mostra-em-numeros-tamanho-do-santuario-nacional-de-aparecida.html>. Acesso em 18 fev 2022.

ROTA DA LUZ SP. São Paulo. Disponível em: <http://www.rotadaluzsp.com.br/publico/>. Acesso em 18 fev. 2022.

SANCHIS, P. Peregrinação e Romaria: Um Lugar pra o Turismo Religioso. **Ciências Sociais e da Religião**, n.8., 2006.

SANCHIS, P. **Religião, cultura e identidades**. Edição do Kindle. Petrópolis: Vozes, 2018

SEMELHANÇAS entre as imagens de Aparecida de Altötting. **A12.com**. 08 out 2019. Disponível em <https://www.a12.com/redentoristas/noticias/semelhancas-entre-a-virgem-de-altoetting-e-nossa-senhora-aparecida>. Acesso em 18 fev 2022.

STEIL, C. A. Romeiros e Turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. *In: Horizontes Antropológicos*, ano 9, n. 20, p. 249-261, outubro de 2003, Porto Alegre. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000200013>. Acesso em 18 fev 2022.

STEIL, C. A.; CARNEIRO, S. S. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. *In: Religião e Sociedade*, v. 28, n. 1, p. 105-124, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0100-85872008000100006>. Acesso em 18 fev 2022.

TOSI, A. Cibele: A deusa representada por uma “pedra caída do céu”. **Meteoríticas**, 21 ago 2020. Disponível em <https://www.meteoritos.com.br/cibele-a-deusa-representada-por-uma-pedra-caida-do-ceu/>. Acesso em 18 fev 2022.

TREVISAN, A. **O culto à Virgem Maria no Ocidente e sua influência na Emancipação Feminina**. Anais do Congresso de Mariologia: piedade popular, cultura e teologia. Porto Alegre: PUCRS, 2017.

TURNER, V.; Turner, E. **Image and Pilgrimage in Christian Culture**. Edição do Kindle. Nova York: Columbia University Press, 1978.

VILLA, A. Diário de um Mago - Paulo Coelho. **Beco das Palavras**. 12 maio 2020. Disponível em <https://becodaspalavras.com/2020/05/12/diario-de-um-mago-paulo-coelho>. Acesso em 18 fev 2022.

VON ZUBEN, N. A.; LANDGRAF, R. D. Piedade Mariana e o Culto a Maria: Um olhar a partir do Diretório de Piedade Popular e Liturgia e da Exortação Apostólica Marialis Cultus. **Revista de Cultura Teológica**, n. 91, 2018. Disponível em <http://doi.org/10.23925/rct.i91.3697>. Acesso em 18 fev 2022.

WEBER, D. R. L. Nossa Senhora da Conceição. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**. 01 maio 2018. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/nossa-senhora-da-conceicao>. Acesso em 18 fev 2022.